

Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI

Andréia Guerini
Marie-Hélène Catherine Torres
Walter Carlos Costa
(Orgs.)

Os Estudos da Tradução
no Brasil nos séculos XX e XXI

Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI

ANDRÉIA GUERINI
MARIE-HÉLÈNE CATHERINE TORRES
WALTER CARLOS COSTA (ORGS.)

GRÁFICA
Copiar
EDITORA

PGET/UFSC

© 2013 by Copiart/PGET-UFSC

Os direitos pertencem aos organizadores

Revisão

Evillyn Kjellin, Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Walter Carlos Costa

Projeto gráfico, diagramação e capa

Rita Motta - www.editoratribo.blogspot.com

Impressão

Gráfica e Editora Copiart

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E85 Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI /
Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres,
Walter Carlos Costa (org.) - - Tubarão : Ed. Copiart ;
Florianópolis : PGET/UFSC, 2013.
236 p. ; 23 cm
ISBN 978.85.99554.87.6

1. Tradução e interpretação. 2. Literatura brasileira. I.
Guerini, Andréia. II. Torres, Marie-Hélène Catherine. III.
Costa, Walter Carlos.

CDD (21. ed.) 418.02

Sumário

Apresentação	7
Andréia Guerini, Marie-Hélène Torres e Walter Carlos Costa	
Um pioneirismo inesperado: breve história da PGET/UFSC	13
Andréia Guerini, Marie-Hélène Torres e Walter Carlos Costa	
Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI: ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução?.....	33
Maria Lúcia Vasconcellos	
Os Estudos de Tradução nos programas brasileiros de pós-graduação.....	51
Cristina Carneiro Rodrigues	
Os Estudos da Tradução na Universidade de Brasília: graduação e pós-graduação	71
Germana Henriques Pereira e Mark David Ridd	
Os Estudos da Tradução no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará.....	85
Carlos Augusto Viana da Silva, Luana Ferreira de Freitas e Tito Lívio Cruz Romão	

A institucionalização da tradução na UFPR: 2001-2011, dez anos do
Bacharelado Acadêmico em Estudos da Tradução.....101

Mauricio Mendonça Cardozo

A formação em tradução na Universidade Federal do Rio Grande do Sul 121

Cleci Regina Bevilacqua e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Os Estudos da Tradução na Universidade Federal da Paraíba: pela criação
de um polo de referência regional135

Marta Pragana Dantas, Maura Regina Dourado e Roberto Carlos de Assis

Expansão da Área de Tradução: um desafio para as novas integrantes....153

Marisa Helena Degasperi

Modelagem da produção de significados em tarefas tradutórias.....163

Adriana Pagano, Fabio Alves e Igor A. Lourenço da Silva

A tradução literária em revista no Brasil: aproximações191

Barbara Carolina Dias e Álvaro Silveira Faleiros

A avaliação da tradução de poesia: uma pesquisa em andamento221

Paulo Henriques Britto

Apresentação

Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI

Este livro tem como objetivo principal mostrar como os Estudos da Tradução se desenvolveram no contexto acadêmico brasileiro, com informações sobre a história dos cursos, os seus processos idiossincráticos de desenvolvimento e as pesquisas em tradução. Ademais, o livro também quer dar visibilidade à área de Estudos da Tradução, área que está em amplo crescimento e com um potencial enorme de expansão no Brasil. Até o presente momento, existem no Brasil três programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, a Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC desde 2004, a Pós-Graduação em Tradução (POSTRAD) da UnB desde 2011 e a Pós-Graduação em Tradução da USP (TRADUSP) desde 2012, mas outros estão sendo criados, como o da Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal da Paraíba.

Assim, o primeiro capítulo intitulado “Um pioneirismo inesperado: breve história da PGET/UFSC”, escrito por Andréia Guerini, Marie-Hélène Torres e Walter Carlos Costa, apresenta a Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, o primeiro

programa *stricto sensu* no país aprovado pela Capes em 2003 e totalmente dedicado aos Estudos da Tradução. Os autores mostram as peculiaridades do programa, inclusive o fato de a tradução literária ter um peso maior do que em outros programas e instituições.

No segundo capítulo, “Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI: ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução?”, Maria Lúcia Vasconcellos, uma das pioneiras no mapeamento dos Estudos da Tradução no país, faz uma reflexão sobre a configuração atual dos Estudos da Tradução no Brasil que permite explorar a questão central da identidade disciplinar e da narrativa conceitual. Tenta responder às perguntas “O que éramos ontem?”, “O que somos hoje?” e “O que queremos ser amanhã?” a partir de um histórico da área e de uma atualização do mapeamento da disciplina no Brasil.

Em “Os estudos de tradução nos programas brasileiros de pós-graduação”, Cristina Carneiro Rodrigues “busca em que momento ou momentos os estudos da tradução começam a se firmar, no Brasil, enquanto área de concentração ou linha de pesquisa nos programas de pós-graduação” a partir da pesquisa de Pagano e Vasconcellos (2003), que mapeia a produção de teses e dissertações sobre tradução por pesquisadores brasileiros até 2001 e pelo balanço dos estudos da tradução no Brasil publicado por Frota (2007). A autora faz também um minucioso histórico dos programas brasileiros de pós-graduação que trabalham com pesquisas em tradução.

O capítulo “Os Estudos da Tradução na Universidade de Brasília: graduação e pós-graduação”, de Germana Henriques Pereira e Mark David Ridd, traça o perfil e a tradição da UnB nos estudos de tradução do Bacharelado em Letras-Tradução criado em 1979 ao Programa de Pós-Graduação (POSTRAD) criado em 2011. Os autores mostram ainda como as parcerias

entre os diferentes agentes do mercado de trabalho (embaixadas, organizações internacionais e setores governamentais) e a universidade trazem benefícios para a formação de tradutores e multiplicam as pesquisas na área de tradução.

No capítulo seguinte, Carlos Augusto Viana da Silva, Luana Ferreira de Freitas e Tito Lívio Cruz Romão tratam dos Estudos da Tradução no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará. Relatam a história dos estudos da tradução desde os anos 1960 nos cursos de graduação das diversas línguas, principalmente francês e inglês e da pós-graduação *lato sensu* em Tradução criada em 1994. Destacam um diferencial, isto é, que os Estudos de Interpretação foram impulsionados por Tito Lívio Cruz Romão, docente da UFC e intérprete alemão-português a partir de outubro de 1995. Fazem ainda um histórico detalhado da evolução da antiga Pós-graduação em Tradução *lato sensu* para o novo Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução *lato sensu* que foi aberto em 2009 no DLE, com ofertas para sete línguas: alemão, espanhol, francês, grego, inglês, italiano e latim.

Mauricio Mendonça Cardozo em “A institucionalização da tradução na Universidade Federal do Paraná: 10 anos do Bacharelado acadêmico em Estudos da Tradução” estabelece como marco a criação do *Núcleo de Tradução* (NUT-UFPR) em 1998. Enfatiza que, após a criação do Bacharelado acadêmico em Estudos da Tradução em 2001, o Programa de Pós-Graduação em Letras criou uma linha de pesquisa em *Estudos da Tradução*. O autor pormenoriza os currículos de tradução, listando os trabalhos de conclusão de curso de todas as línguas.

Em “A Formação em Tradução na Universidade Federal do Rio Grande do Sul”, Cleci Regina Bevilacqua e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

fazem uma retrospectiva do curso de Tradutor-Intérprete do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um dos mais antigos do Brasil, pois foi criado em 1973, ou seja, há 40 anos. Mostram como, após ampla reformulação do currículo em 2010, o curso privilegia a formação de tradutores em seis línguas: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e, mais recentemente, japonês.

“Os Estudos da Tradução na Universidade Federal da Paraíba: pela criação de um polo de referência regional”, por Marta Pragana Dantas, Maura Regina Dourado e Roberto Carlos de Assis, versa sobre o balanço do curso de Bacharelado em Tradução criado em 2009 em francês, inglês, alemão e espanhol, que tem como diferencial do currículo a formação em duas línguas estrangeiras. Os autores ainda apontam para a evolução acadêmica dos Estudos da Tradução em relação à formação de docentes com a implantação do Doutorado Interinstitucional em Estudos da Tradução (DINTER, 2010-2014), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

O capítulo “Expansão da Área de Tradução: um desafio para as novas integrantes”, de Marisa Helena Degasperi faz um breve histórico do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) fundado no primeiro semestre de 2010. Aponta, principalmente, para os benefícios que a reestruturação dos cursos de Letras trouxeram para a expansão da Área de Tradução Espanhol-Português e Inglês-Português.

Em “Modelagem da produção de significados em tarefas tradutórias”, Adriana Pagano, Fabio Alves e Igor A. Lourenço da Silva examinam o processo tradutório a partir dos recentes avanços tecnológicos que permitem a relativamente fácil implementação de *softwares* e *hardwares*, como por exemplo o registro de toques de teclado e *trackpad/mouse* (*keylogging*) e o monitoramento da fixação ocular (*eye tracking*). Com um enfoque específico

quanto ao comportamento do tradutor humano, os autores apresentam suas pesquisas sobre o processo tradutório desenvolvidas no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras da UFMG.

No capítulo “A tradução literária em revista no Brasil: aproximações”, Barbara Carolina Dias e Álvaro Silveira Faleiros, refletem sobre o lugar da tradução literária em cinco revistas dedicadas à tradução, a saber: *Tradução & Comunicação* (1981), *TradTerm* (1994), *Cadernos de Tradução* (1996), *Cadernos de Literatura em Tradução* (1997), *Tradução em Revista* (2004) e *Scientia Translationis* (2005). Analisaram os 447 artigos selecionados para o *corpus* em estudo num período de 30 anos de forma diacrônica e sincrônica.

Finalmente, o tradutor, poeta e professor de tradução da PUC do Rio de Janeiro, Paulo Henriques Britto, faz um balanço dos estudos de tradução poética, em que o Brasil ocupa um lugar de destaque no mundo, no texto intitulado “A avaliação da tradução de poesia: uma pesquisa em andamento”. A partir da constatação de que se traduz cada vez mais poesia no Brasil, Britto propõe uma metodologia para estudar traduções de poesia com o intuito de fazer avaliações comparativas dos originais e das traduções. O autor esmiúça traduções de poesia do inglês para o português e apresenta a criação de uma notação padronizada que permite, ao realizar comparações entre originais e traduções utilizando o mesmo repertório limitado de símbolos, a análise de poemas em diferentes idiomas.

Para finalizar, esperamos que este livro possa mostrar a importância das pesquisas em tradução em âmbito acadêmico no Brasil.

Andréia Guerini

Marie-Hélène Catherine Torres

Walter Carlos Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Um pioneirismo inesperado: breve história da PGET/UFSC

Andréia Guerini

Marie-Hélène Torres

Walter Carlos Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

A PGET (Pós-Graduação em Estudos da Tradução) nasceu em 2003 e teve a sua primeira turma em 2004 graças ao esforço conjunto de um grupo de pesquisadores que atuavam direta ou indiretamente no campo da tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O curso em nível de pós-graduação *stricto sensu* foi o primeiro do Brasil e, em nível de doutorado específico, o primeiro da América Latina. Neste artigo tentamos explicar esse inesperado pioneirismo, já que a pesquisa em tradução na UFSC surgiu depois de outras universidades como UnB, USP, UNESP, UNICAMP, PUC-Rio, UFRGS e UFC. Ela surgiu também de maneira um tanto idiossincrática. Salvo o trabalho pioneiro da Profa. Rosa

Weingold Konder, na PGI (Pós-Graduação em Inglês) da UFSC, o grupo inicial de pesquisadores em tradução, Walter Costa, Marie Helene Torres e Mauri Furlan, se reuniu primeiro não, como é hábito, em um programa de pós-graduação, mas em torno de uma revista, os *Cadernos de Tradução* (<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao>), e, em seguida (grças a um convite de Maria Paula Frota), em um Núcleo de Tradução ligado ao GT de Tradução da Anpoll, depois em linhas de pesquisa nas pós-graduações de Literatura, Linguística e Inglês da UFSC, e só mais tarde em uma pós-graduação específica, a PGET.

Ademais, o núcleo inicial era muito ligado à literatura, à tradução literária e à edição. Com o passar dos anos, foram sendo incorporados outros colegas ligados à linguística funcional britânica, à linguística de corpora, à tradução do texto jornalístico, de literatura infanto-juvenil, do best-seller, do texto sensível e do texto teatral e, mais recentemente, aos estudos de Libras (Língua Brasileira de Sinais).

A evolução do grupo inicial acompanhou também a evolução do país e da própria UFSC, que, como muitas federais, de uma universidade de ensino foi se transformando progressivamente em uma universidade de pesquisa, de tal modo que atualmente um terço de seus alunos são alunos de pós-graduação, sendo que as quatro pós-graduações em Letras somam cerca de 500 alunos.

O grande momento aconteceu, como referido anteriormente, em 2003, quando a CAPES aprovou a criação na UFSC da PGET, inicialmente como mestrado nota 3. Na primeira avaliação, em 2006, o mestrado recebeu nota 4 e em 2008 foi aprovado o Doutorado com nota 5. Atualmente o programa conta com 41 docentes, dos quais 04 são professores visitantes do exterior (Berthold Zilly, professor visitante CAPES, José Lambert, professor

visitante REUNI/UFSC, Rachel Sutton-Spence, professora visitante CAPES e Amina di Munno, professora visitante CNPq), 81 mestrandos e 94 doutorandos, perfazendo um total de 175 alunos, sem contarmos com os atuais 16 pós-doutorandos. Em 14 de maio de 2013, havia 12 teses e 151 dissertações defendidas disponíveis integralmente on-line em: http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes_defendidas.php.

A PGET nasceu com apenas duas linhas de pesquisa: Teoria, Crítica e História da Tradução e Lexicografia, Ensino de Línguas e Tradução. Em 2010, criamos uma terceira linha de pesquisa, Estudos da Interpretação, devido, principalmente, à demanda de pesquisadores em Libras que buscavam qualificação, pois a UFSC se transformou em um dos mais importantes polos irradiadores dos estudos em Libras, com um curso de graduação a distância e outro presencial. Essa linha de pesquisa começou com 03 pesquisadores e agora já conta com 06, sendo que dois deles são professores surdos. É uma linha que tende a crescer, visto que novos professores serão contratados nos próximos anos.

Entre os vários fatores que podem explicar a grande expansão da PGET, acreditamos merecer destaque os seguintes: 1. um espírito interdisciplinar, interdepartamental, inter-regional e internacional; 2. uma postura antiburocrática e de estímulo à inovação e 3. o peso da tradução literária no programa. Esses três fatores estão, naturalmente, entrelaçados e se enriquecem mutuamente, contribuindo para que a PGET tenha crescido em um ritmo inesperado, já que ela está localizada em uma cidade que não possui condições favoráveis com uma grande indústria editorial (como São Paulo e Rio) e que não conta com um grande número de entidades internacionais (como Brasília).

O espírito interdisciplinar, interdepartamental, inter-regional e internacional, que tem sido uma das marcas da PGET, tem a ver, entre outros,

com a combinação de certos traços do colegiado, da UFSC e do próprio estado de Santa Catarina. O colegiado da PGET contou, desde o início, com um elevado número de professores estrangeiros e de brasileiros, de diferentes estados, a maioria com longos anos de vivência no exterior. Isso se deve à própria história da instituição, que durante suas primeiras décadas não possuía doutorado próprio na maioria das carreiras, de modo que a maioria dos professores fizeram seu doutorado em outras instituições nacionais e estrangeiras. Muitos desses estrangeiros e brasileiros de outros estados puderam entrar por concurso na UFSC, tanto pela política da instituição de não privilegiar seus próprios doutores como pelo interesse deles em morar em uma pequena capital e trabalhar em uma universidade com certas especificidades. Algumas dessas especificidades podem ser consideradas virtudes, por exemplo, em relação à cidade: praias, preservação ecológica da cobertura vegetal, menor desigualdade social, baixas taxas de pobreza e violência; em relação à instituição: boas, e até ótimas, instalações físicas, pouca burocracia, abertura à inovação, facilidade interna de levar adiante projetos, tanto coletivos como individuais, tanto para professores veteranos como ingressados há pouco na carreira. De fato, as condições da cidade e da instituição mudaram radicalmente nas últimas duas décadas, com a cidade passando de lugar desconhecido a lugar da moda nacional e internacional e a UFSC passando de universidade de província a uma das principais universidades do país. Assim, a instituição passou a atrair um número crescente de pesquisadores estrangeiros e de outros estados, tanto por concurso público para atuação permanente como por convite para atuação por tempo limitado. Atualmente, a PGET conta com 11 professores estrangeiros, ou seja, 26% do total de professores permanentes do quadro da UFSC e com residência no país. Há também um grande número de professores que passaram períodos de formação no exterior, em graduação,

doutorado e pós-doutorado ou a trabalho. Embora a maioria tenha residido na Europa e nos Estados Unidos, há professores com experiência de ter vivido na América Hispânica, Austrália, Oriente Médio e China. Esses laços são particularmente fortes com Alemanha, França, Bélgica, Itália, Espanha, Estados Unidos, Canadá, Uruguai, Argentina, Chile e México.

O espírito interdepartamental se revela no convite sistemático a colegas de outros departamentos, centros e programas de pós-graduação da própria UFSC para participarem de bancas, eventos e também para se credenciarem no colegiado quando há convergência de interesses de pesquisa na interface com a tradução. Assim, embora a maioria dos membros do colegiado da PGET pertença ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, tem havido uma incorporação constante ao longo dos anos de colegas do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e dos centros de Educação e Ciências Humanas (filosofia e antropologia).

As conexões com outras universidades do país foram se estabelecendo ao longo dos anos, tanto pela origem de alguns membros do colegiado como por afinidade de muitos professores com colegas de instituições como as vizinhas UFGRS e UFPR, as paulistas USP, UNICAMP e UNESP, as do Sudeste PUC-Rio, UFRJ, UFF, UFMG, a UnB no Centro-Oeste, UFPB, UFCG e UFC no Nordeste e UFPA, no Norte. Cabe notar que no intercâmbio com essas instituições, a PGET sempre procurou uma colaboração simétrica, de enriquecimento mútuo, tanto com programas recentes ou em fase de consolidação (como o POSTRAD, da UnB) como com programas consolidados (como o POSLIT, da UFMG).

A proximidade física do estado de Santa Catarina com os países hispânicos (especialmente Uruguai, Argentina e Paraguai) propicia contatos informais constantes e uma presença permanente de alunos originários

desses países. Por outro lado, a composição étnica de Santa Catarina produziu ao longo dos anos, entre outros, fortes vínculos acadêmicos com a Itália e com a Alemanha, facilitando a mobilidade regular de mestrandos, doutorandos e professores de e para esses países.

Parte importante do grupo que deu início à PGET contava já com a experiência de participação nos programas de Literatura, Inglês e Linguística da UFSC, que possuíam já linhas de pesquisa em Tradução. Essa convivência, de vários anos, como participantes de uma linha de pesquisa em três programas diferentes fez com que esse grupo inicial procurasse assimilar elementos positivos e tentasse evitar problemas recorrentes. Assim, a filosofia central foi a de perseguir metas acadêmicas com o mínimo de burocracia, tanto para os professores como para os alunos. Entre as medidas que tornaram o programa ágil, estão: política de acolhimento de novos doutores, credenciamento baseado em produtividade, ajuste periódico de linhas de pesquisa, acolhimento sistemático de professores visitantes estrangeiros e nacionais, estímulo a novas áreas e enfoques de pesquisa, estímulo à realização de estágios de pós-doutorado no país e no exterior; estímulo à participação em editais dos órgãos de fomento; discussão periódica de planejamento de carreira de docentes e alunos; política de contato constante com os egressos do programa; estímulo à coorientação com colegas da UFSC e de outras instituições nacionais e estrangeiras; estímulo à realização de cursos compartilhados entre professores da PGET e de outras instituições nacionais ou estrangeiras tanto na UFSC como nessas instituições; estímulo à mobilidade de mestrandos e doutorandos em nível nacional e internacional. Embora a maior parte dos professores da UFSC possua doutorado, houve nos últimos dez anos um acompanhamento daqueles que estavam em processo de formação para que, uma vez concluído o doutorado, pudessem ser incorporados à PGET paulatinamente. O

mesmo ocorreu com os novos contratados, que foram, aliás, numerosos, e que foram sistematicamente procurados pela coordenação para, eventualmente, serem integrados à PGET. Essas medidas garantiram não só a contínua expansão do programa, mas fizeram com que a PGET possua professores em diferentes estágios da carreira docente, contribuindo para uma combinação de tradição e inovação, experiência e entusiasmo.

O terreno favorável à inovação prevalecente na UFSC ocorre também na PGET, onde novas áreas e novos enfoques têm sido acolhidos e estimulados. Entre as novas áreas, estão as interfaces entre tradução e estudos organizacionais, desenvolvida atualmente por José Lambert; crítica genética e tradução, por Sergio Romanelli; estudos de gênero e tradução com Rosvitha Blume; Libras e estudos da tradução, por Ronice Quadros e Markus Weininger; análise do discurso e tradução com Pedro de Souza, e análise crítica do discurso por Viviane Heberle e Carmen Rosa Caldas-Coulthard; tradução de literatura infanto-juvenil com Lincoln Fernandes, Dirce Waltrick do Amarante e Sérgio Medeiros; linguística forense e tradução, antropologia e tradução, psicanálise e tradução. Áreas já consolidadas na PGET receberam novo alento com o ingresso de novas colegas, como foi o caso da lexicografia bilíngue, que recebeu novo impulso com a entrada de Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão.

Um dos traços da PGET é a forte presença dos estudos da tradução literária. De fato, parece ter havido um descompasso entre a evolução internacional da disciplina, que se desenvolve cada vez mais fora do campo literário, e o persistente interesse pela tradução literária. O fenômeno é particularmente forte no Brasil, onde mestrandos, doutorandos e, pesquisadores em geral, mantêm um vivo interesse pela tradução literária, como pode ser constatado pela relação de comunicações dos últimos congressos

da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT). No próximo congresso da ABRAPT, que acontecerá em setembro de 2013, na UFSC, dos 62 simpósios, 30 são dedicados a questões de tradução literária. Esse peso da tradução literária aconteceu desde o início, quando fundamos, em 1996 a revista *Cadernos de Tradução* (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao>). A revista deu grande importância à tradução literária, sempre em uma perspectiva nacional e internacional, com a produção local normalmente não ultrapassando um terço do total. O mesmo se repetiu em uma iniciativa editorial do grupo, a edição da série “Clássicos da Tradução”, volumes bilíngues que recolhem textos importantes de reflexão sobre a tradução. A maioria desses textos pertence à tradição literária de diferentes línguas e países. Até agora, foram publicados quatro volumes (alemão, francês, italiano e multilíngue do Renascimento), os quais serão disponibilizados na Biblioteca Digital da PGET (<http://www.pget.ufsc.br/BibliotecaDigital>) e que colocaram à disposição do público brasileiro textos muitas vezes inacessíveis em suas próprias línguas originárias. A série prevê outros volumes e contou também, desde o início, com traduções de colegas de outras instituições do país e do exterior.

A ligação com a tradução literária e com a edição emprestou outro traço distintivo à pesquisa sobre a tradução na UFSC, especialmente depois de estabelecida a PGET: o contato constante com tradutores, editores, revisores e preparadores de texto. Ao longo dos 10 anos de existência da PGET, o grupo que pesquisa tradução literária convidou sistematicamente tradutores literários para proferirem aulas inaugurais e participarem de mesas-redondas, seminários e colóquios (<http://www.pget.ufsc.br/curso/realizacoes.php>). Os editores de tradução literária também foram sistematicamente convidados para participar de debates com os especialistas em estudos da tradução. Uma das iniciativas desse grupo de tradução literária

foi a publicação on-line do *Dicionário de Tradutores Literários no Brasil* (<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>), contando atualmente com mais de 150 tradutores. Outro projeto em andamento é o do DITRALIP: *Dicionário de tradutores das literaturas de língua portuguesa*, que pretende abarcar os tradutores de literatura de língua portuguesa para o exterior.

Outra iniciativa do grupo de tradução literária da PGET foi o convite de professores visitantes por curtos, médios e longos períodos. De acordo com a ideia de que temos muito que aprender com os tradutores e com os professores-tradutores, tivemos como primeiro convidado John Gledson, um dos mais importantes críticos e tradutores de Machado de Assis. Em seguida, tivemos Inês Oseki, que é pesquisadora da área de estudos da tradução e de literatura comparada em Aix-en-Provence; depois, tivemos e temos ainda a visita/presença de José Lambert, um dos grandes nomes dos estudos da tradução e que durante muito tempo foi muito ativo na literatura comparada e ainda de Berthold Zilly, um dos principais tradutores de literatura brasileira para o alemão e ainda Amina di Munno, professora de literatura brasileira e portuguesa da Università di Genova e uma das principais tradutoras de literatura brasileira na Itália.

O espaço próprio da PGET, que prima pela internacionalização e pela flexibilização acadêmica (por exemplo, não possui disciplinas obrigatórias), tem permitido também uma convivência e interação entre os diferentes enfoques, de tal modo que o texto literário traduzido é objeto de dissertações e teses não apenas do grupo que trabalha com literatura, mas também de colegas ligados aos estudos linguísticos, em diferentes enfoques. Alguns colegas de estudos literários participam de bancas de dissertações e teses feitas a partir de enfoques linguísticos e alguns colegas de estudos

linguísticos participam de bancas de tradução literária. Essa interação é facilitada pelo fato de a PGET não exigir dedicação exclusiva ao programa. De fato, muitos de nossos professores atuam também nas pós-graduações de Inglês, Linguística e Literatura, Antropologia e Filosofia, fazendo com que o programa seja irrigado constantemente com conhecimentos dessas áreas. Esse tipo de perspectiva amplia o caráter inter e transdisciplinar da área Estudos da Tradução.

Outro aspecto diferenciador da PGET é a possibilidade da escrita de dissertações e teses em qualquer língua estrangeira desde que o orientador e a banca sejam proficientes nessa língua. Uma das consequências dessa flexibilidade é que é possível examinar obras traduzidas sob vários ângulos, de acordo com várias tradições culturais e acadêmicas de diferentes países, línguas e culturas.

No ambiente da PGET, de autonomia para as pesquisas referentes à tradução, foi possível retomar uma tradição da área dos Estudos Clássicos e de línguas orientais. Em várias instituições brasileiras, como em várias internacionais, é comum que dissertações e teses sejam constituídas pela tradução de uma obra, ou de parte de uma obra, literária, histórica ou filosófica, seguida de um comentário filológico e/ou crítico. No Brasil, essa tradição recebeu uma inovação importante na USP, com Boris Schnaiderman. Durante décadas, Schnaiderman orientou dissertações e teses que consistiam em traduções comentadas com apoio do melhor da teoria literária, da crítica, da linguística. O resultado foi a formação de uma geração de tradutores que mudou totalmente o panorama da literatura russa publicada no Brasil, antes feita sobretudo através do francês. Inspirado no exemplo de Schnaiderman, que foi convidado a proferir a primeira aula inaugural da PGET, instituímos um outro tipo de dissertação e tese: as dissertações

e teses em tradução comentada, com base não apenas na crítica e na teoria literárias, mas igualmente nos estudos da tradução.

Ligado a esse formato de tradução comentada, o grupo de tradução literária da PGET estabeleceu um acordo de cooperação com o Pós-Lit da UFMG, apoiado financeiramente pela CAPES no programa PROCAD de mobilidade docente e discente, que iniciou em 2010. Este acordo entre a PGET e um programa nota 7 na área dos Estudos Literários contribuiu para fortalecer a colaboração mutuamente enriquecedora de estudos da tradução e estudos clássicos, mas também em relação à interface com teoria literária, literatura comparada e literatura brasileira, outras três áreas fortes no Pós-Lit da UFMG. Além das vindas e idas de professores e alunos dos dois programas, das publicações conjuntas e individuais resultantes desse período, outro importante resultado dessa cooperação foi a criação de uma linha de pesquisa de tradução literária no Pós-Lit, intitulada “Poéticas da Tradução”. Um aspecto importante do grupo de tradução literária da PGET é a interface estudos da tradução literária e literatura comparada. Alguns de nós temos participado da ABRALIC, Associação brasileira de Literatura Comparada, por meio da qual temos organizado simpósios em que se discutem as relações entre literatura traduzida e literatura nacional. Um primeiro resultado desse trabalho, e que aponta para novos desdobramentos, é o livro *Literatura traduzida & literatura nacional*, organizado por Andréia Guerini, Marie-Hélène Torres e Walter Carlos Costa. Outro aspecto é o da historiografia, tanto da teoria da tradução, como da história literária. O já citado *Dicionário de tradutores literários brasileiros* é um primeiro passo para um trabalho de historiografia literária que será desenvolvido nos próximos anos e que se inscreve no esforço internacional de levantamento sistemático das obras traduzidas e sua interação com a literatura nacional. A primeira centena de verbetes do Dicionário confirmou a

hipótese central no sentido de que são íntimas, e produtivas, as relações entre tradução, crítica e criação literária. Acreditamos que poderemos contribuir para a reescrita da história literária nacional, que até agora tem desconhecido o papel da tradução, tantas vezes central no surgimento de movimentos, na importação e também exportação de correntes e procedimentos literários, assim como na renovação e na manutenção da tradição, aspecto este enfatizado particularmente, como se sabe, por teóricos como Even-Zohar.

Uma das características dos pesquisadores de literatura traduzida é sua inserção no mercado, seja através de traduções diretas, seja indiretamente através de ex-orientandos que passam a traduzir para as editoras comerciais ou universitárias. Esse é um fato que não costuma acontecer na área de Letras: a transformação de conhecimento teórico em conhecimento crítico e conhecimento técnico que têm como resultado produtos de melhor qualidade. As diferentes modalidades de pesquisa em tradução literária acabam produzindo melhores traduções. Isso já ocorre com a poesia e, acreditamos, irá ocorrer também com aqueles que estão pesquisando tradução de ficção, de teatro e de ensaio. O fenômeno ocorreu também com a legendagem e com os intérpretes de Libras e pode ocorrer com as outras modalidades de tradução como a tradução de folhetos turísticos. As outras traduções podem se beneficiar das discussões da tradução literária, que está fadada, por sua própria natureza, à discussão estética, como diz Borges.

Para finalizar, expomos a seguir as metas alcançadas no último triênio (2010, 2011 e 2012). Assim, no âmbito da inserção internacional, conseguimos fortalecer os acordos internacionais, pois intensificamos a realização de eventos em conjunto, com professores estrangeiros proferindo palestras, ministrando cursos e minicursos, atuando em coordenações e

atuando em cotutelas. Além do fortalecimento com os acordos já vigentes, ampliamos e estamos formalizando os contatos internacionais com duas universidades alemãs: Augsburg (a parceria de pesquisa entre docentes na área de Lexicografia já está em andamento há anos) e Heidelberg (com o importante Instituto de Tradução e Interpretação), duas espanholas: Universitat Autònoma de Barcelona (temos três professores envolvidos na pesquisa conjunta em Didática da Tradução & Didática de Línguas afins) e Universidade de Vigo (dois professores envolvidos na área de literatura hispano-americana e Libras), duas italianas (Universita' degli Studi di Cagliari e di Macerata), uma americana (Center for Translation Studies da University of Illinois at Urbana-Champaign), uma canadense (University of Ottawa/Université d'Ottawa), uma norte-irlandesa (Queen's University de Belfast) e uma portuguesa (Universidade do Minho), com quem estamos encaminhando a participação na forma de associação livre no mestrado em Estudos Luso-Alemães, em parceria com a Johann Wolfgang Goethe-Universität de Frankfurt; Tivemos um aumento de alunos estrangeiros. Atualmente os alunos estrangeiros de mestrado são 05 (01-EUA; 01-França; 01-Peru; 01-Trinidad e Tobago e 01-Uruguai), ou seja, 6% do total, e os doutorandos são 10 (01-Argentina; 01-China; 01-Colômbia; 01-Espanha; 01-Inglaterra; 02-Itália; 02-Uruguai e 01-Venezuela), ou seja, 11% do total. Entre os 13 pós-doutorandos, temos 02 estrangeiros (02-França), ou seja, 1,6% do total. Entre o corpo docente, contamos com 11 professores estrangeiros, ou seja, 26% do total; ainda no âmbito internacional, temos mandado, desde a criação do doutorado, estudantes para fazer doutorado-sanduiche no exterior; assim, já tivemos alunos nos Estados Unidos, Inglaterra, Itália, França, Espanha e Alemanha; Desde a criação do curso, mantivemos contato com professores estrangeiros. Ao longo de 2012, tivemos a presença de dois importantes professores visitantes estrangeiros: José

Lambert, com contrato de professor visitante REUNI, desde abril de 2011, com duração até 2013 e prorrogação já aprovada para mais dois anos, ou seja, até 2015, como professor visitante da UFSC e Berthold Zilly como professor visitante da Capes (PVE), que veio em 2011 e teve a sua bolsa renovada em 2012 por mais um ano. Além disso, trazemos diferentes professores estrangeiros por períodos de curta duração, utilizando em alguns casos o auxílio PV e APV do CNPq e em outros os próprios recursos do programa, para palestras, cursos intensivos e seminários; Temos incentivado e incrementado as publicações conjuntas com colegas de universidades estrangeiras e em periódicos internacionais, bem como as publicações em periódicos A1 e A2, aliás esta é uma meta constante no nosso programa; No âmbito da inserção nacional, temos 02 projetos aprovados pela Capes: o PROCAD (2008-2012), que foi prorrogado até 30 de junho de 2013 e o DINTER (2010-2014); cabe assinalar que 04 doutorandos do DINTER, de um total de 11 inscritos, já fizeram, com sucesso, sua qualificação, depois de passarem 09 meses em Florianópolis. Consolidamos também a parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, pois, entre outras coisas, temos duas docentes dessas instituições no corpo docente do programa e com a Universidade de Brasília, com o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, com eventos conjuntos, palestras, coorientações, bem como com o recém-criado Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de São Paulo e também ampliamos a parceria com a Universidade Federal Fluminense e a Universidade Federal de Campina Grande; Com a abertura do doutorado, em 2009 (nesse ano já tivemos 03 pós-doutorandos inscritos), começamos a supervisionar pós-doutorados. Assim, no triênio tivemos 28 pós-doutorandos (06 inscritos em 2010, 06 em 2011 e 16 em 2012), sendo que 05 deles são professores de instituições externas à UFSC. Em andamento

no ano de 2012, tivemos 16 pós-doutorandos e 09 estágios de pós-doutoramento concluídos; Aumentamos o número de professores pedindo financiamento de projetos de pesquisa e de eventos junto aos editais dos órgãos de fomento. Em 2012, 55% de nossos professores submeteram seus pedidos aos editais do CNPq e da CAPES; Aumentamos o número de professores com pós-doutorado. Atualmente temos 24 professores do quadro geral de docentes permanentes com pós-doutorado, o que significa 69% do total. A meta do próximo triênio é termos 90%; Aumentamos o número de professores com bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq. Atualmente são 09 docentes com bolsa PQ, ou seja, 24,32% do total; Continuamos pleiteando bolsas de pós-doutorado (para professores e recém-doutores nossos e de outras instituições nacionais e estrangeiras) através de editais da CAPES, CAPES-UFSC e do CNPq, como PRODOC, pós-doutorado REUNI e Pós-Doutorado Sênior; Revisamos e atualizamos as ementas e as bibliografias da estrutura curricular (http://www.pget.ufsc.br/curso/estrutura_curricular.php); Temos 71 projetos de pesquisa vinculados aos docentes, sendo que 39 (três foram concluídos em 2012) estão vinculados à linha Teoria, Crítica e História da tradução, 19 (dois concluídos em 2012) na linha de pesquisa Lexicografia, Tradução e Ensino de Línguas e 9 na linha de Estudos da Interpretação, além de 4 (01 concluído em 2012) projetos isolados. Como se pode perceber, a primeira linha de pesquisa é a que concentra o maior número de projetos de pesquisa, já que 23 dos nossos docentes a integram, enquanto a segunda linha tem 10 professores e deverá ser reformulada para o próximo triênio (2013-2015). A linha Estudos da Interpretação conta com poucos projetos, pois começou a funcionar em 2011, com 03 professores. Em 2012, 03 novos professores foram credenciados na linha. Em decorrência disso, a maior produtividade está relacionada à linha Teoria, Crítica e História da Tradução. Assim, em 2012,

nessa linha temos 519 itens em produção bibliográfica, técnica e artística. Na linha Lexicografia, Ensino de Línguas e Tradução 295 itens e em Estudos da interpretação 90; O processo de seleção não mudou em relação aos anos anteriores. A entrada continua sendo feita por orientador, que analisa o projeto, aplica uma prova escrita e faz uma entrevista e garante ao aluno o acompanhamento de sua pesquisa desde o momento da entrada no Programa. A prova de proficiência é obrigatória na língua inglesa para mestrandos e doutorandos. E uma segunda (eventualmente, uma terceira) língua é escolhida pelo futuro orientador; Reelaboramos os critérios de credenciamento e reconhecimentos do programa; assim, em 2012, todos os professores foram submetidos a reconhecimentos e os novos docentes que solicitaram credenciamento no programa já foram credenciados em base a essas novas normas, previstas na Resolução N.01/PGET/2011, que foram homologadas pela Câmara de Pós-Graduação em 23/02/2012, e estão disponíveis no site do programa: http://www.pget.ufsc.br/paginas.php?nomPag=Credenciamento_e_Recredenciamento_da_PGET; Continuamos incentivando os alunos de doutorado a pleitear bolsa sanduíche, para ampliar e diversificar o contato com universidades estrangeiras; em 2012, foram enviados 04 alunos para doutorado sanduíche no exterior e ao longo do triênio saíram 09 doutorandos que fizeram seus estágios em diferentes universidades nos seguintes países: Alemanha, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra e Itália; Continuamos vinculando as pesquisas da graduação e de pós-graduação através de projetos integrados, onde alunos da graduação (PIBIC-CNPq/BIP/UFSC, PET, Núcleos de Estudos e de Pesquisa, Editais da Capes e do CNPq) e pós-graduação possam atuar em conjunto com o suporte de bolsistas de mestrado, doutorado e pós-doutorado REUNI; praticamente todos os pós-doutorandos estão atuando na graduação, através de seminários, oficinas, eventos, aulas especiais, assim como orientação

e coorientação de TCCs; Continuamos fortalecendo, através do credenciamento de novos professores permanentes e de professores visitantes estrangeiros (em 2012, tivemos 04 professores visitantes dando curso e/ou proferindo palestras), a nova linha de pesquisa do programa: Estudos da Interpretação, com ênfase em Interpretação em Libras-português, que tem uma particular relevância social, visto ser um instrumento fundamental para que os surdos brasileiros (comunidade calculada em cerca de 6 milhões de pessoas) tenham pleno acesso aos bens materiais e espirituais disponíveis à população brasileira; essa linha tem grandes perspectivas, de acordo com a nova atuação no cenário internacional, com articulação dos pesquisadores da PGET com pesquisadores dos Estados Unidos e na Europa, particularmente no Reino Unido, na Espanha e na Holanda. Nesse sentido, temos proporcionado a vinda de diferentes professores estrangeiros para diferentes atividades na Linha de Pesquisa e, em 2013, contamos, de março a dezembro, com a presença de Rachel Sutton-Spence, da University o Bristol, especialista em língua de sinais, como Professora Visitante Estrangeira Capes; Temos acompanhado, conforme solicitado na avaliação final do triênio 2007-2009, sistematicamente a atuação profissional e a produção intelectual dos egressos; atualmente temos contato com 100% deles e os dados sobre os egressos se encontram em nossa página (<http://www.pget.ufsc.br/discentes/egressos.php>). Em 2012, promovemos o I Simpósio dos Egressos (ver programação detalhada em: <http://seminarioegressospget.blogspot.com.br/>), evento específico para os egressos. Cabe lembrar que em 2012, alguns egressos participaram do evento de pesquisas em andamento dos alunos da PGET (<http://www.pget.ufsc.br/curso/realizacoes.php>); Fortalecimento do diálogo dos pesquisadores da PGET, tanto professores como mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, com tradutores, intérpretes, editores, revisores, preparadores de texto e jornalistas

culturais, ou seja, com o conjunto da cadeia produtiva do texto traduzido; isso é facilitado pelo fato de muitos mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos serem, eles mesmos, tradutores e terem, portanto, contato regular com o mundo editorial; Em 2012, a convite da Fundação Biblioteca Nacional, participamos do edital Programa de Residência de Tradutores Estrangeiros no Brasil. A partir disso, formalizamos a parceria com a Fundação Biblioteca Nacional (FBN), através de um acordo, e atuaremos conjuntamente recebendo tradutores estrangeiros de literatura brasileira e participando das atividades na Casa do Tradutor, que será inaugurada em 2013 e terá sua sede em Paraty, RJ. Ainda em 2012, elaboramos um projeto de atuação com a Casa Guilherme de Almeida e a Casa das Rosas, de São Paulo; nesse sentido, já está prevista a presença da coordenação em setembro de 2013 do PGET no evento da Casa Guilherme de Almeida, intitulado Transfusão 2013; Continuamos com a elaboração de traduções anotadas de textos importantes em várias áreas, e provenientes de várias línguas e culturas, de forma a oferecer modelos de tradução que possam, eventualmente, incentivar novas práticas entre os tradutores e ajudar a melhorar a qualidade da tradução no país; muitas dessas traduções estão/estarão online ou são/serão publicadas por editoras em diferentes regiões do país; Continuamos promovendo a integração das pesquisas em Estudos da Tradução com as pesquisas de história da literatura, da cultura e da ciência brasileiras, de modo que a historiografia literária, cultural e científica brasileira leve em consideração o aporte fundamental dos textos traduzidos para a sua formação, funcionamento e constante renovação e fortalecimento; Estabelecemos metas, como já informado no texto descritivo relativo a 2011, para limitar até 2013, o número de orientandos por orientador a, no máximo, 08, de acordo com as novas regras estabelecidas pela CAPES, bem como equilibrar o número de orientandos entre os diferentes

membros do colegiado. Vale ressaltar que o número acima do máximo permitido pela CAPES em relação a alguns docentes se deveu pela forte demanda pelo Doutorado em Estudos da Tradução, pois éramos o único programa com doutorado na área até agosto de 2012; Continuamos fortalecendo nossos periódicos. *Cadernos de Tradução*, que existe desde 1996, é QUALIS A2, e recebeu Auxílio Editoração (AED) do edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES de 2010 a 2012. Vale destacar que *Cadernos de Tradução* está no Portal de Periódicos da CAPES (http://link.periodicos.capes.gov.br/ez46.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=infofi/fmt:kev:mtx:ctx&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_ver=Z39.88-2004&rft_id=info:sid/sfxit.com:azlist&sfx.ignore_date_threshold=1&rft.object_id=991042723499828&svc.fulltext=yes) e no Portal de Periódicos da UFSC (<http://www.periodicos.ufsc.br/>), bem como nas bases da UMIST (2001) (<http://www.stjerome.co.uk/tsaonline/>), do MLA (2002) (www.mla.org) e no LivRe, desde 2008. No triênio 2010-2012, a revista recebeu financiamento do Programa Editorial MCT/CNPq-MEC/Capes e teve aproximadamente 240.000 visitantes conforme é possível verificar em: <http://stat.traducao.periodicos.ufsc.br/awstats/awstats.pl?month=01&year=2012&output=main&config=stat.traducao.periodicos.ufsc.br&framenname=index>. É uma das revistas mais acessadas do Portal de Periódicos da UFSC. Também estamos trabalhando para adequar a revista para inseri-la na base de dados do SCIELO, ISIS e SCOPUS. *In-Traduções* em sua primeira avaliação já é B3 e a partir de setembro 2012 foi colocada no Portal de Periódicos da UFSC e *Scientia Traditionis* foi reformulada, reencaminhada para a reconsideração da avaliação, e de B5 passou para B4; Incentivamos a elaboração de dossiês temáticos e organizações de periódicos; Estamos paulatinamente gravando e disponibilizando na página da PGET (www.pget.ufsc.br) todos

os eventos: aulas-inaugurais, palestras, simpósios; Criamos, para dar mais visibilidade e ampliar a difusão, a Biblioteca Digital da PGET (<http://www.pget.ufsc.br/BibliotecaDigital>).

Esta primeira década da PGET provou, acreditamos, que os estudos da tradução podem florescer mais e melhor em um programa específico. De fato, enquanto atuávamos em linhas de pesquisa nos programas de Literatura, Linguística e Inglês, tínhamos poucos orientandos e poucos colegas na linha de pesquisa, produzindo ao longo de duas décadas umas poucas dissertações e teses. Como programa específico, houve um verdadeiro florescimento da área. A história da PGET sugere que os pesquisadores da tradução parecem atuar melhor quando atuam, quase que naturalmente fortalecidos, em um programa específico de estudos da tradução.

Os Estudos da Tradução no Brasil nos Séculos XX e XXI: ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução?

Maria Lúcia Vasconcellos

Universidade Federal de Santa Catarina

1 Introdução

A proposta de organização de um volume dedicado ao tema “Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI” evidencia o fato de que, após um período de estabelecimento e consolidação do campo disciplinar, instala-se um tempo de reflexão sobre a narrativa conceitual e acadêmica que vem construindo os Estudos da Tradução nas últimas décadas, no contexto nacional. Nesse sentido, compartilha as preocupações do X Encontro Nacional de Tradutores [<http://www.nastrilhasdatraducao.ufop.br/>], associadas à questão da unidade disciplinar, tendo em vista os quadros teóricos/metodológicos que subjazem as ‘subáreas’ temáticas desse evento: “Quais são os conceitos fundamentais que unem essas subáreas sob

a égide da disciplina Estudos da Tradução? Teriam essas subáreas seguido trilhas próprias com metodologias e fundamentação teórica diferenciadas? Teríamos chegado a um grau de expansão que implicaria uma reformulação na unidade disciplinar dos Estudos da Tradução?”

Retomo aqui essas preocupações, buscando contribuir para a reflexão sobre a configuração atual dos Estudos da Tradução no Brasil, sobretudo na última década do século XX e na primeira, do século XXI, em diálogo com o contexto internacional. Para tanto, lanço mão da noção de ‘narrativa conceitual’, proposta por Baker (2006) para se referir às “narrativas disciplinares que consistem de *histórias e explicações* que estudiosos em qualquer campo elaboram para si próprios e para outros sobre seu objeto de investigação” (p. 166, minha tradução, itálicos adicionados)¹. Nessa perspectiva, as *histórias* aqui narradas e as *explicações* aqui elaboradas para os Estudos da Tradução no Brasil nesse período específico são marcadas por perspectivismo intencional: busco mostrar, a partir de meu *locus enuntiationis*, como a paisagem do campo disciplinar é dinâmica, adaptativa e em constante fluxo, em oposição a imagens de estabilidade e ordem que parecia sugerir, por exemplo, o mapeamento de Holmes de 1972, publicado em 1988 e novamente no Reader editado por Venuti, em 2000.

Nesse contexto, busco dialogar com as perguntas que informaram o I ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GTTRAD/IDENTIDADE NA DIVERSIDADE DA PESQUISA NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO, organizado por ocasião do X ENTRAD, oferecendo minha leitura sobre o cenário atual da pesquisa dos Estudos da tradução, no Brasil: (i) O que éramos ontem,

¹ Conceptual narratives may be understood more generally as disciplinary narratives which consist of stories and explanations that scholars in any field elaborate for themselves and others about their object of inquiry” (Baker, 2006, p. 166).

o que somos hoje, o que queremos ser amanhã? (ii) O que nos une como área? (iii) O que nos separa em cada uma de nossas subáreas? (iv) Qual o ônus e o bônus desse esforço para manter uma unidade? (v) Quais os custos e benefícios de uma política de centrimento disciplinar num campo de vocação interdisciplinar?

Cumpro, inicialmente, apresentar meu *locus enuntiationis*, o lugar a partir de onde falo. Sou afiliada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em que desenvolvo atividades docentes em Estudos da Tradução, ministrando disciplinas e supervisionando pesquisa, no âmbito de iniciação científica, mestrado e doutorado. Venho de uma tradição de estudos linguísticos, o que impacta diretamente um de meus dois interesses de pesquisa em Estudos da Tradução, a exploração de interfaces entre Estudos da Tradução, Linguística Sistêmico-Funcional e metodologias de *corpus*, sendo o segundo deles o mapeamento dos Estudos da Tradução no Brasil. Os dois interesses de pesquisa se fazem presentes em artigos, capítulos de livros, organização de volumes especiais, apresentação de trabalhos e orientação de pesquisa, no âmbito de graduação, especialização e pós-graduação.

No que tange ao primeiro, duas ilustrações são documentadas em Pagano e Vasconcellos (2005)² e Vasconcellos (2009)³. No que tange ao

² Este trabalho apresenta o estado da arte da pesquisa realizada nas interfaces entre Estudos da tradução, Linguística sistêmico-funcional e metodologias de *corpus*, até o início da década de 2000, resenhando pesquisa no contexto nacional e internacional. Aqui, é evidenciada a robustez da interface teórico-metodológica para a descrição de ‘textos em relação tradutória’ (cf. HALLIDAY, 1964, p. 124).

³ Este trabalho – cuja versão inicial foi apresentada no congresso 4TH ALSEAL - 4TH CONFERENCE OF THE LATIN AMERICAN SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS ASSOCIATION, Outubro, 2008, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil – continua o mapeamento dos Estudos da Tradução Sistêmico-Funcionais no Brasil, desde sua origem e incluindo a década de 2000, buscando mostrar a trajetória dos chamados ‘Estudos da Tradução Sistêmico-Funcionais’.

segundo, minhas investigações instalam-se no âmbito de mapeamento do campo disciplinar, uma vez que questões de *identidade* disciplinar e *expansão* disciplinar se constituem em uma curiosidade que me move em direção a estudos bibliométricos (cf. PAGANO e VASCONCELOS 2003, 2004)⁴, à produção de resenhas de obras nitidamente mapeadoras (cf. VASCONCELLOS, 2005) e à participação no Grupo de Pesquisa denominado ‘Mapeamentos nos Estudos da Tradução’⁵ liderado por Fábio Alves da Silva Júnior e Werner Heidermann,

O trabalho termina com uma comparação da pesquisa em Estudos da Tradução Sistêmico-Funcionais no Brasil à pesquisa no contexto internacional, divulgada no congresso The 2nd HCLS Conference – “Translation, Language Contact, and Multilingual Communication”. The Halliday Centre for Intelligent Applications of Language Studies (HCLS). City University of Hong Kong (CityU) - 13-15 August, 2008.
<http://www.hallidaycentre.cityu.edu.hk/hcls-c2-2008/html/pconf.asp>

⁴ Os textos tomam como base os dados do CD-ROM Estudos da Tradução no Brasil / Translation Studies in Brazil (2001), a partir dos quais examinam a produção de teses e dissertações sobre tradução por pesquisadores brasileiros, sob a perspectiva de sua localização temporal e institucional, observando-se modalidades de pesquisa realizada e a tendência quanto à afiliação teórica dos trabalhos. O mapa obtido a partir da análise dos dados é cotejado com o mapa desenhado por Holmes (1972; 1988), com relação aos Estudos da Tradução no contexto europeu, com vistas a refletir sobre a especificidade da produção acadêmica sobre tradução no contexto brasileiro.

⁵ As chamadas ‘repercussões dos trabalhos do grupo’ são definidas nos seguintes termos: “As atividades deste grupo remontam ao Grupo de Pesquisa Estudos da Tradução criado em 1997 na Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2002 incorporaram-se ao grupo professores pesquisadores de outras quatro universidades brasileiras, quais sejam, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, congregados em torno de um objeto de estudo que contemplou a tradução e o traduzir em suas múltiplas manifestações e possíveis inserções teóricas. Após um amadurecimento das reflexões e em decorrência da necessidade de estabelecer uma agenda que priorize o trabalho de referenciação do campo disciplinar, o grupo foi reestruturado em 2004 a partir de redefinições dos seus objetivos, a fim de realizar um mapeamento conceitual, teórico e histórico dos Estudos da Tradução no país e no exterior com vistas a instrumentar o campo disciplinar com obras de referência em língua portuguesa inexistentes no mercado editorial nacional. Suas metas específicas são: (a) o monitoramento da evolução dos Estudos da Tradução no país e no exterior;

do qual participam os colegas aqui presentes. <http://dgp.cnpq.br/buscao-peracional/detalhepesq.jsp?pesq=5083038168307301>

O objetivo dessa historicização de minha contribuição é explicitar o fato de que, parafraseando Baker (2006, p. 166), ofereço uma *narrativa disciplinar que consiste de histórias e explicações que elaboro para mim própria e para os membros da comunidade dos Estudos da Tradução no Brasil sobre nosso/meu objeto de investigação*. Compartilho as reflexões com meus colegas, com vistas a contribuir para a discussão sobre a natureza multifacetada da produção acadêmica nos Estudos da Tradução no contexto brasileiro.

2 Tentativa de diálogo com as perguntas propostas

2.1 O que éramos ontem, o que somos hoje, o que queremos ser amanhã?

O primeiro segmento da primeira pergunta – O que éramos ontem – manifesta uma tendência centrípeta e remete à história do GTTRAD. No eixo histórico, saliento alguns textos que considero fundacionais e que, a meu ver, manifestam tendências centrípetas, na busca por *unidade*

e (b) a publicação conjunta, de cunho teórico e aplicado, de um glossário e uma enciclopédia que contemplem o campo disciplinar dos Estudos da Tradução e que sejam socialmente relevantes no âmbito nacional e internacional. O grupo propõe-se a publicar, preferencialmente através de suporte online, os resultados de um mapeamento conceitual, teórico e histórico que almejam iluminar as dimensões textuais, discursivas, cognitivas, socioculturais e políticas do ato tradutório. Esses resultados podem ser consultados no sítio da Enciclopédia de Estudos da Tradução, ENCICLOTRAD – <http://letra.letras.ufmg.br/enciclotrad> –, desenvolvida por uma equipe interinstitucional constituída por especialistas selecionados com base em sua trajetória acadêmica e capacidade comprovada de liderança em suas respectivas áreas de atuação”.

identitária na luta por visibilidade institucional. O primeiro texto é o texto de Maria Paula Frota e Rosemary Arrojo, publicado nos Anais do VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, realizado em Porto Alegre, 1992, ‘A Organização do GT de Tradução e a Pesquisa Desenvolvida na Área’. Nesse texto, as autoras descrevem a estrutura funcional do GT e os desdobramentos advindos do trabalho do GT, a saber: (i) a fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução – ABRAPT – e o sindicato dos tradutores – SINTRA – que vieram por contribuir para institucionalização da área como disciplina acadêmica. Nesse texto, o que chamou minha atenção foi o fato de as autoras explicitarem a ‘marginalidade’ dos ‘*estudos sobre tradução*’⁶, desenvolvidos “às margens da pesquisa que se faz tanto nas áreas de Letras como de Lingüística”.

O segundo texto que desejo resgatar é aquele produzido por Maria Paula Frota, Márcia do Amaral Peixoto Martins e Cristina Carneiro Rodrigues, publicado na Revista da ANPOLL (1994, 67-70): ‘Breve história do GT de Tradução e sua importância para o desenvolvimento da área em nosso país’. Aqui, as autoras resgatam o momento inaugural GT de

⁶ Observe-se a trajetória da autorrepresentação do GT, conforme manifestada nas diferentes maneiras de autonomização: aqui, fala-se em ‘estudos *sobre* tradução’. À medida que o campo disciplinar vai se estabelecendo, a autorrepresentação sofre mudanças. No momento atual, O GT está prestes a ser denominado ‘GT de Estudos da Tradução’, conforme informado por Fábio Alves (comunicação pessoal via *e-mail*): “para mudança oficial de nome do GT, é necessária aprovação do Conselho da ANPOLL e ratificação pela Assembleia Geral que se reunirá em Belo Horizonte no dia 5 de agosto ao final do XXIV Encontro Nacional da ANPOLL. A mudança de nome do GTTRAD já está lançada como ponto de pauta”. Cumpre observar que a denominação “Estudos da tradução”, conforme usada no Brasil, adquiriu características próprias, diferentes daquelas inicialmente propostas no contexto europeu – em que se mostrou, pelo menos em seus momentos iniciais, nitidamente vinculada a estudos literários (sobre o tópico, sugiro a leitura de Alessandra Riccardi (2002, p. 75-91). No contexto brasileiro, a denominação é mais abrangente e busca encapsular um conjunto de investigações sistemáticas cujo objeto de estudo é a tradução e o traduzir, em suas mais variadas manifestações.

Tradução, apontando dois motivos que fizeram do ano de 1986 “auspicioso para a área de tradução”: o primeiro deles foi exatamente a presença do GT de Tradução entre os 21 (vinte e um) Grupos de Trabalho (GTs) do I Encontro Nacional da ANPOLL. As autoras resgatam, ainda, a data da primeira reunião do GT – 1987 – durante o II Encontro Nacional, na UFRJ, ano em que a coordenação foi assumida pela professora Maria Cândida Bordenave (PUC-RJ). O que me chamou a atenção nesse texto foi o relato da definição de prioridade para o biênio: ‘criação de espaço acadêmico próprio’, uma vez que, conforme mostram as autoras, a tradução encontrava-se “disseminada nas mais diversas áreas, constituindo, na melhor das hipóteses, uma linha de pesquisa, vinculada à área de concentração em estudos da linguagem”. Interessante observar que, na reunião realizada em Caxambu (1994), a linha de pesquisa definida para o próximo biênio foi “*A tradução como área de convergência multidisciplinar*”, o que, pelo menos para mim, configura-se como uma situação absolutamente atual. Resgato, finalmente, segundo motivo que, conforme as autoras de ‘Breve história do GT de Tradução e sua importância para o desenvolvimento da área em nosso país’, fez de 1986 um ‘ano auspicioso’: a criação, em nível de pós-graduação, da primeira *área de concentração em tradução* do país, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP. Curioso observar que um Curso de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos da Tradução só veio a ser aprovado em 2003, sendo implementado a partir de 2004, 18 anos após a criação da primeira *Área de Concentração em Tradução*: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET), que tem por objetivo formar profissionais competentes para o exercício das atividades de pesquisa, tradução propriamente dita, e magistério superior na área de tradução. Uma leitura possível dessa distância temporal é a natureza tortuosa dos caminhos da institucionalização do campo disciplinar.

Finalmente, um novo texto de Maria Paula frota – ‘O GT de Tradução da ANPOLL: história e perspectivas’ – produzido no âmbito da proposta da Coordenação do GT no biênio 2004-2006, um painel intitulado “Os caminhos da institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil” [<http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/anpoll.html>]. Num trabalho abrangente e rigoroso, a autora parte da consideração das *circunstâncias* em que surge o GTTRAD, vinculando o movimento de sua fundação “aos movimentos mais amplos que se deram no campo disciplinar dos Estudos da Tradução, tanto no âmbito nacional quanto internacional”. Por meio de um passeio descritivo pelos cursos universitários a partir de 1968 (data da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB), descreve pontualmente os momentos decisivos na criação de habilitações de tradutor e intérprete na universidade brasileira; em seguida, resgata a data e as circunstâncias de formação da Associação Brasileira de Tradutores (ABRATES) e do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA), 1975 e 1988, respectivamente. No contexto do II Encontro Nacional da ANPOLL (1987), a autora explica a inserção do GTTRAD à área de Letras, em função da vinculação *histórica* do docente responsável pela sugestão da formação do GT (Prof. Edson Rosa da Silva, vinculado à área de literatura). A partir daí, o percurso traça a inserção dos Estudos da Tradução nos programas de pós-graduação, a trajetória das várias reuniões do GT (resgatando as configurações estruturais, desde a proposta e extinção dos GTs Regionais), para, finalmente, reconstruir, de forma crítica, as diversas iniciativas das várias coordenações bienais sempre com a preocupação de historicizar os momentos decisivos. Nesse esforço bem-sucedido, a autora aponta, entre os condicionantes históricos, a presença determinante de pesquisadores com suas diversas especificidades e interesses, o que vem por impactar o perfil do GT em seus diversos momentos.

É exatamente com essa consideração das circunstâncias condicionantes do momento histórico que encerro esta seção: ‘o que éramos’ foi informado pela necessidade histórica de criação de *identidade do campo disciplinar e por uma tendência centrípeta para garantir a unidade na luta por visibilidade institucional*. Quanto a ‘o que somos hoje’ e a ‘o que queremos ser amanhã’, a serem discutidos a seguir, tendências centrífugas explicam o novo momento histórico, em que, passado o momento identitário, *expansões* são bem-vindas no campo disciplinar, manifestadas nas várias interfaces estabelecidas com disciplinas afins.

O segundo e o terceiro segmento da primeira pergunta – O que somos hoje, o que queremos ser amanhã – manifestam, ao contrário do primeiro segmento, uma tendência centrífuga, uma vez que apontam para a configuração mutante dos pesquisadores que constituem os Estudos da Tradução no Brasil e que desenvolvem novas formas de conhecimento *experto*, para a configuração da tecnologia que se move em alta velocidade em direção ao diálogo com disciplinas afins, para a configuração das novas capacidades eletrônicas de produzir e disseminar conhecimento. É no contexto dessa tendência centrífuga que se instala meu entendimento do que seja o GTTRAD, inserido no momento histórico da transição entre o século XX e o século XXI: um Grupo de Trabalho que emerge da confluência de especialidades e interesses de um conjunto de pesquisadores que se organizam, a partir ou de um objeto de estudo comum, ou de uma teoria comum, ou de uma metodologia comum. Nesses termos, vejo ‘o que somos’ enquanto GT na própria configuração das subáreas do XENTRAD, que retrata nossa atual natureza: Historiografia; Tradução Audiovisual; Tecnologias da Tradução; Ensino, Avaliação e Acreditação; Tradução e Psicanálise; Estudos de Corpora; Modelagem da Tradução; Processo

Tradutório e Desempenho Experto; Tradução Juramentada e Técnica/Especializada; Terminologia; Tradução Literária; Tradução e Análise Textual; Tradução de Língua de Sinais; Estudos sobre Interpretação; Tradução de Textos Sensíveis; Ética na Tradução. Essas subáreas – que ainda não encapsulam toda a diversidade da pesquisa no contexto brasileiro – não foram ‘inventadas’ num vácuo, mas calcadas na disponibilidade de *expertise* disponível neste momento histórico, o que leva ao meu segundo ponto, a natureza dinâmica e flexível do GT, sempre em mutação.

Entretanto, não vejo esse dinamismo, essa flexibilidade e essa mutabilidade como impedimentos para o estabelecimento de nossa identidade; apenas saliento que ‘o que somos’ não tem caráter fixo, mas ‘fixa’ temporariamente o estado atual de nossa configuração. O que me leva a considerar que somos, atualmente, um Grupo de Pesquisadores em Estudos da Tradução que estão caminhando em direção a interfaces com disciplinas afins, o que configura, a meu ver, um movimento de *expansão*, posterior ao bem documentado momento identitário da fase inicial. O momento atual parece ser impulsionado por forças centrífugas, que leva o campo disciplinar para além do confinamento das teorias totalizantes de décadas anteriores, que, a meu ver, mantinham a pesquisa em tradução sob a égide da literatura (sobretudo a comparada) e da linguística (sobretudo a contrastiva). Não quero dizer que tais disciplinas não tenham conexões íntimas com a história da pesquisa em tradução, nem que não tenham o que contribuir; quero apenas retomar a tão discutida complexidade dos fenômenos que envolvem a tradução: as diferenças não podem ser apagadas em nome de categorizações que não mais se sustentam. O que vejo, então, em nossa configuração atual enquanto Grupo de Trabalho, é um *desenho multifacetado*, o qual busca o debate sobre o que faz parte do campo disciplinar, também

dinâmico, flexível e mutável, com vistas a buscar, cada vez mais, perspectivas, que nos ajudem a entender e descrever nosso objeto de estudo, em suas mais variadas manifestações.

Nosso momento está, a meu ver, em consonância com as preocupações do contexto europeu desde a década passada, conforme manifestado, por exemplo, no volume organizado por Bowker et al., *Unity in Diversity? Current Trends in Translation Studies* (1998): uma coleção de ensaios que exploram a questão central da identidade disciplinar, em associação com a questão igualmente central expansão disciplinar. O diálogo interdisciplinar promovido pela coleção, como indica o título do volume, explora a *possibilidade de unidade na diversidade* manifestada nas diferentes tendências de pesquisa em Estudos da Tradução. Nas palavras dos organizadores do volume (minha tradução), tal diálogo interdisciplinar não se reduz a uma mera ‘justaposição amorfa’ (p. vi), mas, ao contrário, sugere as complexidades dos Estudos da Tradução, em que ‘celebrar nossas diferenças não implica denegrir o caráter comum de nossas preocupações’ (p. v.). Curioso que, ainda em 2005, a preocupação com a identidade disciplinar – semelhante à nossa – se fez presente no I Congresso Internacional *IATIS Conference: “Disciplinary Identity – Redefining Translation in the 21st Century”* (cf. www.iatis.org/content/korea/programme.php).

Com relação a ‘o que queremos ser amanhã’ (aqui entendido como uma narrativa pessoal que faz uma projeção para o futuro do GT), observo dois pontos. O primeiro diz respeito diálogo *interno* do grupo de trabalho, e o segundo diz respeito ao diálogo *externo* do *GTTRAD*. No que diz respeito ao diálogo *interno*, percebo *ausências* na configuração atual do GT que, potencialmente – considerando-se o tipo de *expertise* presente em nossos programas de pós-graduação – poderiam se fazer presentes. A título

de ilustração, cito as abordagens feministas aos Estudos da Tradução, que já contam com colegas especialistas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET; ou a investigação sistemática das questões de relações de poder e tradução, no viés pós-colonial, que também pode vir a ser representado: a investigação das relações entre línguas e entre comunidades por meio da investigação dos contextos de produção e disseminação de traduções, bem como de estratégias utilizadas, pode possibilitar tornar visíveis os *loci* de poder que informam a circulação global de traduções.

O segundo ponto que desejo destacar diz respeito ao diálogo *externo* do GTTRAD. Percebo a necessidade de tentativas de interação com outras instâncias internacionais, para o estabelecimento de diálogo com fóruns que compartilham nossas preocupações. Por exemplo, o GTTRAD poderia tentar diálogo com a John Benjamins Publishing House, que tem desenvolvido um projeto internacional, com a colaboração de pesquisadores de diferentes instituições – Lessius Hogeschool e a European Society for Translation Studies (EST) –, visando à construção do que eles denominam uma ‘árvore conceitual’ (“conceptual tree”), para fins de capturar a diversidade nas orientações teóricas e metodologias nos Estudos da tradução (cf. www.benjamins.com/online/tsb). Essa orientação, pressuposto, está de alguma forma contemplada na conferência de encerramento do X ENTRAD, a ser proferida pelo Prof. Dr. José Lambert, da Catholic University of Leuven, intitulada *Globalisation of Translation Studies*: a julgar pelo resumo apresentado, a fala busca demonstrar os benefícios advindos do compartilhamento internacional das configurações locais. Acredito que o diálogo internacional pode se mostrar profícuo, no sentido de nos proporcionar uma linguagem conceitual comum e no sentido de contribuir para a consolidação da disciplina.

2.2 O que nos une como área / O que nos separa em cada uma de nossas subáreas?

A maneira como respondo às questões tratadas nesta subseção se insere na configuração das forças que impulsionam os movimentos do campo disciplinar: a força centrípeta (que busca manter a identidade dos Estudos da Tradução) e a força centrífuga (que busca capturar as manifestações em constante mutação de atividades e investigações que podem ser incluídas sob a denominação de nossa disciplina). ‘O que nos une’, então, pode ser lido como o desejo e a necessidade de nos consolidarmos enquanto campo disciplinar constituído, inclusive com vistas a espaço institucional juntos aos órgãos reguladores da pós-graduação no Brasil; o que nos une, ainda, pode ser lido como o ‘objeto comum de interesse de pesquisa’ – a tradução, como fenômeno multifacetado.

‘O que nos separa em cada uma de nossas subáreas?’ O *foco de nosso olhar investigativo*. A título de ilustração, menciono apenas alguns dentre os vários: por exemplo, a distinção entre tradução enquanto produto e tradução enquanto processo; investigação da linguagem da tradução; questões práticas do trabalho de tradução (o cliente que ‘encomenda’ o serviço a ser prestado, as formas de pagamento, etc.), questões de tecnologia de apoio à tradução propriamente dita e à pesquisa, e condições de produção e disseminação de textos traduzidos, questões mais amplas das relações de poder envolvidas em situações, línguas e culturas. Por necessidade, o *foco do olhar* vai informar os arcações teóricos e metodológicos a informar a pesquisa, gerando as diferentes interfaces em que desenvolvemos nosso trabalho.

A partir dessas reflexões, restam as questões finais: *Qual o ônus e o bônus desse esforço para manter uma unidade? Quais os custos e benefícios de uma política de centrimento disciplinar num campo de vocação interdisciplinar?*

2.3 Qual o ônus e o bônus desse esforço para manter uma unidade? Quais os custos e benefícios de uma política de centramento disciplinar num campo de vocação interdisciplinar?

As perguntas desta subseção são tratadas em conjunto, por serem por mim consideradas passíveis de agrupamento num mesmo conjunto de reflexões, ligadas à oposição entre as forças centrífugas e centrípetas que atuam no interior dos Estudos da Tradução, ainda refletindo a natureza interdisciplinar e a ‘crise de identidade’ desta ainda jovem disciplina.

O ‘bônus’, como espero já ter mostrado, tem caráter teórico-metodológico e, principalmente, político: a apropriação da identidade na diversidade, pelos membros da comunidade do campo disciplinar, o reconhecimento da diversidade como inerente à natureza interdisciplinar dos Estudos da tradução, bem como o consequente fortalecimento da área na busca por espaço institucional justificam os esforços de ‘centramento’. Manter a unidade permite ‘falar a mesma língua’, sobretudo no que concerne conceitualizações e terminologias da área, e, por consequência, permite a comunicação interna.

O ‘ônus’, a meu ver, está no perigo de se desmanchar as diferenças em nome da unidade e no perigo de sacrificar a periferia em nome das forças centrípetas. Negligenciar ou excluir fenômenos relevantes é um cenário possível e perigoso. Para diluir esse perigo, sugiro, então, evitarmos praticar nossas próprias formas de exclusão e ‘marginalidades’, repetindo, internamente, a exclusão que os Estudos da Tradução vêm sofrendo na comunidade científica. Nesse sentido, vale tentar não entrar no que Pöchhacker (1998) denomina, no contexto de estudos de interpretação, ‘batalha de paradigmas’, devido à intrínseca diversidade de seu objeto de estudo. Como diz Pöchhacker, a comunidade não se beneficia de uma busca por uniformidade

de abordagens metodológicas *per se*. Ao contrário, pode se beneficiar de uma transformação de sua diversidade em um tipo de força: o reconhecimento e aceitação da diversidade podem dar espaço à descoberta de novas relações e conexões, reforçando, assim, o sentido de unidade e coerência interna (169).

3 Reflexões finais

Retomo o subtítulo que escolhi para meu texto: ‘*ComUNIDADE na diversidade dos Estudos da Tradução?*’. Observe-se que optei por um ponto de interrogação, para sinalizar o *status* inconclusivo que a questão tem para mim. O título foi inspirado no texto de Pöchhacker (1998), já citado anteriormente e, assim, ecoa as preocupações desse autor, com quem compartilho o entendimento dos méritos da unidade e as virtudes da diversidade: uma das maneiras de fortalecer a coerência interna pode ser desenvolver um acolhimento da diversidade intrínseca do fenômeno da tradução e dos Estudos da Tradução, enquanto campo disciplinar estabelecido e consolidado.

Retomo também a noção de *narrativa conceitual e disciplinar*, que tomei emprestada de Baker (2006) para explicitar o perspectivismo intencional de meu texto: o que apresentei aqui foi uma dentre as incontáveis possíveis narrativas disciplinares que consistiu de *histórias e explicações* por mim elaboradas e para mim própria, que desejei compartilhar com meus colegas da comunidade científica o nosso objeto de estudo: busquei mostrar, a partir de meu *locus enuntiationis*, como a paisagem do campo disciplinar é dinâmica, adaptativa e em fluxo constante.

Finalmente, termino com uma reflexão que me consola. Por vezes, percebo os Estudos da Tradução no Brasil se debatendo sobre questões que

podem parecer repetitivas. Entretanto, se é que isso realmente oferece algum tipo de conforto, preocupações semelhantes também se manifestam no contexto internacional. Evidência disso é oferecida pela publicação da Routledge, *Critical Readings in Translation Studies*, organizada por Mona Baker (2009), que congrega tanto textos fundacionais do campo disciplinar (enquanto área *internacional e interdisciplinar* de investigação), quanto contribuições mais recentes e menos ortodoxas, com vistas, creio eu, a ilustrar as diversas formas de pesquisa em tradução: desde pesquisas inseridas em, ou tocando, ainda que tangencialmente, disciplinas acadêmicas tradicionais, como linguística, crítica literária, filosofia, antropologia, estudos culturais, até novas formas de olhar e descrever a complexidade dos fenômenos envolvidos na tradução. Outra ilustração é o volume editado por Yves Gambier e Luc van Doorslaer e publicado em 2009, *The Metalanguage of Translation*, que, atendendo ao apelo de Holmes nas linhas finais de seu clássico e fundacional texto (1972/1988/2000: “Let the meta-discussion begin”), oferece ao leitor uma multiplicidade de desdobramentos disciplinares esperados, variando desde metaperspectivas até questões epistemológicas, culminando na discussão do mapeamento conceitual da publicação *on-line Translation Studies Bibliography*, da Benjamins. Tudo isso visto de maneira positiva, como atesta o texto de Porkon, publicado no volume: ‘In defence of fuzziness’.

O que, se não consola, no mínimo me leva a crer que não estamos delirando sozinhos.

Referências

ARROJO, R.; FROTA, M. P. A Organização do GT de Tradução e a Pesquisa Desenvolvida na Área. Anais do VII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. Porto Alegre, 1992.

BAKER, M. *Translation and Conflict*. New York/London: Routledge, 2006.

BAKER, M. (ed.). *Critical Readings in Translation Studies*. London & New York: Routledge, 2009. Disponível em: <<http://www.routledge.com/books/details/9780415469555/>>.

BOWKER, L. et al. (ed.) *Unity in Diversity? Current Trends in Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 1998.

FROTA, M. P.; MARTINS, M. A. P.; RODRIGUES, C. C. (2004). Breve história do GT de Tradução e sua importância para o desenvolvimento da área em nosso país. *Revista da ANPOLL* (p. 67-70).

FROTA, M. P. O GT de Tradução da ANPOLL: história e perspectivas. In: “Os caminhos da institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil”. Disponível em: <<http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/anpoll.html>>.

HALLIDAY, M. A. K.; McINTOSH, A.; STREVEN, P. D. *The Linguistics Science and Language Teaching*. London/New York: Longman, 1964.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1972/1988.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. *Revista Delta*, São Paulo, v.19, p.1-26, 2003.

PAGANO, A. S.; VASCONCELLOS, M. L. Estudos da Tradução: Perfil da Área. *Proceedings of III CIATI - Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação*. 2004. Disponível em: <www.unibero.edu.br/spw_3ciati_en.asp>.

PAGANO, A. S.; VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: Estudos da Tradução, Lingüística Sistêmico-Funcional e Lingüística de *corpus*. IN: Alves et al. *Competência em Tradução: Cognição e Discurso*. Belo Horizonte/MG: Editora da UFMG, 2005, p. 157-188.

PÖCHHACKER, F. Unity in diversity. The Case of Interpreting Studies. In Bowker, L. et al. (Ed.) *Unity in Diversity? Current Trends in Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 1998, p.169-176.

RICCARDI, Alessandra (Ed.). *Translation Studies- Perspectives on an Emerging Discipline*. Cambridge: CUP, 2002.

VASCONCELLOS, M. L. Resenha: Bowker, L. et al. (Ed.) *Unity in Diversity? Current Trends in Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 1998. *Ilha do Desterro* (48), 2005, p. 229-234.

VASCONCELLOS, M. L. Systemic Functional Translation Studies (SFTS): The Theory Travelling In Brazilian Environments. *Revista D.E.L.T.A.*, v. 25, 2009, Especial, p. 585-607.

VENUTI, L. (ed.) *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledg, 2000.

Referências eletrônicas

Blog do GT. Disponível em: <<http://gttrad.wordpress.com>>.

Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - Mapeamentos nos Estudos da Tradução. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhepesq.jsp?pesq=5083038168307301>>.

<<http://www.stjerome.co.uk>>

<www.unibero.edu.br/spw_3ciati_en.asp>

<www.benjamins.com/online/tsb>

<www.iatis.org/content/korea/programme.php>

Os Estudos de Tradução nos programas brasileiros de pós-graduação¹

Cristina Carneiro Rodrigues

Universidade Estadual de São Paulo – São José do Rio Preto

Este trabalho tem como objetivo buscar em que momento ou momentos os estudos da tradução começam a se firmar, no Brasil, enquanto área de concentração ou linha de pesquisa nos programas de pós-graduação. Meu ponto de partida é a pesquisa desenvolvida por Adriana Pagano e Maria Lúcia Vasconcellos na época em que coordenaram o Grupo de Trabalho de Tradução da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), no biênio 2000-2002, que gerou, entre outros trabalhos, o artigo “Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e

¹ Versão preliminar deste artigo foi escrita em 2009, para ser discutida no I Encontro Intermediário do GTTRAD da ANPOLL, ocorrido em 07 de setembro de 2009, em Ouro Preto, e foi publicada na página do GT. Considerando que alguns pesquisadores enviaram informações mais detalhadas dos programas em que atuam, o texto foi retificado para contemplar tais atualizações.

dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990” (PAGANO; VASCONCELLOS, 2003). Nesse texto, as autoras mapeiam a produção de teses e dissertações sobre tradução por pesquisadores brasileiros, tomando como base os resumos de trabalhos defendidos no Brasil e no exterior até o início de 2001, publicados em CD-ROM (PAGANO et al., 2001).

Pagano e Vasconcellos (2003) estabelecem, como primeiro objetivo, documentar a pesquisa em Estudos da Tradução no Brasil. Seu segundo objetivo é levantar as modalidades de pesquisa realizada no Brasil quanto à afiliação teórica dos trabalhos, tomando como base as palavras-chave de resumos enviados pelos pesquisadores. As autoras trazem à luz um mapeamento revelador dos estudos na área, tanto em termos qualitativos quanto quantitativos, mas, como pretendo enfocar o lugar da tradução nos programas de pós-graduação, concentro-me nos dados sobre o número e a distribuição de defesas por instituição acadêmica. No artigo há quadros que informam o número de resumos cadastrados no CD-ROM (PAGANO et al., 2001) em três níveis, mestrado, doutorado e livre-docência, sua distribuição por Instituição e por ano da defesa. De acordo com as informações fornecidas, foram cadastrados 95 resumos, 54 referentes a dissertações de Mestrado, 39 de Doutorado e duas de Livre-Docência. Se excluirmos desses dados as teses de livre-docência – apenas duas, defendidas na USP – teremos o número aproximado dos trabalhos defendidos nos programas de pós-graduação do Brasil, aspecto não examinado na pesquisa de Pagano e Vasconcellos (2003).² A figura que detalha os anos das defesas registra,

² Como no CD-ROM (PAGANO et al., 2001) foram publicados dados fornecidos pelos pesquisadores que se dispuseram a informá-los, não números oficiais das instituições, não há como garantir que todos os trabalhos defendidos tenham sido efetivamente cadastrados. Entretanto, como a chamada para a publicação foi amplamente divulgada entre os que, na

em relação ao parâmetro temporal, “um aumento gradual de teses e dissertações ao longo da década de 1990, com alta concentração da produção, tanto em nível de mestrado como de doutorado, nos anos de 1998, 1999 e 2000” (PAGANO; VASCONCELLOS, 2003, p. 5-6).

Com base nessas informações, poderíamos pensar que a tradução passou a ter o *status* de campo de estudos legítimo nos programas de pós-graduação brasileiros na década de 1990, uma década após o período em que se disseminam, globalmente, os Estudos da Tradução, de acordo com Susan Bassnett (1980), autora que traça o percurso do reconhecimento internacional da disciplina. Na Introdução de *Translation Studies*, Susan Bassnett afirma que o estudo sistemático da tradução ainda estaria engatinhando e que escreve o livro como uma:

tentativa de esboçar o objeto de estudo desta disciplina, indicar o tipo de trabalho que tem sido feito até agora e sugerir direções em que uma pesquisa mais aprofundada é necessária. Mais importante ainda, [o livro] é uma tentativa de demonstrar que os Estudos da Tradução são, de fato, uma disciplina independente. (BASSNETT, 2005, p. 23)³

No Prefácio à terceira edição do livro, Bassnett (2005, p. 13) afirma que “a década de 1980 foi um período de consolidação para uma disciplina recente conhecida como Estudos da Tradução” e que, ao longo da década

época, pesquisavam na área, acredito que o mapeamento divulgado é próximo aos dados reais de defesas.

³ *Translation Studies* foi publicado em 1980 pela Methuen e reeditado pela Routledge e pela New Accents. Em minhas citações, uso o texto traduzido no Brasil em 2005 por Sônia Terezinha Gehring et al., baseado na quarta reimpressão da edição revisada da Routledge, publicada em 1991.

de 1990, houve sua expansão global: de atividade considerada sem grande relevância, “a tradução passou a ser vista como um ato fundamental de intercâmbio do ser humano”, especialmente por conta da explosão da mídia eletrônica e de questões de comunicação intercultural geradas pelo processo de globalização.

No Prefácio de *Translation, History, Culture*, que introduz a série de livros sobre os Estudos da Tradução da editora Pinter, Bassnett e Lefevere (1990, s.p.) chegam a dizer que “o crescimento dos Estudos da Tradução como disciplina é uma história de sucesso dos anos 1980”. Ora, é na década de 1980 que se disseminam, globalmente, os estudos descritivos da tradução e a reflexão pós-moderna, o que estabelece forte ligação entre essas abordagens e o reconhecimento institucional da tradução como disciplina, ou para sua consolidação enquanto disciplina.⁴

Com o intuito de confirmar se houve esse reconhecimento institucional da tradução no Brasil na década de 1980, ou se isso ocorre posteriormente, e buscar qual foi o caminho trilhado para sua consolidação enquanto disciplina, cruzei informações fornecidas por Pagano e Vasconcellos (2003) e por Frota (2007 e [2006?]). No artigo “Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil”, publicado em edição comemorativa dos dez anos do periódico *Cadernos de Tradução*, Frota (2007) informa que, entre a publicação de *Escola de tradutores* de Paulo Rónai, em 1952 e *Tradução: a ponte necessária* de José Paulo Paes, em 1990, um período de 38 anos, foram publicados 13 livros sobre tradução, cinco coletâneas e um periódico,

⁴ Para Arrojo (1996) a “visibilidade da tradução enquanto área do conhecimento e disciplina acadêmica” somente começou a ser possível a partir de articulações entre a pós-modernidade e os estudos da linguagem, divulgada sobretudo em meados da década de 1980 (p. 62).

Tradução & Comunicação, que se manteve por seis anos, de 1981 a 1986, com nove números editados. Se reduzirmos o período, para aproximá-lo da década mencionada por Bassnett, teremos, nos anos 1980, sete livros publicados e quatro coletâneas, além do periódico *Tradução & Comunicação*.

Quanto ao número de teses e dissertações defendidas, não há consenso. Lia Wyler (2003, p. 22) afirma que até 1989 seu número era 24, mas não informa quando a contagem teria se iniciado. No levantamento feito por Adriana Pagano e Maria Lucia Vasconcellos (2003), teriam sido apenas sete trabalhos entre 1987 e 1989. Frota (2007) fez uma busca no banco de dados do IBICT e encontrou seis até 1989, a primeira delas defendida em 1973. Apesar de os dados serem discrepantes, apontam para um número escasso de defesas na década de 1980.

Em relação a fóruns para discussão de pesquisas, verifica-se que em 1975 ocorreu o I Encontro Nacional de Tradutores; o segundo foi em 1985, o terceiro em 1987. Em 1986 foi criado o GT de Tradução da ANPOLL, que teve quatro reuniões até 1990, mas que não chegaram a ser um marco nos estudos da tradução. De acordo com Frota et al. (1995, p. 67), nesse período “o intercâmbio entre pesquisadores, professores e pós-graduandos ficava restrito aos Encontros da ANPOLL, não havendo articulação efetiva entre os membros”. Mas essas reuniões permitiram que “pesquisadores dispersos em várias instituições se conhecessem e passassem a pensar em esboçar propostas que viessem reverter a condição de marginalidade em que a área se encontrava” (FROTA et al., 1995, p. 68).

As informações sobre publicações e encontros sinalizam atividade na área, mas a tradução ainda não parece se configurar como um campo de estudos legítimo nem se insere efetivamente na pós-graduação na década de 1980. Os dados da década seguinte, entretanto, indicam que o trabalho

desenvolvido nessa década foi decisivo para impelir os estudos da tradução no Brasil.

De acordo com Frota (2007), na década de 1990 foram publicados 11 livros e sete coletâneas; segundo Pagano e Vasconcellos (2003) foram defendidas 73 teses e dissertações – alta concentração em 1998 (16 defesas) e 1999 (15 defesas).⁵ Ocorreram quatro Encontros Nacionais/Internacionais de Tradutores, um em 1990, na USP; outro em 1994, na UFBA; o terceiro em 1996, na UFCE; e o quarto em 1998, na USP. Outro fórum de discussão foi criado, no Centro Universitário UNIBERO, o Congresso Ibero Americano de Tradução e Interpretação (CIATI), cuja primeira edição ocorreu em 1998.

O GT de Tradução da ANPOLL foi reestruturado por sugestão da coordenadora, Rosemary Arrojo, e a partir de 1990 passou a funcionar de maneira descentralizada. Criaram-se GTs regionais em São Paulo, em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e, posteriormente, em Santa Catarina e na Bahia. De acordo com Frota et al. (1995, p. 68), “a descentralização, além de permitir a troca entre estudiosos da tradução, mostrou a grande quantidade de pesquisas em andamento e suas abordagens diversas”.

Em 1992, durante o II Encontro Paulista de Pesquisadores em Tradução, organizado pela coordenação regional do GT de São Paulo, fundou-se a Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), que teve Mario Laranjeira como primeiro presidente e Rosemary Arrojo como vice-presidente. Seu objetivo era congregar pesquisadores de todo o Brasil e

⁵ Pagano e Vasconcellos (2003) registram 75 resumos datados da década, mas, como disse acima, dois deles referem-se a livre-docências defendidas na USP em 1999.

a associação passou a co-organizar os Encontros Nacionais/Internacionais de Tradutores.

Se nos anos 80 nasceu e cessou a *Tradução & Comunicação*, na década de 1990 lançam-se dois novos periódicos na área: em 1994 a *TradTerm*, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT) da USP; e em 1996 *Cadernos de Tradução*, criada pelo Núcleo de Tradução da UFSC, fruto do trabalho do GTTRAD regional da ANPOLL. Em 1997 foi lançada a revista *Cadernos de literatura em tradução*, da USP, dedicada a publicar literatura e poesia traduzida, assim como reflexão sobre o assunto.

A produção de livros, encontros, defesas de teses e dissertações, o lançamento de revistas, a criação da ABRAPT, me levam a dizer, parafraseando Bassnett e Lefevere (1990), que os Estudos da Tradução são uma história de sucesso, no Brasil, nos anos 1990, ou a partir dessa década.

Diversos fatores contribuíram para todas essas atividades desenvolvidas na década de 1990. Um deles, sem dúvida, foram os acalorados debates mantidos por pesquisadores adeptos de diferentes abordagens de pesquisa. Diria que foi uma época de confrontos. Frota (2007, p.155), em seu “Balanço dos Estudos da Tradução no Brasil”, afirma que “nos tempos de paz e maturidade em que aparentemente vivemos, não se brandem mais as espadas nem rufam os canhões”. Ora, se ela faz essa afirmação, é porque já se brandiram espadas e canhões rufaram. Os Grupos de Trabalho realizados nos anos 1980 durante os Seminários do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) foram cenário de parte desses embates. Na “Apresentação” de *O signo desconstruído*, Arrojo (1992, p. 12) corrobora essa informação, ao afirmar que “grande parte dos artigos aqui reunidos é resultado de discussões propostas como tema de grupos de trabalho organizados

por mim e por Kanavillil Rajagopalan durante encontros do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) entre 1987 a 1990”. Nos Encontros Nacionais e Internacionais de Tradutores, também assistimos a muitas discussões entre os defensores de diferentes posições teóricas.

Avalio que os confrontos foram instigantes e acabaram levando à ampliação dos estudos na área. Além dessas discussões, outros fatores contribuíram para a disseminação dos estudos da tradução no Brasil. Marcia Martins (1992, p. 49) afirma que, “nos últimos anos, vêm-se ampliando as perspectivas da área de tradução no Brasil”. Entre as causas dessa expansão da área, Martins coloca a valorização da formação acadêmica do tradutor, que teria gerado aumento na oferta de curso de graduação em tradução, o que resultou na ampliação do mercado de trabalho para professores, assim como o reconhecimento da tradução como área acadêmica. Na realidade, isso se deu de maneira lenta e gradual, pois o primeiro curso de graduação para a formação de tradutores foi criado na PUC-RJ, em 1968, depois foi o da Ibero-Americana em 1976, o da UNESP-Rio Preto em 1978, o da UnB em 1979, e outros tantos na década de 1980, mas apenas no final da década de 1980 as universidades passam a exigir a titulação dos professores dos cursos de graduação.

Ainda assim, a institucionalização acadêmica da tradução em cursos de graduação gerou demanda por formação de docentes, tanto que em 1980 foi criada a pós-graduação *lato sensu* na USP e, em 1984, na Ibero-Americana. O passo seguinte foi a instituição da pós-graduação *stricto sensu*, o que nos leva à última das causas para a expansão da área citada por Martins: a realização de pesquisas e “a necessidade de constituição de fóruns para apresentá-las e discuti-las” – exatamente o que relatei acima. Além disso, é necessário lembrar que em 1986 foi criada, no nível de Mestrado,

a primeira área de concentração em tradução do país, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP. Verifica-se, dessa maneira, que a somatória das atividades desenvolvidas na década de 1980 resulta na produção da década de 1990.

Há ainda um ponto que gostaria de relacionar à expansão dos estudos na década de 1990, gerando um número tão alto de defesas de teses e dissertações especialmente em 1998 e 1999. É em meados da década que a CAPES se reestrutura e os prazos para titulação passam a ser avaliados com mais atenção. Assim, há um aumento, e depois a estabilização do número de defesas.

Ainda que tenha havido toda essa expansão de defesas na década de 1990, exceto pelo programa da UNICAMP, a tradução não constava como área de concentração nos programas e, muitas vezes, nem se configurava como linha de pesquisa na estrutura da pós-graduação das instituições de ensino superior brasileiras.

Uma análise dos programas de pós-graduação em que ocorreram as defesas mapeadas por Pagano e Vasconcellos (2003) vai nos levar aos locais que sediaram as pesquisas na área, ou seja, vai permitir entender como a tradução neles se inseria e como ela só se institucionalizou nos programas de pós-graduação no Brasil enquanto área ou linha de pesquisa a partir de 2000.

No artigo, Pagano e Vasconcellos (2003) não fornecem os números das defesas por instituição detalhados por ano, nem por programas; há apenas os números totais do período pesquisado (1987-2001). Nesse período, há registro de 93 defesas de mestrado e doutorado, assim distribuídas: 22 na USP,⁶ 22 na UFMG, 17 na UFSC, nove na UNICAMP, cinco na PUC-SP,

⁶ O número total de defesas na USP é 24, mas, como mencionado acima, duas delas foram de livre-docência, ou seja, não estão vinculadas a programas de pós-graduação.

cinco na UNESP-Rio Preto, três na UFRJ, uma na PUC-Rio, uma na PUC-RS, uma na UECE, uma na UFRGS, uma na UNESP-Araraquara e as demais em universidades estrangeiras (uma em cada uma das cinco listadas). Como mostrarei a seguir, a situação da tradução em cada uma dessas instituições brasileiras era bastante diferente no período. Em algumas a tradução se inseria como área de concentração ou como uma linha de pesquisa.⁷ Nesses programas a tradução era considerada como linha de pleno direito, havia disciplinas específicas que o aluno tinha que cursar. Em outros programas, mesmo nos anos 1990, a tradução era apenas uma possibilidade de pesquisa encaixada em uma área ou linha mais ampla e, muitas vezes, o programa nem oferecia disciplinas específicas.

Vou examinar os programas de pós-graduação das instituições em que ocorreram as defesas, enfocando o que se modificou de 2001,⁸ época em que se encerrou a pesquisa de Pagano e Vasconcellos (2003), até meados de 2011.

Na USP, até 2001, havia seis programas de pós-graduação em que existia a possibilidade de inserção da tradução, mas apenas no Programa de Língua e Literatura Inglesa e Norte-americana “Teorias da tradução” era linha de pesquisa, da área de concentração “Teorias críticas”. O fato de serem tantos os programas de pós-graduação na instituição dilui bastante o peso das 22 defesas na USP no período abordado por Pagano e Vasconcellos

⁷ Por área de concentração entende-se cada uma das grandes subáreas de atuação dos programas de pós-graduação; cada uma dessas áreas abrigam várias linhas de pesquisa, ou seja, por qual perspectiva a questão será abordada.

⁸ Os dados de 2001 foram coletados para a conferência intitulada “Programas de Pós-Graduação em Tradução”, apresentada por mim em 25.09.01, durante a XXI Semana de Tradutor, “A pesquisa em tradução e áreas afins: da iniciação científica ao pós-doutorado”, na UNESP, em São José do Rio Preto, São Paulo.

(2003) – teriam sido, em uma média aritmética, apenas 3,7 por programa no período de 15 anos.

Hoje os mesmos programas abrigam a tradução, mas a tradução passou a ter outro *status*. No programa de Linguística há a linha “Informática no tratamento de corpora e na prática de tradução”. O programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês tem atualmente “Tradução” como uma de suas subáreas e a ela vincula-se a linha “Estudos da tradução”. O antigo programa de Língua e Literatura Francesa a partir de 2010 passou a denominar-se Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. Uma de suas áreas de concentração é “Estudos da tradução”, que abriga duas linhas de pesquisa: “A tradução entre línguas e práticas” e “Literatura em tradução”. No programa de Língua e Literatura Alemã há duas linhas de pesquisa em tradução: “A tradução como transferência cultural: metodologias de pesquisa, construção de aportes teóricos e análise da recepção no Brasil” e “Tradução de textos de especialidade: aspectos linguísticos, contrastivos e culturais”. No programa de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana há a linha “Estudos da tradução”. Essa era uma linha vinculada ao programa de Língua e Literatura Italiana, mas hoje não mais compõe o quadro do atual programa de Língua, Literatura e Cultura Italianas.

Há, na USP, um sétimo programa em que se insere a tradução, o de Letras Clássicas, no qual a tradução é uma prática, não objeto de reflexão.

Na UFMG, onde foram defendidas 22 teses e dissertações até 2001, a situação é um pouco diferente. Até 1998, havia um único programa, a Pós-Graduação em Letras, com duas áreas de concentração: Estudos Linguísticos e Estudos Literários. Destaco a atuação da professora Else Ribeiro Pires Vieira, que orientou vários dos 22 trabalhos creditados por Pagano e Vasconcellos (2003) à instituição. Em 1998 o programa foi desmembrado

em dois, a Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários e a Pós-Graduação em Letras: Estudos Linguísticos. Nesse encontra-se a linha de pesquisa “Estudos da tradução”.

Na UFSC também houve alteração estrutural depois da publicação do trabalho de Pagano e Vasconcellos (2003). Na época da pesquisa, eram três os programas que tinham a tradução como linha de pesquisa. O primeiro era o de Linguística, que oferecia tradução como linha de pesquisa em Linguística Aplicada. O segundo era o de Inglês, e o terceiro, o de Literatura. Em 2004 foi implantado, na UFSC, o primeiro programa de pós-graduação voltado para a tradução, o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, PGET, inicialmente apenas com o curso de Mestrado e, a partir de 2009, com o curso de Doutorado.

De acordo com o histórico desse programa, publicado em sua página na internet, a dispersão dos docentes em diferentes programas não era bem avaliada pela CAPES e, quando foi possível, os docentes que trabalhavam com a tradução juntaram-se a alguns recém-doutores e a outros docentes que não se inseriam nos programas então existentes e decidiram propor um programa específico, o PGET. O programa conta com duas linhas de pesquisa: “Teoria, crítica e história da tradução” e “Lexicografia, tradução e ensino de línguas estrangeiras”. O fato de esse programa ter sido criado provocou um grande impulso à produção de dissertações na Universidade. Entre 1987 e 2001 haviam sido defendidos 17 trabalhos; entre 2005 e 2009 foram cerca de 60 dissertações.

O quarto programa em número de defesas até 2001 é o da UNICAMP: nove, entre 1987 e 2001. Esse é o mais antigo dos programas que têm tradução como área de concentração. O Programa de Linguística Aplicada foi criado em 1986, quando o Instituto de Estudos da Linguagem,

IEL, já tinha o programa de Linguística consolidado. Na época de sua criação, o Programa tinha três áreas de concentração no mestrado: “Ensino e aprendizagem de língua estrangeira e segunda língua, “Ensino e aprendizagem de língua materna” e “Tradução”. Hoje o programa tem os cursos de mestrado e doutorado em cinco áreas de concentração, entre elas, “Teoria, prática e ensino da tradução”.

Na pesquisa de Pagano e Vasconcellos (2003), constam cinco trabalhos defendidos na PUC-São Paulo. Na época, havia o Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, ao qual estiveram vinculados os pesquisadores em tradução John Schmitz, Fernando Tarallo e Francis Aubert. Os três deixaram a instituição há anos, o programa hoje se denomina Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem e a tradução não é mais linha de pesquisa do programa.

Na UNESP – Rio Preto constam também 5 trabalhos defendidos, todos no Programa de Letras, em que a tradução era uma possibilidade de pesquisa na linha “Literatura Comparada”. Hoje o programa organiza-se de outro modo, mas ainda há a possibilidade de inserção da tradução em duas linhas de pesquisa do programa: “Poéticas da Identidade” e “Perspectivas Teóricas no Estudo da Literatura”. Entretanto, no programa de Estudos Linguísticos, “Estudos da Tradução” é linha de pesquisa na área de Linguística Aplicada, desde sua criação, em 1999.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro constam, em Pagano e Vasconcellos (2003), três trabalhos defendidos. O Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada tem uma única área de concentração, “Interação e discurso”. Apesar de não contar com uma linha específica, o programa acolhe projetos de estudo diversificados com interesse nas relações entre linguagem e sociedade e duas linhas relacionam-se com tradução: “Discurso

e práticas sociais” e “Discurso e transculturalidade”. Dentre os outros programas da instituição, apenas o programa Estudos Linguísticos Neolatinos abriga uma linha que contempla a tradução, “Teorias e práticas da tradução”.

Todas as demais instituições que constam no artigo de Pagano e Vasconcellos (2003) tiveram apenas uma defesa no período pesquisado. Cinco delas são instituições do exterior, fora do escopo deste trabalho. As outras cinco são: PUC-Rio, PUC-RS, UECE, UFRGS e UNESP-Araraquara.

O programa de pós-graduação em Letras da PUC-Rio foi criado nos anos 1970. Organizava-se em duas áreas de concentração: “Estudos da literatura” e “Estudos da linguagem” até 2010, quando foi desmembrado em dois programas: Literatura, Cultura e Contemporaneidade e Estudos da Linguagem. Neste, insere-se a linha “Linguagem, sentido e tradução”.

O Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, também com uma única defesa no período estudado por Pagano e Vasconcellos (2003), funciona desde 1998 com aprovação pela CAPES e tem, inserida na área de concentração “Estudos da linguagem”, a linha de pesquisa “Tradução, lexicologia e processos cognitivos”.

O curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi criado em 1972, em nível de Mestrado, com duas áreas de concentração, contemplando apenas língua portuguesa e literatura de língua portuguesa. Sofreu diversas modificações e hoje estrutura-se em duas áreas: “Estudos da linguagem” e “Estudos de literatura”. A tradução consta como linha na área de estudos literários – “Relações interliterárias e tradução”.

Se nesses três programas a tradução se institucionalizou, o mesmo não ocorreu nos demais em que houve apenas uma defesa entre 1987 e

2001. O Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-RS não tem, atualmente, tradução entre suas linhas de pesquisa. Na UNESP-Araraquara a tradução nunca foi linha de pesquisa.

Na tentativa de fornecer um mapa mais completo das instituições que hoje fornecem a possibilidade de pesquisa em tradução, busquei os programas em que atuam os pesquisadores cadastrados no atual GT Estudos da Tradução, GTTRAD,⁹ que não se inserem nos programas acima relacionados.¹⁰ As universidades a que estão vinculados são: UFBA, UFJF, UFG, UFPR, UFES UERJ e UnB.

Entre as linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, UFBA, encontrava-se a linha “Estudos de tradução áudio-visual e acessibilidade”. A partir de 2009 o programa desmembrou-se em dois, Língua e Cultura e Literatura e Cultura, mas não consta linha específica sobre tradução em nenhum deles.

Outro programa que não teve defesas cadastradas no período estudado por Pagano e Vasconcellos (2003) é o da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. O programa de pós-graduação em Letras: Estudos Literários oferece a linha “Literatura, identidade e outras manifestações culturais”, na qual se insere a tradução.

Na Universidade Federal de Goiás, UFG, no programa de Letras e Linguística há, na área de “Estudos Literários”, a linha “Estudos Culturais, Comparativismo e Tradução”, dedicada ao estudo das manifestações literárias em uma perspectiva intertextual, intercultural e intersemiótica.

⁹ O GT de Tradução passou a denominar-se GT Estudos da Tradução, GTTRAD, no biênio 2008-2010.

¹⁰ Ainda que os GTs tenham a possibilidade de cadastrar convidados, o regulamento da ANPOLL apenas permite o cadastro de um pesquisador como membro de um GT se ele atuar em um dos programas de pós-graduação associado à ANPOLL.

O Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, UFPR, subdivide-se em duas áreas de concentração, “Estudos Linguísticos” e “Estudos Literários”. Vinculada a essa última, consta a linha “Estudos da Tradução”.

No Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, a tradução não consta como linha de pesquisa, mas há um projeto, “5ª Habilidade: Tradução e Ensino”, vinculado à área de linguística.

O programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, possui cinco linhas de pesquisa, mas não inclui a tradução.

Por outro lado, na Universidade de Brasília, UnB, a tradução ganhou, em 2011, outro *status*. O Programa de Linguística Aplicada oferecia duas linhas de pesquisa voltadas para a tradução: “Tradução no ensino de línguas estrangeiras” e “Ensino de Tradução”. Desde 2008, entretanto, concentrou-se no ensino-aprendizagem de língua(s) e reajustou as linhas de pesquisa para contemplar essa área. Os pesquisadores em tradução buscaram caminho alternativo e, em 2011, foi aprovado o projeto do Programa de Pós-Graduação em Tradução, POSTRAD, que tem uma área de concentração, “Tradução em contexto” e, a ela vinculada, duas linhas: “Lexicografia, terminologia, línguas em contato e ensino de tradução” e “História, teoria e crítica da Tradução”.

Verifica-se que nas sete instituições que tiveram mais que uma defesa no período entre 1987 e 2001, com exceção da PUC-SP, a tradução ganhou força após esse período, enquanto área ou linha de pesquisa. Nas cinco instituições em que houve apenas uma defesa no período, em duas, a PUC-Rio e a UECE, a tradução ocupou seu espaço. Em outras sete

instituições em que não foram cadastradas defesas no período analisado por Pagano e Vasconcellos (2003), a tradução insere-se em duas explicitamente como linha de pesquisa e, na terceira, a UnB, criou-se o segundo programa específico na área, o POSTRAD. Esse dado, somado ao fato de que o primeiro programa em Estudos da Tradução, o PGET da UFSC, só se implantou em 2004, evidencia que a institucionalização da tradução só se efetiva no século XXI. Há um projeto, na USP, para criar um terceiro programa voltado para a especificidade da área.¹¹ Assim, o levantamento feito indica que a situação da tradução é contraditória: os dados sobre publicações e defesas levariam a crer que sua consolidação se deu na década de 1990, mas, enquanto área acadêmica, isso apenas se efetiva na década seguinte.

O panorama traçado indica também que a disciplina ganhou certos contornos. Até 2001 dividia-se entre programas de letras e de linguística, hoje se insere eminentemente nos de linguística. Ainda que bastante diversificados, os estudos desenvolvidos por docentes e discentes desses programas indicam que não há mais como tratar da tradução sem que se esteja fundamentado por um paradigma, ou por uma série deles. É só a partir da consolidação de uma disciplina que isso ocorre – hoje não há espaço para escritos intuitivos, atóricos. Mesmo os trabalhos empíricos envolvem elaborações teóricas maduras. Como aponta Frota (2007), hoje não há mais lugar para estudos essencialistas que defendam a transparência dos textos, a equivalência perfeita, o autor como origem primeira e única do original.

Temos, como perspectiva, estudos cada vez mais voltados para questões político-ideológicas, contextualizações históricas e para a inserção da tradução no seu plano de produção. Principalmente, avalio que a tradução

¹¹ O programa de Pós-Graduação em Tradução da USP (TRADUSP) foi criado em 2012.

está saindo da marginalidade em que tradicionalmente era colocada e se transformando em uma disciplina que ajuda a entender os processos interculturais de trocas linguísticas. Não é por acaso que a tradução se insere, em vários programas, em áreas dedicadas ao estudo das relações entre linguagem e sociedade. Além disso, a própria diversidade de abordagens leva à discussão, ao debate e promove os estudos.

Mas a recente institucionalização da tradução ainda não foi reconhecida, na medida em que continua sem um lugar próprio junto às agências de fomento. A batalha para que a tradução seja uma linha de pesquisa junto aos órgãos oficiais, como a CAPES, o CNPq e as várias Fundações Estaduais, está sendo travada há anos, sem sucesso.

Outro ponto em que ainda há fragilidade é em relação aos parâmetros para indexação na área. O estudo de Pagano e Vasconcellos (2003) indica que não estão consolidados, dificultando a recuperação de dados sobre teses e dissertações nos bancos de teses, tanto do ponto de vista de sua afiliação teórica, como de autores e obras analisados. Os estudos da tradução contemporâneos já evidenciaram a visibilidade dos tradutores – aos pesquisadores compete dar maior visibilidade aos seus estudos.

Referências

ARROJO, Rosemary. (Org.) *O signo desconstruído*. Campinas: Pontes, 1992.

_____. Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da diferença e a perda da inocência. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 53-70, 1996.

_____. Os ‘estudos da tradução’ com área de pesquisa independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em (des)construção. *D.E.L.T.A.*, v.14, n.2, 1998.

BASSNETT, Susan. *Traslation studies*. London: Methuen, 1980.

_____. Translation studies. Revised edition. London: Routledge, 1991.

_____. *Estudos de tradução*. Trad. Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azanbuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

_____; LEFEVERE, Andre. Translation, history, culture. London: Pinter, 1990.

FROTA, Maria Paula. Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 19, n.1, p. 135-169, 2007.

_____. O GT de Tradução da ANPOLL: história e perspectivas. Disponível em: <<http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/>> [2006?]. Acesso em: 30 abr. 2009.

_____; MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto, RODRIGUES, Cristina Carneiro. Um breve histórico do GT de Tradução e a sua importância para o desenvolvimento da área em nosso país. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, n. 1, p. 67-70, 1995.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. Processo vs. produto: a questão do ensino da tradução. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 20, p. 49-54, jul./dez. 1992.

_____. Os Estudos da Tradução no Brasil. In: DINIZ, J. C. V. (Org.) *Diálogos ibero-americanos*. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2005. p. 122-138.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. *D.E.L.T.A. [on-line]*, v.19, n. esp., p. 1-25, 2003.

_____. et al. *Estudos da Tradução no Brasil / Translation Studies in Brazil*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. 1 CD-ROM. WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Os Estudos da Tradução na Universidade de Brasília: graduação e pós-graduação

Germana Henriques Pereira

Universidade de Brasília

Mark David Ridd

Universidade de Brasília

1 Histórico do Curso

Criado em 1979, o Bacharelado em Letras-Tradução da Universidade de Brasília, situado no âmbito do Instituto de Letras, foi um dos primeiros cursos de tradução implementados no Brasil, em nível de graduação. Criado por Delton de Mattos e Ulf Gregor Baranov, o curso foi pioneiro na formação universitária do tradutor profissional, o que não se acreditava ser possível naquele momento. De fato, a institucionalização da tradução como disciplina acadêmica teve em Brasília um de seus melhores exemplos. O Curso foi também pioneiro ao lançar alguns dos primeiros trabalhos sobre Tradução no Brasil. O professor Delton de Mattos organizou e publicou, em 1981, *Estudos de tradutologia*, e, em 1983, *Cultura e tradutologia*.¹

¹ MATTOS, Delton de (ed.), *Estudos de tradutologia*. Brasília: Kontakt, 1981.
MATTOS, Delton de (ed.), *Cultura e tradutologia*. Brasília: Thesaurus, 1983.

Hoje, mais de trinta anos depois, o Bacharelado em Letras-Tradução da UnB continua sendo uma referência nacional em formação de profissionais na área de tradução de textos escritos. Os egressos têm encontrado, ao longo dessas três décadas, mercado profissional abrangente no Distrito Federal, no Brasil, e no exterior. Atualmente, com o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, a tradução tornou-se a mola mestra do novo modelo de sociedade e de comunidade linguística, e um dos objetivos do Bacharelado é formar profissionais e pesquisadores competentes para atuar nesse campo cada vez mais amplo.

Criado, inicialmente, com três habilitações, quais sejam, francês, inglês e alemão, o curso de Letras-tradução enfrentou vários problemas, dentre os quais a falta crônica de docentes e o fechamento da habilitação em alemão, no final da década de 1980, foram os mais cruciais. Outro problema relevante foi a demora no reconhecimento dos diplomas do curso por parte do MEC, que só se deu no fim da década. Apesar disso, e após termos formado algumas centenas de tradutores, vivemos hoje um novo momento com a criação de uma nova habilitação em Espanhol, no turno noturno, no âmbito da ampliação universitária promovida pelo REUNI em 2009.

2 Caracterização do bacharelado em Letras-Tradução da UNB

Em Brasília, os tradutores são peças-chave nas relações internacionais ao desenvolverem competências tradutórias e de intercomunicação com as diversas embaixadas, organizações internacionais e setores governamentais e entre as culturas em contato. De fato, o mercado de trabalho na capital do país é bastante ativo; aqui são realizadas inúmeras conferências internacionais, congressos, simpósios e reuniões de cúpula com parceiros

estrangeiros. Além disso, diversos setores do governo ou do Estado necessitam de tradutores e/ou intérpretes. Por essa razão, algumas das maiores agências de tradução da capital foram criadas por egressos de nosso curso. De modo geral, Brasília precisa cada vez mais de tradutores experientes; a demanda é sempre crescente, daí a relevância que o curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília tem com relação ao atendimento a essa demanda, tanto no Distrito Federal, como no Brasil.

Os egressos do Curso de Letras-Tradução da UnB ocupam vários postos de tradutores, secretários bilíngues e intérpretes em diversos órgãos do Estado, tais como o Senado e a Câmara Federais, os Correios, O Ministério de Ciências e Tecnologia, o Ministério da Saúde, o Itamaraty, além das embaixadas estrangeiras, o IBICT, agências do sistema da ONU, as agências internacionais de desenvolvimento de tecnologia, ONG's, entre outros órgãos públicos e privados. Nossos ex-alunos prestam, ainda, serviços como tradutores autônomos, atendendo à imensa e crescente demanda por traduções comerciais, técnicas, de documentos e relatórios, traduções de obras literárias e traduções acadêmicas (artigos científicos, documentos de interesse acadêmico, fluxogramas de cursos, ementas de disciplinas, históricos escolares, usados em processos de transferência entre universidades).

Os ingressantes no Curso de Letras-Tradução da UnB, em nível de Bacharelado, são estudantes que objetivam uma formação como tradutor profissional, assim como uma capacitação para o desenvolvimento de pesquisa acadêmica. Possuem conhecimento prévio da língua estrangeira e têm interesse em exercer as profissões em torno do mercado da tradução e da edição.

A grade curricular do Curso de Bacharelado visa uma progressão na sequência das disciplinas para que os alunos dominem determinados conceitos, habilidades e competências ao longo do Curso. Em vista disso, as disciplinas variam em enfoque nas atividades e formas de desenvolvimento

do processo de ensino e aprendizagem (Teoria da Tradução, Prática de Tradução, Estágio, Projeto Final, por exemplo) e, portanto, na avaliação (provas escritas, traduções, trabalhos, projetos, pesquisa etc.). Há, ainda, áreas de formação linguística nas línguas materna e estrangeiras – o aluno elege uma segunda LE além daquela referente à sua habilitação –, e de formação cultural. Deve-se frisar que, diferentemente dos demais bacharelados em Letras-Tradução no país, o Curso da UnB dá peso igual à tradução e à versão. A prática tem lugar preponderante no currículo, sempre aliada à reflexão teórica com o intuito de formar profissionais capazes de lidar com os desafios do mercado de tradução de forma refletida.

Os alunos são avaliados em cada disciplina, pelo professor responsável, de acordo com o Regimento da UnB, da forma que segue:

SS	Superior	9,0 a 10
MS	Médio Superior	7,0 a 8,9
MM	Médio	5,0 a 6,9
MI	Médio Inferior	3,0 a 4,9
II	Inferior	0,1 a 2,9
SR	Sem Rendimento	

O Curso, os professores e os alunos têm dois outros momentos de avaliação do processo de ensino e aprendizagem: no Estágio Supervisionado de Tradução e no Projeto Final de Curso (equivalente ao Trabalho de Conclusão de Curso).

No Estágio Supervisionado, o aluno é avaliado tanto pelo professor supervisor de Estágio como pelo profissional da entidade que o recebe. O concluinte do Estágio deverá entregar um Relatório Final de Estágio, no qual relata sua experiência, expondo dificuldades e aprendizados, e, ao

qual, também anexa os trabalhos desenvolvidos durante seu percurso. A cada dois anos, realiza-se o Seminário Interno de Estágio Supervisionado, visando promover integração e intercâmbio com as instituições que oferecem o estágio, no qual os estagiários apresentam publicamente suas experiências profissionais.

No Projeto Final de Curso, o corpo docente do Bacharelado em Letras-Tradução participa da Banca de Avaliação, que é composta pelo Professor Orientador do Projeto Final e de mais dois professores, de qualquer uma das habilitações do Curso. O Projeto Final de Curso (TCC) exige a tradução de, no mínimo, cinquenta laudas de texto, independentemente de sua tipologia, desde que sejam respeitadas as exigências de relevância e pertinência para a pesquisa e a formação do tradutor. O estudante tem que apresentar anteprojeto, contendo descrição da proposta, objetivos, justificativa, metodologia, fundamentação teórica e bibliografia. O Relatório Final do Projeto é composto da descrição e apresentação do projeto, fundamentação teórica, texto original, texto traduzido, relatório de tradução (ou tradução comentada), considerações finais e bibliografia. A defesa prevê vinte minutos para apresentação do Projeto pelo aluno e igual tempo de arguição para cada membro da banca. Em caso de projeto que envolva reflexão sobre a crítica e/ou a história da tradução, a investigação sobre a formação profissional do tradutor, não há necessidade de entrega de laudas traduzidas, porém exige-se o aprofundamento teórico necessário à execução da pesquisa. Foi desenvolvido um Manual para o Projeto Final de Tradução, com orientações quanto à estrutura, ao desenvolvimento, às normas de formatação, às citações e às referências bibliográficas, com base nas Normas da ABNT. A qualidade crescente dos Projetos Finais levou o Colegiado do Curso a decidir por torná-los disponíveis *on-line*, o que deverá ser feito em breve.

Ressaltamos ainda que os Bacharelados diurno e noturno são coordenados por dois professores do quadro permanente da UnB, membros do

Colegiado do Curso, eleitos pelos pares e cujo cargo tem duração de dois anos. O POSTRAD também possui Coordenador, eleito segundo as regras vigentes dos Regulamentos do Curso e da UnB e possui secretaria própria.

As habilitações em tradução francês e inglês do Bacharelado em Letras-Tradução diurno têm no total 16 professores, sendo 14 doutores e dois doutorandos. A habilitação do curso noturno em espanhol conta com oito docentes, sendo um doutor e sete mestres, alguns destes já aprovados em programas de pós-graduação para cursarem o doutoramento.

2.1 Resumo das informações sobre o Bacharelado em Letras-Tradução diurno: habilitações francês e inglês²

Curso: 639 - Letras-Tradução

4529 – FRANCÊS		
<i>Reconhecida pela Portaria Nº 064745 em 30/06/69</i>	FLUXO	CURRÍCULO
Grau: Bacharel		
Limite mínimo de permanência:	6	
Limite máximo de permanência:	14	
Quantidade de Créditos para Formatura:	180	
Quantidade mínima de Créditos Optativos na Área de Concentração:	0	
Quantidade mínima de Créditos Optativos na Área Conexa:	41	
Quantidade máxima de Créditos no Módulo Livre:	24	

² Informações disponíveis em: <http://www.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/curso_dados.aspx?cod=639>. Acesso em: 02 de ago. 2011. As informações sobre o fluxo do curso estão disponíveis em: <<http://www.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/fluxo.aspx?cod=4529>> (para a habilitação em francês) e <<http://www.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/fluxo.aspx?cod=4511>> (para a habilitação em inglês). Acesso em: 02 de ago. 2011.

2.2 Resumo das informações sobre o Bacharelado em Letras-Tradução noturno

O Bacharelado em Letras-Tradução Espanhol visa complementar a formação de profissionais atuantes no mercado profissional de tradução que não tinham a formação acadêmica adequada, como também atender a uma demanda dos alunos da Licenciatura em Espanhol e das Licenciaturas em Letras e Línguas Estrangeiras, de modo geral, e à comunidade como um todo. O curso foi implementado no primeiro semestre de 2009, com a realização do vestibular e com o ingresso da primeira turma de estudantes. O currículo do novo curso foi elaborado pelos docentes do Bacharelado em Letras-Tradução, levando-se em consideração as principais demandas do alunado e do corpo docente: inclusão de mais uma disciplina teórica sobre os estudos da tradução e de disciplinas de prática de tradução desde o primeiro semestre do curso. O Projeto REUNI disponibilizou dez vagas de docentes para a habilitação em Espanhol do curso de Letras-Tradução, das quais oito já foram preenchidas; para as duas restantes, ainda estão sendo realizadas as seleções públicas.

Curso: 1414 - Letras-Tradução Espanhol

4626 - LETRAS-TRADUÇÃO ESPANHOL		
<i>Reconhecida pela Portaria Nº 064745 em 30/06/69</i>	FLUXO	CURRÍCULO
Grau: Bacharel		
Limite mínimo de permanência:	7	
Limite máximo de permanência:	14	
Quantidade de Créditos para Formatura:	176	
Quantidade mínima de Créditos Optativos na Área de Concentração:	0	
Quantidade mínima de Créditos Optativos na Área Conexa:	0	
Quantidade máxima de Créditos no Módulo Livre:	24	

2.3 Informações gerais sobre vagas e números de alunos

Número atual de alunos nas habilitações francês e inglês: 257 alunos, sendo que oito deles cursam uma segunda opção (dupla habilitação ou duplo curso).

Número atual de alunos no curso noturno Letras-Tradução Espanhol: 114 alunos

Número de vagas por tipo de acesso à universidade:

VAGAS PARA TRANSFERÊNCIA FACULTATIVA (TF) 2/2011

Letras-Tradução – Francês: 7 (sete) vagas

Letras-Tradução – Inglês 11 (onze) vagas

Letras-Tradução – Espanhol – iniciado em 2010 – não há oferta de vaga para TF

VAGAS PARA O VESTIBULAR 2/2011	COTAS	UNIVERSAL	TOTAL
Diurno Letras-Tradução – Francês	4	14	18
Diurno Letras-Tradução – Inglês	4	18	22
Noturno Letras-Tradução – Espanhol	6	24	30

VAGAS PARA O PROGRAMA DE AVALIAÇÃO SERIADA (PAS) (BOLETIM INFORMATIVO PAS 2010)	VAGAS	INSCRITOS	DEMANDA
Diurno Letras-Tradução – Francês	9	15	1,67
Diurno Letras-Tradução – Inglês	11	63	5,73
Noturno Letras-Tradução – Espanhol	15	26	1,73

3 Mestrado em Estudos de Tradução

Foi aprovado, em março de 2011, o Curso de Mestrado em Estudos da Tradução – POSTRAD³, cuja primeira turma de estudantes-pesquisadores

³ Informações sobre o Mestrado em Estudos de Tradução disponíveis em: <www.let.unb.br/postraducao>.

ingressou no segundo semestre. Devido à sua localização e influência na comunidade local, regional e nacional, a UnB precisava estender sua contribuição a uma área tão necessária à sociedade, mediante a criação de um Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução na Universidade de Brasília. Por outro lado, Brasília é uma cidade para onde convergem pessoas do mundo todo. Alunos de várias partes do Brasil e do mundo passam pela UnB e têm o interesse de se capacitar na área de Estudos de Tradução. Assim, o POSTRAD buscará uma forte inserção nacional e internacional, contribuindo, também, para a consolidação dos Estudos de Tradução como área autônoma no país.⁴

O POSTRAD tem uma única área de concentração, “Tradução em Contexto”, que abrange os seguintes temas:

- Relações entre o sujeito-autor da tradução e a tradução como produto, texto, nas sociedades, nas culturas, nas línguas, e nas configurações políticas e ideológicas de uma dada comunidade linguística, em diferentes suportes.
- A tradução como mediação em contextos culturais, históricos, sociais e diplomáticos. Relações intra e extratextuais nos processos de análise de textos para tradução.

Esta área de concentração está subdividida em duas linhas de pesquisa, descritas a seguir:

- Linha 1 – Lexicografia, terminologia, línguas em contato e ensino de tradução:

⁴ Vale ressaltar que várias pesquisas em Tradução foram realizadas em nível de pós-graduação no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, levando à conclusão de mais de vinte dissertações de Mestrado, a maioria sobre tradução no ensino e/ou aprendizagem de línguas.

- Estudos teóricos e aplicados na área da terminologia voltados para a tradução de diversos registros e gêneros textuais, bem como o estudo de corpora visando à elaboração de glossários e à descrição e comparação de traduções.
- Interfaces linguístico-culturais: tradução, bilinguismo e contatos entre línguas.
- Estratégias, técnicas e recursos tecnológicos utilizados no ensino da tradução.
- Linha 2 – História, teoria e crítica da tradução:
 - Representações e ressignificações na tradução e na produção multilíngue, multimodal e intersemiótica.
 - Modalidades de tradução audiovisual (legendagem, *closed-caption*, *voice-over*, audiodescrição, adaptação).
 - História da tradução, crítica de tradução, teorias da tradução do texto literário e poético, tradução de diferentes gêneros textuais, literatura traduzida e literatura nacional, tradução e formação do cânone.

A demanda a ser atendida pelo Mestrado em Estudos da Tradução constitui-se de profissionais da área de tradução, egressos ou não de cursos de Letras-Tradução da UnB ou outras IES; das diversas licenciaturas em LEM da UnB e das demais IES do Distrito Federal; pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento que, necessitando de atuação na área de tradução, carecem de formação aprofundada nesse campo; pesquisadores, tradutores e alunos oriundos das regiões em torno de Brasília e do DF, assim como dos estados que compõem a região Centro-Oeste.

A Pós-Graduação em Estudos da Tradução tem por objetivo a formação de profissionais para o exercício das atividades de pesquisa, tradução propriamente dita, e de magistério superior na área de tradução. O profissional em tradução deverá atuar em instituições de ensino superior, bem como em instituições culturais e editoras, contribuindo para uma reflexão cada vez mais abrangente e crítica sobre a prática da tradução. Para tradutores que já atuam no mercado de trabalho, a qualificação teórica e a pesquisas em tradução serão uma complementação às suas competências.

Trata-se, tanto no âmbito do Mestrado como naquele do Bacharelado, de agregar os diversos campos de estudo na área de tradução, na Universidade de Brasília, de modo a formar um polo aberto e amplo de pesquisa na área, com vistas a contribuir para a sua delimitação e seu desenvolvimento por meio da pesquisa sobre tradução em contextos diversos. Entre as diretrizes e metas delineadas pelos colegiados dos cursos, almeja-se:

1. Contribuir para a formação de novos tradutores profissionais capazes de serem inseridos imediatamente no mercado de trabalho e de atender às suas demandas;
2. Contribuir para a formação de novos pesquisadores em estudos da tradução, no Distrito Federal, no Centro-Oeste e no país, com vistas a atender às necessidades de um campo cujo potencial de expansão vem se evidenciando cada vez mais;
3. Proporcionar uma continuidade específica à formação dos estudantes de graduação em Letras-Tradução e Letras-Línguas Estrangeiras em nível de mestrado na área de Estudos da Tradução, de modo a formar pesquisadores e pensadores no campo da tradução, multidisciplinar, por natureza;

4. Vincular as pesquisas da graduação e de pós-graduação por meio de projetos integrados, nos quais alunos da graduação (PIBIC-CNPq, PET, Núcleos de Estudos) e pós-graduação possam atuar em conjunto;
5. Ser um centro de referência e de formação na área de tradução no Centro-Oeste, permitindo a integração de diversos programas de pós-graduação na área de Letras com o programa em Estudos da Tradução;
6. Promover, num ambiente multicultural e plurilíngue, a pesquisa em tradução cujo objeto de estudo são línguas muito pouco atendidas, como o farsi, o chinês, o japonês, línguas que possuem com nosso Departamento uma forte vinculação, seja por meio do curso de licenciatura em japonês, seja por meio dos projetos de extensão de ação contínua, de leitorados (italiano, farsi), da criação do Instituto Confúcio na UnB (caso do mandarim);
7. Proporcionar o suporte necessário ao desenvolvimento de pesquisas de ponta, através de incentivos aos pesquisadores, professores, estudantes e demais participantes do programa;
8. Promover a criação de novos grupos de pesquisa e fóruns de discussão e de divulgação dos progressos da área;
9. Intensificar as iniciativas de cooperação nacionais e internacionais existentes, como meio de integração dos grupos de pesquisa da área, além de promover novos acordos de cooperação;
10. Contribuir para o aperfeiçoamento das ferramentas de trabalho do tradutor;
11. Possibilitar a elaboração de traduções anotadas de textos importantes em várias áreas, e provenientes de várias línguas e culturas de forma a oferecer modelos de tradução que possam, eventualmente, incentivar novas práticas entre os tradutores.

4 Considerações finais

O Bacharelado em Letras-Tradução UnB goza de boa reputação no mercado local, nacional e até internacional. Preserva-se o contato com alunos egressos do curso, que frequentemente são convidados para proferir palestras para os estudantes sobre como atuam no mercado de trabalho. Os ex-alunos do curso formam um excelente elo entre a universidade e o mundo do trabalho, inclusive no que diz respeito à demanda de vagas para estagiários de graduação em tradução. Hoje, no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, contamos com quatro doutores e um mestre egressos do próprio curso.

O aumento do número de docentes e pesquisadores nos últimos seis anos teve como consequência natural a criação da pós-graduação em Estudos da Tradução, mas também a realização de eventos importantes na UnB, tais como as visitas de José Lambert e Mona Baker, em 2009 e 2011, respectivamente, além de uma maior participação em eventos locais, nacionais e internacionais. Saliente-se, ainda, que desde 2006 foram organizados e fomentados na UnB importantes eventos na área de Tradução, como o I Encontro Nacional de Tradutores de obras francesas no Brasil, organizado com o apoio da Embaixada da França e da UnB, e os seminários de Literatura, Cultura e Tradução (2009), o Simpósio de Crítica Genética e Tradução (2010), e o I Seminário de Pesquisa em Tradução (2010). Este último terá em 2011 sua segunda edição.

Hoje, os docentes do curso participam regularmente em Grupos de Pesquisa e associações nacionais de pesquisadores – Abralín, Abralic, Abrapt, ANPOLL – e internacionais – CLEPUL (Portugal), CNRS e PRIPLAP/ERIMIT (França). A maior inserção na pesquisa levou a um

aumento da produção intelectual interna, que se materializa em forma de publicações diversas: quatro livros, vários capítulos de livros e artigos científicos em revistas indexadas nacionais e internacionais. Foi publicado em 2012 pela Editora 7Letras a coletânea *Tradução e Cultura*, obra comemorativa dos 30 anos do Bacharelado em Letras-Tradução. No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, está sendo criado um periódico que circulará em meios impresso e eletrônico.

Em suma, os bacharelados em Letras-Tradução e o Mestrado em Estudos da Tradução – POSTRAD – da Universidade de Brasília, esperam, com seu desenvolvimento, contribuir para o incremento dos Estudos da Tradução no Brasil e no mundo.

Os Estudos da Tradução no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará

Luana Ferreira de Freitas

Tito Lívio Cruz Romão

Carlos Augusto Viana da Silva

Universidade Federal do Ceará

1 A prática da tradução no DLE e os primeiros passos rumo aos Estudos da Tradução

Não é fato incomum nos Cursos de Letras oferecidos pelas instituições de ensino superior brasileiras que professores de línguas estrangeiras se dediquem à prática da tradução. No Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), a situação não foi diferente: desde sua criação ainda como faculdade, há 50 anos, sempre houve docentes envolvidos com a prática da tradução, de forma autônoma ou por solicitação da própria instituição.

Ainda na década de 1970, já se haviam envidado esforços visando ao estabelecimento de um futuro Bacharelado em Letras, que, porém, nunca chegou a ser concretizado. Do fluxograma desse bacharelado também faziam parte disciplinas específicas de tradução, que, nos anos 80, passaram a funcionar apenas como disciplinas optativas, notadamente para as línguas francesa e inglesa. Paralelamente a essa oferta de disciplinas optativas de tradução, o então Reitor da UFC, Prof. Paulo Elpídio de Menezes Neto, instou a criação de um Núcleo de Tradução, para que se vertesse para o português uma série de cadernos publicados pela Associação Internacional de Universidades. O Núcleo de Tradução, que foi concebido e instalado no âmbito do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC, estenderia seus serviços, numa fase posterior, igualmente a solicitações de traduções provenientes da comunidade em geral. Ali atuaram diversos professores das quatro línguas então oferecidas no currículo do Curso (alemão, francês, inglês e italiano), dentre os quais se podem citar: Marcus Vinícius Fontes Dodt, Débora Cândida Dias Soares, Maria de Fátima Ramos Viana, Euterpe Barreto Rosa de Sousa, Teresa Maria Frota Bezerra, Francisco de Assis Garcia, Carlos Alberto de Souza, Raimundo Benício Filho, dentre outros. No final dos anos 90, o Núcleo de Tradução viria a ser extinto, uma vez que já perdera o sentido de sua finalidade maior, que era prover o mercado – antes muito carente – de tradutores dedicados e comprometidos com uma boa prestação de serviços. Por aquele ano, já havia um maior número de profissionais atuando na cidade de Fortaleza.

Entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90, alguns professores engajaram-se em prol da criação de um Curso de Especialização em Tradução. Já no início dos anos 90, alguns dos editais para a contratação de novos professores do DLE foram expedidos com a indicação de que se tratava de vagas para as áreas de língua e tradução (do alemão, francês e inglês). Com

essa iniciativa, também se acenava para um futuro Bacharelado em Tradução. Ressalte-se que, na área de línguas clássicas (grego e latim), ainda é comum, no DLE, que se abram concursos para a contratação de professores de língua, literatura e tradução. Foram feitos estudos preliminares de que participaram, por exemplo, as professoras Maria de Lourdes Souto Dias Branco Arthaud, Kerstin Kippenhahn e Teresa Maria Frota Bezerra. Sob a coordenação desta, finalmente foi criado, no ano de 1994, o Curso de Especialização em Tradução do Alemão, Francês e Inglês, em que se formaram três turmas de especialistas. Esse Curso de Pós-Graduação *lato sensu* compunha-se de um total de 380 horas-aula e abrangia as seguintes disciplinas: Linguística e Tradução, Teoria da Tradução, Didática da Tradução, Análise e Produção de Textos, Metodologia do Trabalho Científico (todas integrantes do chamado tronco comum do curso e ministradas, portanto, em língua portuguesa), Tradução Comentada, Gramática Contrastiva e Cultura e Civilização (específicas para cada um dos três idiomas estrangeiros), além da escrita de uma monografia específica. Esta poderia versar sobre um tema dos mais diversos campos da tradução, tais como crítica de tradução, história e teoria da tradução, tradução comentada, elaboração de glossários bilíngues etc. Antes da criação desse curso e também durante a sua realização, foram convidados alguns professores e peritos em Estudos da Tradução, oriundos tanto do Brasil quanto do exterior. Dentre eles se podem mencionar: José António Palma Caetano (Universidade Viena), João Azenha Júnior (USP), Mary Snell-Hornby (Universidade de Viena), Stella Tagnin (USP), Daniel Gile (ISIT/Paris) e Jean-Louis Cordonnier (Universidade de Besançon).

Paralelamente ao Curso de Especialização em Tradução, o DLE passou a oferecer, sob a coordenação do Prof. Tito Lívio Cruz Romão, os Seminários de Tradução e Interpretação, a partir de outubro de 1995. Os

seminários tinham como objetivo geral divulgar o curso de pós-graduação então recém-iniciado, prestando um embasamento teórico-prático ao grande público interessado, e com o objetivo específico de preparar a plateia local para um grande evento na área de tradução que seria realizado no ano seguinte. Em seu primeiro formato, foram apresentadas as seguintes palestras: a) The representation of foreground and background in French, English and German translations of some passages from Jorge Amado's Gabriela – Ursula Stephany (Universidade de Colônia, Alemanha); b) A pesquisa para tradução – Stella Tagnin (USP); c) Estudo comparativo de alguns verbos do campo semântico “respirar” em inglês e português – Emília Maria Peixoto Farias (UFC); d) Alterações e correções do texto de partida – Débora Cândida Dias Soares (UFC); e) A compensação como procedimento de tradução na obra “Essa terra”, de Antônio Torres – Jacqueline Freitas Bezerra (UFC); f) Tradução *versus* interpretação – Tito Lívio Cruz Romão (UFC); g) A tradução juramentada – Maria de Fátima Ramos Viana (UFC); e h) As (in)fidelidades da tradução segundo Francis Henrik Aubert – Marcus Vinícius Fontes Dodt (UFC). Houve, ao longo de alguns anos, quatro versões desse seminário.

No ano de 1996, um grupo de professores do DLE, sob a coordenação do Prof. Tito Lívio Cruz Romão, juntamente com a Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), cuja sede se encontrava àquela época na Universidade de São Paulo, realizou em Fortaleza, nas dependências do Centro Administrativo e de Treinamento do Banco do Nordeste do Brasil, o *VI Encontro Nacional de Tradutores*. O congresso, que teve como tema *Integração via Tradução*, levou a Fortaleza cerca de seiscentos participantes, provenientes de diversos estados brasileiros e também de outros países, que se distribuíram em diversas seções de comunicações, painéis, minicursos e oficinas.

Em 1999, após a conclusão da terceira turma de especialistas em tradução, o DLE resolveu fazer jus ao caráter não permanente do Curso de Especialização em Tradução do Alemão, Francês e Inglês. Embora se pensasse, naqueles idos, somente em uma breve interrupção na oferta do curso de pós-graduação *lato sensu*, essa iniciativa ímpar acabou por cair no esquecimento dentro do DLE. Anos mais tarde, como se verá a seguir, seria substituído por uma Especialização em Estudos da Tradução.

2 O estágio atual

Sabemos que, para o estabelecimento de um campo de estudo, torna-se necessária, antes de tudo, a busca incessante de sistematização teórico-metodológica para que se possam investigar problemas e fenômenos postos. Mas, para se chegar a tal sistematização, um longo percurso de observação, debate e reflexão precisa ser trilhado no sentido de fomentar e consolidar paradigmas. Se pensarmos a tradução, por exemplo, cada vez mais a disciplina é entendida como uma atividade indispensável em toda e qualquer cultura, por se tratar de um ato de comunicação que desenvolve a internacionalização da informação. Tem, portanto, inquestionável importância na produção e transmissão do conhecimento.

Com a ampliação de conceitos teóricos e de procedimentos metodológicos, os Estudos de Tradução passaram a ocupar um vasto campo de saberes, subdividindo-se em diferentes áreas de interesse. Existe uma subdivisão tradicional que polariza a disciplina em dois tipos: tradução técnica e tradução literária. No entanto, com o desenvolvimento dos estudos na área e o surgimento de novas necessidades de mercado graças ao desenvolvimento da tecnologia e à consolidação cada vez maior do intercâmbio entre culturas no

contexto da globalização, novas linhas de investigação surgiram – tais como, legendagem, dublagem, interpretação, adaptação fílmica, terminologia, tradução juramentada, historiografia, linguística computacional, linguística de *corpus*, entre outras. O surgimento dessas linhas fortaleceu a pesquisa em tradução e influenciou seu estabelecimento enquanto objeto de estudo.

O cenário acima apresentado cria novas demandas de mercado e, conseqüentemente, acelera a urgência de debate científico sobre o fenômeno tradutório e as suas implicações nas relações políticas, sociais e culturais entre diferentes nações. Como desdobramento desse processo, torna-se relevante uma reflexão sobre o redimensionamento do perfil do profissional de Letras na contemporaneidade. Por essa razão, temos insistido na ideia de que os Estudos da Tradução merecem ser posicionados em espaços importantes de discussão na Universidade Federal do Ceará (UFC). Assim, em 2009 os estudos em questão foram retomados nesta universidade e incorporados ao processo de formação de pós-graduação por meio de duas frentes de atuação: a) *lato sensu* – Curso de Especialização em Estudos de Tradução – do Departamento de Letras Estrangeiras – DLE; e b) *stricto sensu* – projeto de pesquisa integrante da linha de pesquisa “Estudos Comparados de Literatura de Línguas Modernas” do Programa de Pós-Graduação em Letras. Isso se deve ao fato de entendermos que a tradução também deve fazer parte da formação do profissional de línguas estrangeiras. Nesse sentido, todas as iniciativas em linhas gerais têm como objetivos levantar o debate sobre a área, discutir abordagens sobre o processo de tradução e incentivar a pesquisa acadêmica nesse campo de estudo.

Como podemos perceber, os Estudos da Tradução na UFC estão abrigados em dois espaços diferentes, embora interajam de forma constante. Reforça, portanto, a natureza interdisciplinar da própria disciplina, que dialoga constantemente com outras áreas do conhecimento. Em muitos

casos, as análises de tradução lidam com questões teóricas e metodológicas de diferentes saberes, tais como literatura, cinema, lexicologia, linguística, cultura, civilização etc. Partindo desse pressuposto, o curso de Especialização deste Departamento tem ligação direta com todas as Unidades Curriculares, uma vez que todas as línguas estão contempladas como língua de trabalho no seu projeto, bem como alguns projetos de pesquisa e grupos de estudo em andamento na graduação do Departamento de Letras Estrangeiras.

No segundo semestre de 2009, foi aberto o novo Curso de Pós-Graduação *lato sensu* no seio do DLE, mais precisamente um Curso de Especialização em Estudos de Tradução, sob a coordenação do Prof. Carlos Augusto Viana da Silva. Realizou-se uma seleção para alunos de qualquer uma das sete línguas ministradas no DLE, a saber: alemão, espanhol, francês, grego, inglês, italiano e latim. Já na seleção, não houve candidatos aprovados para grego, e, ao longo dos dois semestres e meio de aulas, os alunos de espanhol e de latim acabaram desistindo do Curso. Este, ao contrário do Curso de Especialização em Tradução do Alemão, Francês e Inglês, segue uma linha mais voltada para o aprofundamento de temas ligados às teorias da tradução sob diferentes óticas, embora também tenha uma componente prática. O corpo docente, composto por 18 professores, ministrou as seguintes disciplinas: Metodologia da Pesquisa Científica, Lexicologia e Lexicografia, Metodologia da Pesquisa em Tradução, Teorias da Tradução I a III, Linguística de *Corpus* e Tradução, Tradução Automática e Mediada por Computador, Aspectos Linguísticos da Tradução I e II (estas duas disciplinas específicas atreladas à respectiva língua estrangeira escolhida pelo aluno), Tópicos em Tradução I: Língua e Cultura, Tópicos em Tradução II: Tradução Intersemiótica, Tradução Literária: Aspectos Teóricos e Práticos, Tradução Juramentada, Seminários de Pesquisa em Tradução, além da escrita e apresentação da Monografia.

A primeira turma foi formada em setembro de 2011 com a apresentação de 12 monografias. Dentre as monografias defendidas nesta nova versão do Curso de Especialização em Estudos da Tradução da UFC, o professor Carlos Augusto Viana da Silva orientou quatro especialistas em adaptação fílmica, dos quais dois são do italiano, um do francês e um do inglês; a professora Luana Ferreira de Freitas orientou dois especialistas em tradução comentada, ambos do inglês; o professor Tito Lívio Cruz Romão orientou um especialista em lexicografia, do alemão; o professor Josenir Alcântara de Oliveira assumiu uma orientação em estudos feministas da tradução, do italiano; a professora Lourdes Bernardes Gonçalves orientou um especialista em linguística de *corpus*, do inglês; a professora Carolina Torquato foi responsável por uma orientação em tradução literária, do italiano, e a professora Jacqueline Freitas Bezerra orientou duas especialistas, uma em análise contrastiva e outra em tradução literária do francês.

Vale ressaltar que está prevista mais uma turma de especialização em Estudos da Tradução na UFC para o primeiro semestre de 2012, de modo que se pretende intensificar e aprofundar os Estudos da Tradução no DLE.

No período de 2009-2011, foi desenvolvido o projeto de pesquisa intitulado *A tradução de narrativas modernas na literatura e no cinema*, sob a coordenação do Prof. Dr. Carlos Augusto Viana da Silva, que passou a integrar a linha de pesquisa “Estudos Comparados de Literaturas Modernas”. O projeto teve como objetivo geral investigar as traduções de narrativas representativas do romance moderno na literatura e no cinema. Partimos do pressuposto de que, ao serem traduzidos para outra(s) língua(s) e/ou linguagem(ns), os projetos narrativos em questão são ressignificados pelos tradutores, numa tentativa de torná-los mais fluentes para o público de chegada. Há, portanto, uma tendência de que essas narrativas tornem-se menos

vanguardistas nos novos contextos. Como objetivos específicos, os propósitos foram os seguintes: a) estudar aspectos estruturais do romance moderno; b) Caracterizar o padrão narrativo das obras traduzidas; e c) analisar estratégias de tradução na construção das narrativas traduzidas e suas implicações nos contextos de chegada. O *corpus* foi constituído por romances modernos representativos da técnica do fluxo da consciência e/ou de outras técnicas inovadoras e suas respectivas traduções para outros contextos. As obras analisadas foram de autores canônicos de língua inglesa cuja produção literária se enquadra na perspectiva de escrita moderna. Os textos objetos de análise foram os seguintes: os romances *Orlando* (1928), *Mrs. Dalloway* (1925) e *The Waves* (1931), de Virginia Woolf, o romance *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1916) e o conto “The Dead” (1914), do escritor irlandês James Joyce e suas respectivas traduções cinematográficas: *Sra. Dalloway* (1997), por Marleen Goris; *Golven* (1982), por Annette Apon; *Orlando* (1992), por Sally Porter; *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1977), por Joseph Strick e *Os vivos e os mortos*, (1987) por Jonh Huston.

Por meio da delimitação dos padrões narrativos e das discussões sobre os objetos investigados, observamos o papel que as estratégias de tradução, tais como linearidade, mudança de foco na construção de personagens, ênfase na apresentação temática e não exatamente na formulação da estrutura inovadora dos textos de partida, exerceram na reescrita de novos formatos narrativos nas traduções das narrativas analisadas. Dentre as causas da consolidação desses novos formatos narrativos, podemos destacar as próprias limitações do meio de linguagem, o cinema, que, ao seu modo, ressignifica o universo literário dos autores e amplia por meio da criação de imagens esse universo para novos públicos. Com base nos resultados, foi percebida a necessidade de aprofundamento da discussão sobre o processo de reescrita de narrativas modernas, e o estudo em questão continua

por meio de outro projeto de pesquisa em desenvolvimento intitulado *A tradução de narrativas modernas na literatura e no cinema: ampliação de corpus* até 2013. Pretendemos, com isso: a) ampliar a investigação, incluindo a análise da tradução de outros romances para outros contextos de línguas (cinema, por exemplo), para verificarmos se essas narrativas cinematográficas seguem essa tendência mais convencional, até então, observada; b) analisar qual o diálogo que se estabelece com o espectador, pelo menos do ponto de vista da recepção crítica, para entendermos em que medida tais narrativas consolidam o público leitor das obras e influenciam na formação de novos públicos; e c) dar continuidade à orientação de cinco pesquisas em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras, bem como os Trabalhos de Conclusão de Curso do Curso de Especialização em Estudos de Tradução. Vale ressaltar que foram concluídas cinco monografias sobre o assunto na primeira turma do curso.

No período de 2009-2010, outro projeto de pesquisa, intitulado *A contribuição da Linguística de corpus na análise literária*, foi desenvolvido no DLE, sob a coordenação da Professora Lourdes Bernardes Gonçalves. Tendo como um de seus principais objetivos mostrar a importância da Linguística de *Corpus* como ferramenta na investigação de processos de escrita do texto literário; a pesquisadora trabalhou com um *corpus* constituído por contos de James Joyce, utilizando o *Programa Wordsmith Tools*.

Fabiano Seixas Fernandes, professor do DLE na área de língua inglesa e suas literaturas, coordena, desde junho de 2011 o projeto de pesquisa intitulado *Tradução anotada de Paradise Lost, de John Milton (primeira parte, Cantos I a VI)*, que visa à tradução da metade do poema épico do poeta inglês, John Milton, a ser acompanhada de um aparato crítico paratextual.

Na área de língua e literatura grega, o Prof. Robert de Brose, como aprofundamento de sua tese de doutoramento sobre a poética da oralidade em Píndaro, atualmente realiza a pesquisa intitulada *Comentário à Primeira Olímpica de Píndaro*. Além disso, publicou a tradução de *Epigramas Bélicos*, de Simônides de Ceos, pela (n.t.) – Revista Literária em Tradução 2º, da Universidade Federal de Santa Catarina. O Prof. Orlando Luiz de Araújo, por seu turno, tem elaborado, no âmbito de um projeto de pesquisa intitulado *Narração e Drama*, a tradução de *Ifigênia em Táuris*, de Eurípidés, visando a uma futura publicação. Outrossim, realizou a tradução de *Electra*, de Sófocles, que também pretende publicar. Em 1998, a Professora Ana Maria César Pompeu, igualmente professora de língua e literatura grega, publicou pela Editorial Cone Sul a tradução da obra *Lisístrata*, de Aristófanes, que recentemente foi reeditada. Ademais, coordena o Grupo de Estudos Aristofânicos (GEA) da UFC, que atualmente se ocupa da tradução de *Os Cavaleiros*, de Aristófanes. Recentemente, a Professora Ana Maria concluiu a tradução de *Os Acarnenses*, do mesmo autor, numa versão para o dialeto matuto, a qual pretende publicar em breve. Um grupo de pesquisa sob sua orientação também se tem reunido para elaborar uma tradução da *Septuaginta*. Os professores Orlando Luiz de Araújo e Ana Maria César Pompeu também coordenaram, nos últimos dois anos, um trabalho de pesquisa que culminou na tradução da obra *Díscolo* (ou *O Misanthropo* ou *O Enfezado*), de Menandro, em que participaram alunos de língua grega do DLE.

O Prof. Francisco Edi de Oliveira Sousa, da área de língua e literatura latina, no momento desenvolve um projeto pessoal de tradução metrificada, em dodecassílabos, da obra *As Geórgicas*, de Virgílio, acompanhada de um cuidadoso exame da elocução do poema, com a intenção de produzir uma edição bilíngue e comentada.

Atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, o Prof. Leonel Figueiredo de Alencar Araripe, professor de língua alemã do DLE, tem trabalhado na consecução de um projeto individual de pesquisa intitulado TRAGBAR (tradutor germano-brasileiro). Trata-se, especificamente, de um tradutor automático bidirecional para textos na área de turismo.

Como podemos observar, os projetos de pesquisa supracitados refletem diferentes perspectivas de investigação sobre o fenômeno da tradução e suas diversas modalidades. Por essa razão, procuramos contemplar vários aspectos das áreas específicas de estudos da disciplina no nosso curso, possibilitando, assim, a inserção de propostas de outras pesquisas, além de incentivar a continuidade dos estudos em curso de pós-graduação por parte dos alunos de graduação, que já participam desses projetos.

3 Perspectivas

A partir dessa tradição de décadas na UFC com duas especializações e vários eventos na área de Estudos da Tradução, configura-se, agora, um novo quadro de motivação gerado não apenas pelas últimas contratações para o DLE, mas também pelo novo estatuto da disciplina no âmbito nacional e internacional.

Vale a pena ressaltar também a área de Estudos Clássicos na UFC que, estabelecida desde o primeiro currículo do Curso de Letras, datando de 1961, conta atualmente com seis professores. Tradicionalmente, a área de Estudos Clássicos, tanto no exterior como no Brasil, trabalha regularmente com textos traduzidos. Recentemente, tem havido uma aproximação dessa antiga área com a nova área de Estudos da Tradução, de que dão

prova as últimas publicações de helenistas como Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, da UFMG, e João Ângelo Oliva Neto, da USP.

Na UFC, temos colegas, portanto, que publicam e refletem sobre tradução de forma sistemática, como Ana Maria César Pompeu, Luana Ferreira de Freitas, Tito Lívio Cruz Romão, Teresa Frota Bezerra, Martine Susanne Kunz, Robert de Brose, Francisco Edi de Oliveira Sousa e vários outros colegas estão começando a assumir essa prática, de modo que a tradução e os Estudos da Tradução parecem estar destinados a ocupar um lugar importante na instituição.

Ao longo dos últimos três anos, houve um intercâmbio intenso entre professores do DLE com a Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial, com os professores Walter Carlos Costa, Marie-Hélène Torres e Andréia Guerini, e com a área de tradução da Universidade de Brasília, em especial com os professores Júlio César Neves Monteiro, Theo Harden e Alessandra de Oliveira Harden. Esse intercâmbio possibilitou a reciprocidade de convites para participação em bancas de especialização, mestrado e doutorado e eventos nessas instituições. Essa convergência de interesses deu-se, sobretudo, em razão do histórico que o DLE tem com a tradução. Dois eventos recentes ilustram bem essa colaboração, o Simpósio de Tradução dos Clássicos, em julho de 2011, no XII Congresso da ABRALIC, em Curitiba, e o I Simpósio de Tradução Literária da UFC, sobre o qual falaremos mais adiante. O primeiro contou com 14 comunicações, que serão publicadas em um livro pela Editora da UnB.

Cabe lembrar que a diretoria da ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução) conta, nesta gestão, com professores da UFSC (Walter Carlos Costa, Marie-Hélène Torres, Andréia Guerini, Claudia

Borges de Faveri), UFMG (Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa), UnB (Júlio César Neves Monteiro, Alessandra Ramos de Oliveira Harden e Germana Henriques de Sousa) e UFC (Luana Ferreira de Freitas e Tito Lívio Cruz Romão).

Em 2010, Luana Ferreira de Freitas, professora adjunta do DLE na área de língua inglesa e suas literaturas da UFC, foi contemplada com o edital universal do CNPq com o projeto de pesquisa intitulado *Autoria e visibilidade em Lawrence Venuti teórico e tradutor*, que tem como objetivo examinar os preceitos teóricos lançados por Venuti em sua prática tradutória. O referido projeto conta com duas bolsistas de iniciação científica e um grupo de estudos multilíngue sobre autoria e tradução em vigor desde o segundo semestre de 2010.

O apoio do CNPq possibilitou igualmente a realização, o que já estava previsto no projeto apresentado à instituição, do I Simpósio de Tradução Literária da UFC, ocorrido nos dias 1º e 2 de setembro de 2011, organizado pela citada professora e pelos professores Orlando Luiz de Araújo, das letras clássicas da UFC, e Walter Carlos Costa, da área de espanhol da UFSC e professor da PGET. Esse evento teve a participação de 12 pesquisadores de estudos literários da tradução, com a participação de convidados de outras instituições, como o professor da USP, arabista e tradutor das *Mil e uma noites*, Mamede Mustafa Jarouche, a professora da área de francês da UFSC Marie-Hélène Torres, especialista em Antoine Berman e Madame de Staël e uma das idealizadoras da PGET, e o professor multilíngue do curso de letras tradução espanhol da UnB, Júlio César Neves Monteiro. Entre os participantes internos, destaca-se o professor de alemão Tito Lívio Cruz Romão, que conta com uma longa história dedicada à tradução e à interpretação e que é tradutor juramentado em Fortaleza. No evento, contamos com uma mesa dedicada a traduções clássicas, além de comunicações

em adaptação fílmica, tradução de poesia e de prosa, crítica e história da tradução literária.

Os textos produzidos para o citado evento, bem como as comunicações do evento de 2012 tem como resultado o livro *Ensaio de Tradução Literária*, cuja publicação está também prevista no projeto *Autoria e visibilidade em Lawrence Venuti teórico e tradutor*, aprovado pelo CNPq.

O evento contou com um público numeroso, composto por 90 alunos, em média, e vários colegas, tanto da UFC quanto da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e que participou ativamente do debate que se seguiu às palestras e comunicações. Essa participação indica que alunos e colegas veem o campo de Estudos da Tradução como uma promissora área de pesquisa para a sua formação em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado, assim como para sua futura produção acadêmica. Contamos já com um grupo de professores do DLE interessado em que, em um futuro próximo, a tradução se consolide no DLE e tenha seu lugar de destaque em um programa de pós-graduação próprio.

A institucionalização da tradução na UFPR: 2001-2011, dez anos do Bacharelado Acadêmico em Estudos da Tradução¹

Mauricio Mendonça Cardozo
Universidade Federal do Paraná

Na Universidade Federal do Paraná, a exemplo do que ocorreu – e ainda ocorre – em diversas² instituições brasileiras, a tradução, mesmo muito antes do início de seu processo de institucionalização no âmbito do Curso de Letras, também se fez presente ao longo da história da produção intelectual de docentes nas diversas áreas das Humanidades, especialmente a partir da década de 70 do século XX. Ainda que, na instituição paranaense, essa presença manifeste-se quantitativamente de maneira mais discreta do que em outros grandes centros – aqui não se pode deixar de levar em

¹ Os dados estatísticos aqui mencionados referem-se a um levantamento realizado no primeiro semestre de 2011.

O capítulo de Barbara Carolina Dias e Álvaro Silveira Faleiros, *A Tradução Literária em Revista no Brasil: aproximações*, está em anexo com a revisão dos autores.

O capítulo de Adriana Pagano, Fabio Alves e Igor A. Lourenço da Silva, *Modelagem da Produção de Significados em Tarefas Tradutórias*, tem correções a fazer. Esta na errata em anexo.

² Vide, por exemplo, o artigo em que João Azenha Jr. reflete sobre o momento fundador da formação em tradução na Universidade de São Paulo: AZENHA Jr., João. “O Curso de Tradução na Universidade de São Paulo: algumas reflexões sobre seu momento fundador” In: *Os caminhos da institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil*, site do GTTRAD, <<http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/>>, último acesso em julho de 2011.

conta, por um lado, a centralidade histórica de instituições do Rio de Janeiro e de São Paulo até a década de 80 e, por outro, o movimento nacional de descentralização da formação e da pesquisa a partir de então –, o padrão de ocorrência tópica ou temática da tradução em pesquisas no campo das Humanidades parece ser bastante regular, abrangendo áreas como a Filosofia, a História, a Antropologia, a Psicanálise, as Letras Clássicas e Estrangeiras Modernas e alguns campos da Linguística Geral e Aplicada. Esse padrão de ocorrência nos dá indícios de que o *boom* institucional dos Estudos da Tradução – que no Brasil se evidencia já a partir do final da década de 70 –, mesmo contabilizadas todas suas conquistas como campo disciplinar nas últimas três décadas, não minimizaria um interesse ancestral das mais diversas áreas pela tradução.³

O espaço institucional da tradução na UFPR, à semelhança do que aconteceu em outras universidades no Brasil e mundo afora, foi fundado a partir da tentativa de somar esforços anteriormente distribuídos em áreas isoladas da Linguística e das Letras. A circunscrição de uma nova área, porém, não apagaria as diferenças manifestas na peculiaridade da formação dos docentes e nas diferentes perspectivas de sua produção acadêmica. Ao mesmo tempo, a criação de um novo lugar institucional criaria também tensões acadêmicas e políticas entre este e os demais lugares acadêmicos não identificados com a nova proposta de circunscrição. Assim, desde o início de seu processo de institucionalização na UFPR, em 1998, a área dos Estudos da Tradução, na condição de *espaço novo*, teve como seu maior desafio a negociação interna de uma identidade mínima e a negociação externa de uma dinâmica de relações com áreas há tempos estabelecidas.

³ A esse respeito, vide: CARDOZO, Mauricio M. “Os Estudos da Tradução no contexto das Humanidades: *praxis* tradutória como experiência positiva dos limites da relação com o Outro”. In: LAGE, Verônica L. et alii. *Literatura, Crítica e Cultura III*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p.143-160.

O marco fundador desse processo de institucionalização na UFPR é a criação, no final do ano de 1997, do *Núcleo de Tradução* (NUT-UFPR), que entraria efetivamente em operação no início do ano de 1998. A proposta do NUT era a de criar um espaço institucional: primeiro, para *as atividades ligadas ao ensino*, incentivando uma oferta mais regular e sistemática de disciplinas de tradução; segundo, para *as atividades ligadas à pesquisa*, promovendo colóquios, jornadas, cursos de formação⁴ e, paralelamente, incentivando a capacitação dos docentes na área específica, com vistas a uma futura integração da tradução ao Curso de Graduação e ao Programa de Pós-Graduação em Letras; e terceiro, para *as atividades ligadas à extensão*, criando um Escritório Modelo de Tradução – a *Agência do NUT* –, em que alguns docentes eram responsáveis por promover uma espécie de agenciamento e acompanhamento da interação entre tradutores profissionais e estudantes do Curso de Letras interessados em acompanhar de perto a prática de profissionais da tradução. As atividades da Agência, ainda que riquíssimas para todos os envolvidos, demandavam um custo operacional elevadíssimo – em virtude da estrutura morosa e burocrática da Universidade, bem como das limitações da força de trabalho. Em razão disso, as atividades da Agência foram suspensas em 2005.

Até 2000, a UFPR contava com um Curso de Graduação em Letras que oferecia, ao estudante, a possibilidade de cursar uma habilitação simples ou dupla em Língua e Literatura Vernácula, Clássica e/ou Estrangeira. Por sua vez, a habilitação simples ou dupla podia ser cursada em uma das

⁴ A exemplo das quatro edições do evento *O olhar do tradutor* (em 1998, 1999 e 2000 – em 2010, uma quarta edição do evento retomaria a série interrompida), os inúmeros colóquios intitulados *E por falar em sentido* e as atividades específicas nas *Semanas de Letras*, as duas edições da *Jornada de Estudos da Tradução* (2006) e as cinco edições do *Simpósio de Estudos da Tradução* (2005, 2006, 2007, 2008 e 2009).

duas modalidades diferentes de formação: como Licenciatura ou como Bacharelado. A tradução, até então, tinha seu lugar restrito à oferta bastante eventual e irregular de algumas disciplinas optativas. Em 1998, iniciou-se um novo processo de reformulação curricular. Entre outras questões, a reavaliação do Curso então vigente diagnosticava uma certa indefinição do perfil de formação do Bacharelado – criado na reforma curricular anterior, de 1991 –, que não se definia senão como uma espécie de alternativa aos alunos que não tinham interesse em cursar a Licenciatura.

No final dos anos 90, também o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR passou por um processo de rediscussão, que daria origem ao formato (atualmente vigente) de um *curso misto*, com duas áreas de concentração: em Estudos Linguísticos e em Estudos Literários.

Esses dois esforços de rediscussão curricular, na graduação e na pós-graduação, acabaram se cruzando e o modelo de reorganização da Pós-Graduação acabou servindo de base para se repensar o problema de perfil formativo que o Bacharelado acusava. A solução foi encaminhada nos termos da criação de pequenas “áreas de concentração” no interior do Bacharelado em Letras, áreas que passaram a ser chamadas de *ênfases*. Num primeiro momento foi proposta a criação de uma ênfase em Estudos Linguísticos e de uma ênfase em Estudos Literários, à semelhança da organização das áreas de concentração no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Mas a participação de representantes do Núcleo de Tradução nos dois anos do longo processo de rediscussão curricular do Curso de Letras – que só se encerraria em 2001, com a implantação do novo currículo – seria determinante para que, num segundo momento, analogamente às duas ênfases já propostas, fosse criada ainda uma terceira: *a ênfase nos Estudos da Tradução*.

Durante esse longo processo de discussão, uma questão em especial permearia parte da discussão da nova *lógica das ênfases*. Ao contrário da lógica historicamente estabelecida das Licenciaturas – com um perfil de formação declaradamente profissionalizante e uma estrutura institucional fundada na lógica de áreas distribuídas nacionalmente (alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e português) –, as ênfases do Bacharelado em Estudos Linguísticos e em Estudos Literários propunham uma formação predominantemente acadêmica, no sentido de uma formação que tinha em vista a preparação do estudante para a atividade de pesquisador, ao invés de uma profissionalização, no sentido da habilitação do egresso para o exercício de uma atividade profissional específica. Além disso, sem prescindir da habilitação simples ou dupla em língua vernácula, clássica e/ou estrangeira moderna, a nova lógica de organização das ênfases, em virtude do outro tipo de recorte de áreas que estabelecia, impunha-se como uma possibilidade de reorganização dos saberes e competências também no espaço da Graduação, criando tanto a possibilidade quanto a necessidade de transcender os limites das áreas tradicionalmente instituídas.

É preciso que se diga, no entanto, que, para além da disposição de criação de um espaço para a tradução no Curso de Letras, não tínhamos muita clareza, na época da construção dessa nova proposta curricular, nem quanto a sua melhor forma de viabilização, nem quanto ao que poderia representar exatamente a oferta de um Bacharelado *acadêmico*, nos termos de uma ênfase nos *Estudos* da Tradução. Se optássemos pela proposta de um curso profissionalizante – nos mesmos termos das habilitações em tradução oferecidas na grande maioria das instituições brasileiras desde o final da década de 60 –, a ênfase em *Estudos* da Tradução geraria certo descompasso na relação interna com as duas outras ênfases do currículo de Letras, uma vez que passaria a assumir o perfil de uma formação *profissionalizante*. Essa

opção demandaria uma organização diferenciada, que não era compatível nem com a estrutura nem com os objetivos de um Bacharelado acadêmico.

Algumas questões nos fizeram crer, naquele momento, que a decisão mais acertada seria a de não propor um curso profissionalizante, optando, ao invés disso, por uma concepção da ênfase nos Estudos da Tradução nos termos de um *Bacharelado acadêmico*.

A primeira dessas questões dizia respeito às condições profissionais no contexto local: conforme explicitam João Azenha, Maria Paula Frota e Márcia Martins nos relatos da experiência com a formação de tradutores em suas respectivas instituições⁵, a dinâmica de relação entre os cursos de formação e o mercado de tradução, sobretudo em centros como São Paulo e Rio de Janeiro, sempre foi um fator fundamental na definição do perfil de formação do tradutor. À diferença do que ocorre nesses centros, porém, Curitiba, ainda que atenda grande parte da demanda por tradução dos estados do Paraná e de Santa Catarina, tem um volume muito mais discreto de atividades nessa área, além de não se constituir como um centro editorial.

Este foi um fator decisivo na época, já que a possível limitação das oportunidades concretas de convênios e estágios e a restrição das possibilidades de inserção profissional dos egressos na região nos pareciam algo preocupante. É verdade que, uma década após a criação do curso, a proximidade virtual dos grandes centros, construída a partir dos recursos tecnológicos a que temos acesso, acabaria por relativizar um pouco essa limitação local. Há, em Curitiba, muitos profissionais da tradução que atuam também no mercado de São Paulo e de outros centros, trabalhando para

⁵ Vide o conjunto de textos disponíveis no *site* do GTTRAD, e organizados sob o título *Os caminhos da institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil*. Disponível em: <<http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/>>.

editoras e grandes agências de tradução. Todavia, se do ponto de vista da atuação de um profissional já qualificado a situação local não se faz de todo restritiva, do ponto de vista de um profissional em formação a questão é mais complicada, pois as ofertas de estágio das agências e editoras do Rio de Janeiro e São Paulo são preenchidas quase em sua totalidade por estudantes de tradução daqueles centros.

A segunda questão dizia respeito ao relato de experiências de colegas de outras instituições já estabelecidas sobre algumas dificuldades da formação de tradutores em nível de graduação no Brasil, sobretudo no que dizia respeito ao grau de competência linguística e comunicativa alcançada pelo estudante ao longo da graduação. Em especial no caso da habilitação em língua alemã, a competência efetivamente atingida pelos egressos nem sempre se mostrava compatível com uma proposta de formação profissionalizante já na graduação, tornando extremamente recomendável, para uma possibilidade de atuação profissional efetiva, etapas posteriores de aperfeiçoamento – por exemplo, no âmbito de um curso de pós-graduação *lato sensu*. Uma eventual opção pelo caminho da formação profissionalizante nos recomendava, portanto, um percurso formativo em, no mínimo, duas etapas: graduação seguida de especialização. No entanto, no final dos anos 90, após um período de redução drástica da força docente na instituição – em virtude da onda de aposentadorias na primeira metade da década –, vivíamos um momento de sobrecarga de encargos didáticos e de poucas perspectivas de contratação de novos colegas nas Universidades Federais. Tendo em vista a limitação da força docente – que mal daria conta dos encargos didáticos do novo modelo de Bacharelado, quem dirá de um novo curso de especialização –, essa opção foi logo abandonada.

A terceira questão dizia respeito à falta de qualificação específica do corpo docente da UFPR. Em 1998, apenas uma colega da instituição

tinha formação específica em tradução, ainda que atuasse, como docente, em outra área de especialidade e não mantivesse uma atividade regular e sistemática como pesquisadora da área. Vários colegas tinham uma atividade mais ou menos eventual como tradutores, como é relativamente comum na grande área de Letras e Linguística no Brasil, mas não tinham experiência *profissional* em tradução. E alguns poucos colegas estavam apenas começando sua formação acadêmica em nível de mestrado ou doutorado. Diante desse quadro, que revelava um corpo docente sem qualificação específica, ou ainda em formação, e com pouca ou quase nenhuma experiência profissional, a proposta de um Bacharelado profissionalizante em tradução era, no mínimo, temerária: a decisão tomada acabou se limitando às nossas possibilidades concretas de oferta.

Uma questão decisiva para a opção pelo *Bacharelado acadêmico* foi a vocação interdisciplinar da área dos Estudos da Tradução. Se a lógica das ênfases, já no caso dos Estudos Literários e Linguísticos, abria a possibilidade de interfaces entre saberes e competências de várias áreas, uma ênfase nos Estudos da Tradução parecia poder concretizar de modo paradigmático essa nova dinâmica de relações no interior do Curso, uma vez que demandaria o cruzamento entre os saberes alocados tanto nas áreas nacionalmente constituídas (alemão, inglês, português, etc.) quanto nas áreas da Linguística, da Teoria Literária e das Literaturas. Além disso, o modelo de Bacharelado acadêmico, com foco na formação de jovens pesquisadores e organizado segundo uma lógica cara à Pós-Graduação, apresentava-se como uma grande oportunidade para diminuir a distância entre a graduação e a pós-graduação *stricto sensu*, especialmente do ponto de vista da possibilidade de integração efetiva dos bacharelados em grupos de estudo e de pesquisa já ao longo de sua graduação.

A opção final, da qual o curso é hoje tributário, encontrou forma numa proposta que oferece ao estudante, ao longo de todo o seu percurso formativo em Letras, já desde o primeiro ano, um espaço dedicado à sensibilização tanto para a diversidade e para a complexidade das *questões de tradução* quanto para a percepção dos diferentes *lugares em que a tradução* se manifesta como *questão*.

Em termos mais práticos, trata-se de uma proposta formativa que tem em vista fazer com que o estudante *conviva* com as questões de tradução ao longo de no mínimo quatro anos de sua formação, promovendo o desenvolvimento de um olhar crítico, a partir do qual os estudantes podem começar a refletir tanto sobre diferentes dimensões e aspectos práticos da tradução quanto sobre seu papel e lugar na história da humanidade e no mundo contemporâneo. A proposta formatada, de um Bacharelado *acadêmico* em Estudos da Tradução, objetiva construir um espaço em que os estudantes possam ter seu primeiro contato com as práticas de tradução, conhecer sua diversidade e problematizar suas complexidades. E, ainda que não se proponha como um Curso de formação profissionalizante de tradutores, não perdemos de vista a possibilidade de concretizar, nesse espaço, uma oportunidade de os estudantes entrarem minimamente em contato com as dinâmicas reguladoras da prática de tradução em nossa sociedade, bem como com recursos tecnológicos que se oferecem como instrumentos dessa prática.

O modelo formativo proposto não se funda, portanto, no exercício prático intensivo e extensivo da tradução, o que também não quer dizer que a proposta se caracterize como a de um curso essencialmente teórico. A não ser que se entenda por teoria, aqui, um tipo de visada didático-metodológica que, partindo sempre de uma prática de tradução pontual e exemplar,

objetiva mais centralmente a reflexão, a sensibilização, a problematização e o exercício crítico.

Resguardadas as limitações de qualquer generalização, pode-se dizer que, numa proposta de formação mais declaradamente profissionalizante, o investimento na problematização do processo – no sentido de seus vários desdobramentos críticos e reflexivos e de uma eventual ampliação das discussões com base na pesquisa da área – está geralmente a serviço da formação e consolidação de uma competência para a realização do produto final. Na proposta do *Bacharelado acadêmico em Estudos da Tradução*, a experiência do produto – sempre inseparável do processo, mas realizada em condições laboratoriais – surge antes como um horizonte em que se instaura a questão, o espaço de reflexão e a discussão crítica.

A compreensão, enfim, é a de que este modelo de curso investe numa formação mais reflexiva e horizontalizada, desenvolvendo mais centralmente a autonomia crítica do estudante e preparando-o, assim, para seguir seus estudos no âmbito de uma pós-graduação *stricto sensu*. Entendemos, no entanto, que aqueles estudantes que optam por seguir a carreira de tradutor também podem fazer bom proveito dessa autonomia crítica desenvolvida ao longo de tal formação, tanto no sentido de estarem bem preparados para as demandas específicas de uma futura prática profissional⁶ da tradução quanto no sentido de poderem absorver melhor os conteúdos específicos de um futuro curso de especialização.

Após dois anos de um longo processo de discussão da proposta, nos termos expostos acima, o novo currículo foi finalmente implantado

⁶ Mesmo sem constituir o objetivo central do *Bacharelado acadêmico em Estudos da Tradução* da UFPR, um levantamento preliminar da atividade atual dos egressos do curso aponta que mais de 40% exerce profissionalmente a atividade de tradução.

em 2001, completando no ano de 2011, sua primeira década de existência. Seguem anexas algumas tabelas que apresentam a estrutura geral do Curso vigente (tabela 1), a distribuição das cargas horárias por núcleo de especificidade formativa (tabela 2), o elenco de disciplinas obrigatórias (tabela 3) e o elenco de disciplinas optativas (tabela 4) da ênfase nos Estudos da Tradução.

Com a reestruturação do Bacharelado a partir de 2001, essa modalidade do Curso de Letras, que antes atraía o interesse apenas de um contingente mínimo de alunos, representa, atualmente, a terça parte do corpo discente (os outros dois terços são constituídos de alunos da Licenciatura). Ainda que esse número de estudantes seja relativamente discreto (algo em torno de 260 estudantes), observa-se um crescimento contínuo do interesse pela ênfase nos Estudos da Tradução, que contabilizou dois ingressos em 2001, atingiu o número de 19 novos ingressos no ano de 2008 e manteve-se na média dos 17 ingressos anuais desde então (ao todo, cerca de 70 dos 260 bacharelados cursam a ênfase em tradução).

No Curso que completou recentemente sua primeira década, os alunos têm disciplinas do Bacharelado já a partir do segundo semestre, tendo a possibilidade de integralizar, ao longo de sua formação em Letras, até quatro anos de disciplinas e atividades acadêmicas ligadas à tradução.

Um dado que merece destaque é o fato de que as disciplinas obrigatórias reúnem, numa mesma turma, estudantes de todas as habilitações (alemão, espanhol, francês, grego, inglês, italiano e latim)⁷. Inicialmente, não se tratava de uma posição didático-metodológica, mas sim, de uma

⁷ Mais recentemente foram criadas duas novas habilitações no curso: japonês e polonês. Essas novas habilitações seguem, porém, um projeto político-pedagógico diferenciado, razão pela qual não as incluo aqui na discussão.

solução prática, de caráter logístico, criada simplesmente para suprir a falta de força docente. No entanto, a experiência de trabalho com essas turmas “ecumênicas” mostrou-se absolutamente produtiva, sobretudo num contexto didático-metodológico em que a *problematização do processo* – sem ignorar a relevância do produto – coloca-se como questão mais central. Boa parte da oferta de disciplinas optativas também segue esse mesmo espírito ecumênico. É, no entanto, nesse espaço didático das disciplinas optativas que se concretiza a possibilidade de oferta de disciplinas mais voltadas para os estudantes de uma habilitação específica.

Por se constituir como espaço de relação entre diversos saberes, é importante mencionar ainda que muitas das disciplinas do Bacharelado com ênfase em Estudos da Tradução são cursadas por alunos de outras habilitações e ênfases, bem como de outros cursos, como a Filosofia e a Psicologia, dado que não é evidenciado pelo número final de diplomações na ênfase, bastante inferior ao número expressivo de alunos que frequentam disciplinas de tradução. Além disso, esse dado parece comprovar a hipótese do interesse que a tradução desperta também em outras áreas.

Ao longo dos dois últimos semestres do curso, o aluno, sob a orientação de um professor orientador, elabora uma monografia de fim de curso, que é defendida publicamente e segue os mesmos protocolos do mestrado, por vezes contando com a presença de docentes de outras instituições.

Até o final de 2010 foram defendidas 32 monografias no Bacharelado com ênfase em Estudos da Tradução da UFPR. Segue anexa uma lista com os títulos das monografias defendidas (tabela 5). Os trabalhos concluídos mostram, inicialmente, uma vocação do Bacharelado para projetos desenvolvidos nos campos da Tradução Literária – projetos de tradução e crítica de tradução literária – e da Teoria da Tradução, fruto da formação

específica do corpo docente envolvido. As monografias defendidas, bem como uma descrição pormenorizada tanto do Curso de Letras da UFPR quanto de suas disciplinas, podem ser acessadas na página eletrônica do Curso (<http://www.letras.ufpr.br>).

Essa vocação do curso faria também com que, no Programa de Pós-Graduação em Letras, o campo de pesquisa em tradução ficasse abrigado na área de concentração em Estudos Literários. A partir da reforma curricular de 2001, abriu-se um espaço para a tradução no interior da linha de pesquisa em *Recepção e leitura de textos literários*. A partir de 2008, o Programa de Pós-Graduação em Letras passou a contar com uma linha de pesquisa exclusiva para o campo de pesquisa em *Estudos da Tradução*, a que estão vinculados atualmente seis docentes. Os três primeiros egressos dessa linha são oriundos do Bacharelado com ênfase nos Estudos da Tradução da UFPR e concluíram o mestrado em 2010: um segue a formação em nível de doutorado na UFPR e um segue o doutorado na Unicamp. A linha tem atualmente, em andamento, cinco projetos de mestrado (dos quais três egressos do Bacharelado na UFPR) e três de doutorado (um egresso do Bacharelado na UFPR).

TABELA 1 – Estrutura geral do curso de Letras UFPR

HABILITAÇÃO		MODALIDADE		ÊNFASES DO BACHARELADO		
Simples	Português	Licenciatura	Bacharelado	Estudos Linguísticos	Estudos Literários	Estudos da Tradução
	Latim					
	Grego					
	Alemão					
	Espanhol					
	Francês					
Dupla	Inglês	Licenciatura	Bacharelado	Estudos Linguísticos	Estudos Literários	(só em dupla habilitação)
	Italiano					
	Português-Latim					
	Português-Grego					
	Português-Alemão					
	Português-Espanhol					
Português-Inglês						
	Português-Italiano					

TABELA 2 – Bacharelado em Letras – Habilitação dupla ênfase nos Estudos da Tradução

Cargas horárias por núcleo formativo (carga horária total: 2900 horas/aula)

HABILITAÇÃO	NÚCLEO COMUM (LINGÜÍSTICA, LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULA)	NÚCLEO ESPECÍFICO DAS HABILITAÇÕES (LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS)	NÚCLEO ESPECÍFICO DA ÊNFASE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO	OPTATIVAS LIVRES	ATIVIDADES
Português/Latim	480	1170	360	690	200
Português/Grego	480	1170	360	690	200
Português/Alemão	480	1410	360	450	200
Português/Espanhol	480	1350	360	510	200
Português/Inglês	480	1440	360	420	200
Português/Italiano	480	1290	360	570	200
Carga horária mínima	480	1305	360	555	200
média por núcleo	16,6 %	45 %	12,4%	19 %	7 %

Carga horária média mínima de disciplinas em Estudos da Tradução	560 horas 360 específicas + mínimo de um terço da carga horária de optativas livres (aprox. 200 horas) 19,3 %
---	--

TABELA 3 – Elenco de disciplinas obrigatórias

SEMESTRE	DISCIPLINA	CARGA-HORÁRIA
2.	Iniciação à pesquisa científica	30
3.	Tópicos Centrais de Tradução	30
4.	História da Tradução	30
5.	Crítica e Prática de Tradução I	30
6.	Crítica e Prática de Tradução II	60
7.	Crítica e Prática de Tradução III	30
	Tópicos de Pesquisa em Tradução	30
8.	Crítica e Prática de Tradução IV	60
	Orientação Monográfica em Estudos da Tradução I	30
9.	Orientação Monográfica em Estudos da Tradução II	30

TABELA 4 – Elenco de disciplinas optativas

DISCIPLINAS DE INTRODUÇÃO ÀS PRÁTICAS TRADUTÓRIAS	
Oficina de Tradução I Oficina de Tradução II Oficina de Tradução III	
DISCIPLINAS DE NÍVEL BÁSICO E INTERMEDIÁRIO	
DISCIPLINAS DE CRÍTICA E PRÁTICA	DISCIPLINAS TEÓRICAS
Tradução de textos de especialidade I Tradução de textos de especialidade II Tradução de poesia I	Teoria da Tradução I
Tradução de poesia II Tradução de ficção I	DISCIPLINAS TEÓRICAS
Tradução de ficção II Tradução de drama I Tradução de drama II Tradução monográfica I	Teoria da Tradução II Tópicos especiais de tradução I
DISCIPLINAS DE NÍVEL AVANÇADO	
DISCIPLINAS DE CRÍTICA E PRÁTICA	DISCIPLINAS TEÓRICAS
Tradução de textos de especialidade III	Tópicos especiais de tradução II
Tradução de poesia III Tradução de ficção III Tradução de drama III	Tópicos especiais de tradução III Linguística aplicada à tradução
Tradução monográfica II Tradução monográfica III	
Projetos de Tradução I Projetos de Tradução II	

TABELA 5 – Monografias concluídas

ALUNO	ORIENTADOR	TÍTULO	ANO DE DEFESA
Fernando Koproski	Liana Leão	A poesia de Charles Bukovski	2003
Ralph Miller Jr.	Liana Leão	Tradução do livro <i>A grief observed</i> , de C. S. Lewis	2004
Simone Enomoto	Mauricio Cardozo	Equivalência dinâmica <i>versus</i> paradigma funcionalista: pontos de aproximação e distanciamento	2005
Alice Borges Leal	Luci Collin	Funcionalismo e Tradução Literária - o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos (reflexão teórica acompanhada de tradução comentada dos contos selecionados)	2005
Álvaro K. Fujihara	Mauricio Cardozo	Aspectos Tradutórios em Terêncio (reflexão teórica acompanhada de tradução anotada dos Prólogos de Terêncio)	2006
Gislaine Bonilha	Mauricio Cardozo	Projeto de Tradução – <i>The Magic Finger, de Roald Dahl</i> : considerações sobre Tradução e Literatura infantil	2006
Fernanda Boechat	Mauricio Cardozo	Corais vermelhos: projeto de tradução de um conto de Judith Hermann	2007
Nils Goran Skare	Mauricio Cardozo	Tradição e Modernidade em E. E. Cummings: projeto de tradução de 25 quase-sonetos	2007
Paula Andréia Petry	Luci Collin	Traduzindo Lynn Coady – dois contos canadenses contemporâneos	2007
Caio Costa Pereira	Mauricio Cardozo	“Sobre os diferentes métodos da tradução”: a tradução no contexto político-pedagógico da <i>Bildung</i>	2008
Gabriel Rachwal	Mauricio Cardozo	Uma passagem por Paulo Henriques Britto: na poesia e na teoria	2008
Simone Petry	Mauricio Cardozo	Tradução e Relação: uma breve reflexão sobre a noção Berமானiana de relação à luz do conceito Derridiano de hospitalidade	2008
Beatriz Smaal	Mauricio Cardozo	Entre o discurso da prática e a prática do discurso: análise das discussões do <i>Grupo Pacto</i> acerca da tradução de <i>Harry Potter and the Half-Blood Prince</i>	2008
Gabriela de Azevedo	Mauricio Cardozo	O lugar da tradução no ensino de língua estrangeira moderna	2008

(Continua)

ALUNO	ORIENTADOR	TÍTULO	ANO DE DEFESA
Girassol Sant'Ana	Terumi Koto	Duas propostas comentadas da tradução de <i>La fuga</i> de Carlos Enríquez	2008
Fernanda Grossl de Mello	Terumi Koto	Uma comparação entre as três traduções em espanhol de Harry Potter y la orden del fênix	2008
Silvia Maria Rabelo	Terumi Koto	'Mafalda': analisando aspectos políticos e da tradução	2008
Áureo Lustosa Guérios Neto	Caetano Galindo	A poética de Dr. Seuss: um estudo de caso sobre a tradução de literatura infantil	2009
Leandro Dorval Cardoso	Mauricio Cardozo	A dimensão crítica da Leitura Sintomática Venutiana	2009
Evelyn Petersen	Mauricio Cardozo	Da hermenêutica à tradução: as ideias sobre tradução de Schleiermacher segundo os pressupostos de sua teoria da compreensão	2009
Camila Bozzo	Mauricio Cardozo	Princípio da Incerteza e a busca pela certeza do Outro	2009
William Silva Haack	Mauricio Cardozo	Considerações acerca dos escritos de Goethe sobre tradução	2009
Natasha Pereira Silva	Mauricio Cardozo	A dimensão ética no pensamento tradutório de Franz Rosenzweig	2009
Sirlene N. Neubauer	Mauricio Cardozo	Linguagem e silêncio em Thomas Bernhard: projeto de tradução dos contos <i>Die Mütze</i> e <i>Der Wetterfleck</i> .	2009
Alessandra Cavalli Steche	Caetano Galindo	As últimas palavras sobre a terra: deslocamento, identidade e tradução no contexto judaico	2010
Adriano Scandolaro	Caetano Galindo	O nome atroz da eternidade	2010
Norma Caroline Demamann Müller	Mauricio Cardozo	As palavras de Freud: análise de um projeto de tradução	2010
Francine Ozaki	Mauricio Cardozo	The Melancholy Death of Oyster Boy and Other Stories: Crítica e Tradução	2010
Leticia Della Giacoma de França	Mauricio Cardozo	A dimensão político-ideológica da defesa da alteridade empreendida por Schleiermacher e Venuti	2010
Chisato Watanabe.	Luci Collin	Oscar Wilde no Brasil – uma análise das traduções do conto 'The Happy Prince'	2010
Marcela Renata Ramos	Luci Collin	Traduzindo o conto 'The Hitch-hiker' de Roald Dahl - desafios do dialeto cockney	2010
Lays Regina Winter	Guilherme Flores	Uma tradução de A funny thing happened on the way to the fórum	2010

TABELA 6 – Trabalhos teóricos: 50% – 16 de 32 monografias

Rediscussão crítica de referenciais teóricos; análise do discurso crítico sobre tradução; discussão da aplicação de modelos teóricos à tradução de literatura; interface com o ensino de LEM.

ALUNO	ORIENTADOR	TÍTULO	ANO DE DEFESA
Simone Enomoto	Mauricio Cardozo	Equivalência dinâmica <i>versus</i> paradigma funcionalista: pontos de aproximação e distanciamento	2005
Alice Borges Leal	Luci Collin	Funcionalismo e Tradução Literária - o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos (reflexão teórica acompanhada de tradução comentada dos contos selecionados)	2005
Álvaro K. Fujihara	Mauricio Cardozo	Aspectos Tradutórios em Terêncio (reflexão teórica acompanhada de tradução anotada dos Prólogos de Terêncio)	2006
Caio Costa Pereira	Mauricio Cardozo	“Sobre os diferentes métodos da tradução”: a tradução no contexto político-pedagógico da <i>Bildung</i>	2008
Gabriel Rachwal	Mauricio Cardozo	Uma passagem por Paulo Henriques Britto: na poesia e na teoria	2008
Simone Petry	Mauricio Cardozo	Tradução e Relação: uma breve reflexão sobre a noção Bermaniana de relação à luz do conceito Derridiano de hospitalidade	2008
Beatriz Smaal	Mauricio Cardozo	Entre o discurso da prática e a prática do discurso: análise das discussões do <i>Grupo Pacto</i> acerca da tradução de <i>Harry Potter and the Half-Blood Prince</i>	2008
Gabriela de Azevedo	Mauricio Cardozo	O lugar da tradução no ensino de língua estrangeira moderna	2008
Leandro Dorval Cardoso	Mauricio Cardozo	A dimensão crítica da Leitura Sintomática Venutiana	2009
Evelyn Petersen	Mauricio Cardozo	Da hermenêutica à tradução: as ideias sobre tradução de Schleiermacher segundo os pressupostos de sua teoria da compreensão	2009
Camila Bozzo	Mauricio Cardozo	Princípio da Incerteza e a busca pela certeza do Outro	2009
William Silva Haack	Mauricio Cardozo	Considerações acerca dos escritos de Goethe sobre tradução	2009
Natasha Pereira Silva	Mauricio Cardozo	A dimensão ética no pensamento tradutório de Franz Rosenzweig	2009

(*Continua*)

ALUNO	ORIENTADOR	TÍTULO	ANO DE DEFESA
Alessandra cavalli Steche	Caetano Galindo	As últimas palavras sobre a terra: deslocamento, identidade e tradução no contexto judaico	2010
Adriano Scandolaro	Caetano Galindo	O nome atroz da eternidade	2010
Leticia Della Giacoma de França	Mauricio Cardozo	A dimensão político-ideológica da defesa da alteridade empreendida por Schleiermacher e Venuti	2010

TABELA 7 – Projetos de tradução: 28,1% – 9 de 32 monografias

Traduções comentadas ou anotadas e acompanhadas por amplo estudo voltado, em especial, para a discussão de questões críticas de tradução e de recepção comparada.

ALUNO	ORIENTADOR	TÍTULO	ANO DE DEFESA
Fernando Koproski	Liana Leão	A poesia de Charles Bukovski	2003
Ralph Miller Jr.	Liana Leão	Tradução do livro <i>A grief observed</i> , de C. S. Lewis	2004
Gislaine Bonilha	Mauricio Cardozo	Projeto de Tradução – <i>The Magic Finger</i> , de <i>Roald Dahl</i> : considerações sobre Tradução e Literatura infantil	2006
Fernanda Boechat	Mauricio Cardozo	Corais vermelhos: projeto de tradução de um conto de Judith Hermann	2007
Nils Goran Skare	Mauricio Cardozo	Tradição e Modernidade em E. E. Cummings: projeto de tradução de 25 quase-sonetos	2007
Paula Andréia Petry	Luci Collin	Traduzindo Lynn Coady – dois contos canadenses contemporâneos	2007
Sirlene N. Neubauer	Mauricio Cardozo	Linguagem e silêncio em Thomas Bernhard: projeto de tradução dos contos <i>Die Mütze</i> e <i>Der Wetterfleck</i> .	2009
Marcela Renata Ramos	Luci Collin	Traduzindo o conto ‘The Hitch-hiker’ de Roald Dahl – desafios do dialeto cockney	2010
Lays Regina Winter	Guilherme Flores	Uma tradução de A funny thing happened on the way to the fórum	2010

TABELA 8 – Crítica de tradução: 21,9% – 7 de 32 monografias

ALUNO	ORIENTADOR	TÍTULO	ANO DE DEFESA
Girassol Sant'Ana	Terumi Koto	Duas propostas comentadas da tradução de <i>La fuga</i> de Carlos Enríquez	2008
Fernanda Grossl de Mello	Terumi Koto	Uma comparação entre as três traduções em espanhol de Harry Potter y la orden del fênix	2008
Silvia Maria Rabelo	Terumi Koto	'Mafalda': analisando aspectos políticos e da tradução	2008
Áureo Lustosa Guérios Neto	Caetano Galindo	A poética de Dr. Seuss: um estudo de caso sobre a tradução de literatura infantil	2009
Norma Caroline Demamann Müller	Mauricio Cardozo	As palavras de Freud: análise de um projeto de tradução	2010
Francine Ozaki	Mauricio Cardozo	The Melancholy Death of Oyster Boy and Other Stories: Crítica e Tradução	2010
Chisato Watanabe.	Luci Collin	Oscar Wilde no Brasil – uma análise das traduções do conto 'The Happy Prince'	2010

A formação em tradução na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cleci Regina Bevilacqua

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1 Breve histórico da formação em Tradução - UFRGS

O Curso de Letras-Bacharelado, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi criado em 1973 e reconhecido pelo Decreto nº 80798 de 22 de novembro de 1977, com habilitações de Tradutor e Intérprete. Embora a Universidade tenha preparado um número significativo de profissionais com a dupla formação em tradução e interpretação, em 1991 a formação em interpretação deixou de ser oferecida devido a dificuldades sobretudo operacionais. Portanto, são 38 anos atuando na formação de tradutores nas línguas alemã, espanhola, francesa, inglesa, italiana e, mais recentemente, japonesa.

O currículo inicial do curso era bastante semelhante ao do Curso de Licenciatura em Letras, distinguindo-se deste basicamente pelas disciplinas de prática de tradução e versão e pelos estágios de tradução. A partir de 1986, como resultado de discussões entre alunos e professores, começaram

a ser feitas várias alterações, incluindo-se disciplinas de produção de textos. Em 1995, fez-se uma reforma curricular mais profunda em todos os cursos de Letras. Nessa reforma, foram incluídas no Curso de Bacharelado as disciplinas de Linguística e Tradução, Conceitos Básicos de Linguística e Terminologia, sendo um dos primeiros cursos de Tradução a oferecer essa última disciplina. Além disso, as disciplinas de Língua Portuguesa – Teoria do Texto, Semântica do Texto, Sintaxe do Texto – passaram a ser mais direcionadas ao estudo do texto. Esse currículo, que esteve em vigor até o segundo semestre de 2011 compreendia 193 créditos obrigatórios, 20 créditos eletivos e seis créditos complementares (atividades de extensão e pesquisa e estágios extracurriculares) e totalizava 219 créditos, com a duração de nove semestres.¹

Para dar uma ideia geral desse currículo, apresentamos a seguir a grade das disciplinas distribuídas por etapas:

FIGURA 1 – Grade curricular anterior do Curso de Bacharelado em Letras – Tradutor

Etapa 1 = 21 créditos

Conceitos básicos de linguística

Língua estrangeira I

Leitura e produção textual

Leituras orientadas I

Literatura brasileira A

Etapa 2 = 26 créditos

Elementos de latim I

Estudos linguísticos I

Língua estrangeira II

Leituras orientadas II

Literatura brasileira B

Norma culta da língua portuguesa

¹ Há ainda estudantes em fase de conclusão do curso anterior; no caso de disciplinas que não são mais oferecidas, previu-se um grupo de disciplinas.

Etapa 3 = 21 créditos

Estudos linguísticos II

Estudos literários

Língua estrangeira III

Literatura brasileira C

Teoria do texto

Etapa 4 = 25 créditos

Linguística e tradução

Literatura brasileira D

Tradução em língua estrangeira I

Sintaxe do texto

Tradução: teoria e técnica

Língua estrangeira IV

Etapa 5 = 20 créditos

Cultura da língua estrangeira I

Língua estrangeira V

Tradução em língua estrangeira II

Semântica do texto

Grupo de alternativas de literatura portuguesa

Etapa 6 = 20 créditos

Cultura da língua estrangeira II

Tradução em língua estrangeira III

Língua estrangeira VI

Versão para língua estrangeira I

Produção textual I

Etapa 7 = 20 créditos

Contextos discursivos em língua estrangeira

Língua estrangeira VII

Tradução da língua estrangeira IV

Versão para a língua estrangeira II

Produção textual I

Etapa 8 = 26 créditos

Estágio supervisionado de tradução da língua estrangeira I

Língua estrangeira VIII

Terminologia I

Versão III ou Orientação de tradução I

Grupo de alternativas de literaturas de línguas estrangeiras

Etapa 9 = 14 créditos

Estágio supervisionado de tradução da língua estrangeira II

Terminologia II

Versão IV ou Orientação de tradução II

O currículo atual contempla uma formação mais sólida do que o anterior em relação às diversas competências necessárias à formação do profissional da tradução. Isso se reflete nas disciplinas voltadas ao estudo do texto, aos estudos linguísticos e terminológicos, complementadas por disciplinas de literaturas em língua portuguesa e de literaturas ecultura na língua estrangeira, além daquelas de prática de tradução.

2 Novo projeto pedagógico e reforma do currículo

Embora o currículo acima mencionado contemple as várias competências de que deve dispor um profissional da tradução, um grupo de professores do curso – denominado Grupo de Trabalho de Tradução / GT de Tradução – começou a analisar e a discutir esse currículo em 2006. Ao longo de 5 anos (até 2010), debruçou-se sobre o curso, com vistas a uma reforma curricular ampla.

O trabalho partiu de entrevistas com egressos do curso para levantar os pontos positivos e negativos da formação oferecida: buscava-se saber se a formação então oferecida respondia às necessidades do mercado de trabalho. Além disso, depoimentos de professores dos diferentes departamentos do Instituto de Letras (IL) e de discentes do curso também foram coletados. Tal trabalho de coleta de informações e de análise possibilitou uma visão ampla e aprofundada da formação ora oferecida e permitiu apontar as lacunas e falhas que deveriam ser sanadas. O GT entregou uma proposta de novo currículo à direção do IL em 2010, que passou a ser analisada pela Comissão de Proposição de Reforma Curricular para os Cursos de Graduação em Letras como um todo. No âmbito dessa comissão, a proposta passou por várias etapas: discussão interna na comissão, avaliação pelos

diferentes departamentos e incorporação das sugestões dos departamentos, avaliação em seminário por todos os docentes do Instituto de Letras, nova incorporação de sugestões, nova avaliação pelos membros da Comissão de Reforma Curricular e, finalmente, aprovação pelo Conselho da Unidade. Encaminhado às instâncias superiores para avaliação e aprovação, o novo currículo foi implementado em 2012/1.

Todas as discussões realizadas apontavam para a necessidade de delinear uma formação mais ampla do que aquela oferecida pelo currículo vigente até 2011/2 para o bacharel em tradução. As modificações propostas, apresentadas a seguir, contemplam não só a formação de tradutor de uma língua estrangeira (alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e japonês), mas também a formação de um profissional do texto, de maneira mais ampla. Tal formação estabelece uma relação equilibrada entre teoria e prática, na medida em que, a partir de fundamentos teóricos sólidos, procura desenvolver a prática das diferentes competências necessárias ao profissional almejado (linguísticas, extralinguísticas, estratégicas, instrumentais, entre outras, conforme propõe Hurtado Albir, 2001 e 2005), além de levar em conta as demandas do mercado de trabalho. Portanto, com as alterações propostas, busca-se dar conta de uma mudança na concepção do curso.

Em atendimento às Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação, que pregam uma articulação entre teoria e práxis, o novo projeto pedagógico do Bacharelado em Tradução, levando em conta as mudanças ocorridas no Brasil e no mundo nos últimos 30 anos, busca oferecer uma formação mais adaptada a essa nova realidade. Com efeito, o mercado de trabalho do Bacharel em Tradução hoje apresenta novas frentes de atuação e, conseqüentemente, exige uma formação que prepare os profissionais não

só para as atividades específicas de tradução, mas também para as demais atividades relacionadas ao texto. O novo currículo instaura, portanto, uma mudança de concepção do curso: busca contemplar os diferentes tipos de atividade desse profissional – tradução de textos especializados e não especializados, produção e revisão de textos em língua materna e em língua estrangeira, revisão de tradução, gerenciamento e elaboração de produtos terminográficos e lexicográficos, assessoria linguística, gerenciamento de projetos e localização de *softwares* –, mantendo a formação teórica necessária tanto para o bom desempenho nessas atividades quanto para o desenvolvimento da capacidade reflexiva.

A partir dessas considerações, elaboramos um perfil de profissional em consonância com as necessidades de uma formação humanística e cultural ampla e com as exigências atuais do mercado profissional. Assim, o Bacharel em Tradução que buscamos formar deverá desenvolver as seguintes competências e habilidades:

2.1 Competências e habilidades específicas a serem adquiridas durante o período de formação

2.1.1 Competências:

- a) aquisição de conhecimentos aprofundados e reflexão sobre estudos da linguagem, teorias de texto, teorias de tradução, teorias de leitura, estudos literários, estudos de cultura e de língua materna e línguas estrangeiras;
- b) aquisição de competência em leitura e em produção textual, de maneira a posicionar-se de modo reflexivo, ético e crítico frente a essas competências;

- c) desenvolvimento da capacidade de:
- usar recursos de informática, dicionários *on-line*, bases de dados, ferramentas básicas de busca e de processamento de linguagem e diferentes mídias textuais;
 - organizar e prover o posto de trabalho com equipamentos, materiais de consulta e suporte necessários à atividade e à prestação de serviços qualificada e ágil, tanto em nível corporativo como em nível individual;
 - adquirir autonomia e agilidade em pesquisa para otimizar e qualificar o trabalho realizado;
 - refletir sobre sua atividade profissional;
 - recolher e armazenar informações pertinentes ao campo de trabalho e às demandas de mercado.
- d) apropriação do seu lugar social e conscientização de seu papel na classe (associações de classe, grupos de pesquisa e grupos de trocas de informação);
- e) desenvolvimento da habilidade de desempenhar atividades em equipe, tanto com profissionais de sua área como com profissionais de outros campos de conhecimento.

2.1.2 Habilidades:

- a) traduzir e verter textos especializados e não especializados de diferentes gêneros e tipos;
- b) revisar textos em língua materna, em língua estrangeira e traduções;
- c) produzir e/ou assessorar a produção textos de diferentes gêneros e tipos;

- d) produzir e avaliar materiais terminográficos e/ou lexicográficos;
- e) gerenciar projetos de tradução e de terminologia;
- f) reconhecer, gerir e mediar informações básicas de áreas diversas de conhecimento;
- g) prestar serviços profissionais com qualidade, pontualidade, valor econômico agregado;
- h) autoavaliar-se e buscar formação contínua.

A partir do estabelecimento desse perfil e das competências atinentes, foram criadas novas disciplinas, entre elas: Teorias de Leitura, Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa e Leitura e Produção de Textos em Língua Estrangeira, com vistas a aperfeiçoar a competência em recepção e produção textual; Revisão de Textos em Língua Portuguesa e Revisão de Textos Traduzidos, a fim de preparar o egresso também para as atividades editoriais e para as exigências do novo mercado das empresas de tradução; disciplinas específicas de Literatura Brasileira, tais como Clássicos da Literatura Brasileira A e B, que contemplam os autores do cânone literário; Léxico e Dicionários, para proporcionar ao profissional tanto as ferramentas para proceder a uma análise de matérias lexicográficos e terminológicos quanto para produzi-los. Por fim, incluiu-se o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para permitir aos alunos um momento de reflexão sobre questões teóricas relacionadas à prática tradutória, complementando ou estudando mais detidamente algum aspecto tratado em outras disciplinas do curso. Esse trabalho, que contará com um professor orientador, poderá ser iniciado já na sétima etapa.

Com essa reformulação, houve uma pequena redução no número de créditos: 204 no total, ou seja, 15 créditos a menos do que o currículo vigente até 2011. Esses créditos estão divididos em: 176 créditos obrigatórios, 20 créditos eletivos e 8 créditos complementares, totalizando

3060h/a. Também houve redução na duração do curso, que passou para 8 semestres, um a menos do que o anterior.

A grade curricular proposta pode ser vista a seguir:

FIGURA 2 – Grade curricular nova do Curso de Bacharelado em Letras - Tradutor

Etapa 1 – 18 créditos

Estudos de Língua Portuguesa – 4 créditos

Clássicos da Literatura Brasileira A – 4 créditos

Língua Estrangeira I – 6 créditos

Conceitos Básicos de Linguística – 4 créditos

Etapa 2 - 22 créditos

Latim: noções básicas – 4 créditos

Leitura e produção de textos em língua portuguesa I – 4 créditos

Clássicos da Literatura Brasileira B – 4 créditos

Língua Estrangeira II – 6 créditos

Estudos Linguísticos I – 4 créditos

Etapa 3 - 25 créditos

Teoria do texto – 4 créditos

Leitura e produção de textos em língua portuguesa II – 4 créditos

Literatura Brasileira (a escolher entre um grupo de disciplinas alternativas) – 4 créditos

Língua Estrangeira III – 5 créditos

Estudos linguísticos II – 4 créditos

Introdução à terminologia – 2 créditos

Teorias da Leitura – 2 créditos

Etapa 4 - 25 créditos

Sintaxe do texto – 4 créditos

Estudos portugueses I – 4 créditos

Língua estrangeira IV – 5 créditos

Tradução em língua estrangeira I – 4 créditos

Terminologia aplicada 2 – créditos

Léxico e dicionários – 2 créditos

Literatura comparada – 4 créditos

Etapa 5 - 20 créditos

Semântica do texto – 4 créditos

Língua estrangeira V – 4 créditos

Cultura da língua estrangeira I – 4 créditos

Tradução em língua estrangeira II – 4 créditos
 Estudos de tradução – 4 créditos

Etapa 6 - 24 créditos

Revisão de texto em língua portuguesa – 4 créditos
 Língua estrangeira VI – 4 créditos
 Cultura da língua estrangeira II – 4 créditos
 Tradução em língua estrangeira III – 4 créditos
 Versão para língua estrangeira I – 4 créditos
 Literatura Línguas Estrangeiras I – 4 créditos

Etapa 7 - 22 créditos

Língua estrangeira VII – 4 créditos
 Versão para a língua estrangeira II – 4 créditos
 Estágio supervisionado de tradução da língua estrangeira I – 6 créditos
 Leitura e produção de textos em língua estrangeira I – 4 créditos
 Literatura em Línguas Estrangeiras II – 4 créditos

Etapa 8 - 20

Língua estrangeira VIII – 4 créditos
 Versão para a língua estrangeira III – 4 créditos
 Estágio supervisionado de tradução da língua estrangeira II – 6 créditos
 Literatura em Línguas Estrangeiras III – 4 créditos
 Revisão de textos traduzidos – 2 créditos
 Trabalho de Conclusão de Curso

Cabe ressaltar que, na realidade, essa grade multiplica-se por seis, já que, nas disciplinas onde constam os nomes Línguas Estrangeiras, deve entrar uma das línguas oferecidas pelo curso: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e japonês. Assim, cada uma das línguas constitui uma ênfase do curso e possui grade curricular específica.

Esse projeto, aprovado ao final de 2011, contempla de forma mais adequada as demandas atuais do mercado, proporcionando uma formação mais ampla ao profissional da Tradução, fortemente embasada no estudo do texto, na prática de tradução e na formação complementar, sem descuidar em nenhum momento da formação teórica que fundamenta essa formação prática.

3 Formação continuada

Além da tarefa de reformulação do currículo, o GT de Tradução empenhou-se em reativar o Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedessejava (NET), criado nos anos 80, mas com uma atuação reduzida nos últimos anos. O NET é constituído por professores do Instituto de Letras e por professores convidados. Seu objetivo geral é promover e divulgar a Tradução e os Estudos da Tradução, abrangendo temas como: tradução literária, tradução técnica e especializada, teoria da tradução, interpretação, legendagem, revisão de textos, novas tecnologias. Pretende ainda promover a interface com áreas afins como Terminologia, Lexicografia, Linguística de *Corpus*, Literatura Comparada, Análise do Discurso, Estudos de Gênero, entre outras. Compõem o NET as comissões de eventos, de atualização em tecnologias, de convênios e de publicações.

As publicações do NET são:

Cadernos de Tradução: revista de cunho aplicado, tem o objetivo de publicar traduções feitas pelos alunos do curso, sob a orientação de um professor responsável, para dar visibilidade às atividades desenvolvidas em disciplinas de estágio ou de final de curso. Os números publicados podem ser vistos na página do NET. Desde 2012, essa publicação está disponível também *on-line*.

Translatio: revista *on-line* de cunho teórico, publica artigos científicos e de revisão, críticas de tradução e informações sobre projetos de pesquisa relacionados à Tradução, assim como resenhas.

Os eventos promovidos pelo Núcleo tratam principalmente de temas complementares à formação oferecida no curso. Nesse sentido, já foram oferecidas, em várias oportunidades, oficinas sobre revisão de textos,

legendagem e tradução literária; palestras sobre interpretação, tradução literária, tradução juramentada, criação de empresas de tradução, apresentação de trabalhos desenvolvidos por alunos, entre outros. É importante ressaltar, ainda, que os eventos organizados entre 2008 e 2010 promoveram, entre os alunos, um maior conhecimento da formação e das atividades profissionais, ajudando a reduzir a evasão do curso. Consideramos essa tarefa de motivar os alunos, de mostrar a importância da tradução e de complementar a formação oferecida – formação continuada – uma das principais metas do NET.

Em relação aos convênios, sua importância reside na integração com outros setores da universidade e no oferecimento de situações reais de tradução aos alunos. Assim, celebramos um convênio com a UFRGS TV, que já contemplou a tradução e a legendagem de vídeos dos programas Multiponto e Pesquisa em Pauta, postados no You Tube, e a tradução e a legendagem de conferências do Ciclo de Conferências Fronteiras do Pensamento 2009. Atualmente, esse convênio prevê a tradução para publicação e a legendagem para edição da TV das conferências do Ciclo Fronteiras do Pensamento 2010, 2011 e 2012.

Tal convênio propiciou o contato e o desenvolvimento de estudos sobre a relação entre tradução e legendagem. Embora ainda não contemplada oficialmente em nenhum dos currículos, abriu-se com isso mais uma possibilidade de estudo e formação para nossos alunos. Com efeito, hoje temos alunos de mestrado desenvolvendo pesquisa sobre o tema.

Outros convênios em vigor preveem a tradução dos *websites* dos cursos de Pós-Graduação da UFRGS, da página do Instituto de Letras e a tradução de livros e artigos para o Instituto de Filosofia e Ciência Humanas.

A comissão de atualização em tecnologias, por sua vez, tem a função de acompanhar o surgimento de novas tecnologias voltadas à tradução, principalmente as memórias de tradução e programas de extração de informação linguística, entre outras possibilidades. Busca-se, assim, manter os professores atualizados e oferecer aos alunos esses recursos para que qualifiquem seu desempenho e possam competir no mercado.

Ainda no âmbito da formação, é importante destacar a criação da disciplina de Tópicos em Tradução na especialidade Estudos Linguísticos do Léxico, linha de pesquisa Lexicografia e Terminologia: relações textuais. Essa disciplina aborda temas centrais à tradução, tais como a definição de tradução, equivalência, unidades de tradução e neologia tradutória, bem como sua intersecção com disciplinas afins – Lexicografia, Terminologia e Linguística de *Corpus* – completando a formação no nível de Pós-Graduação, oferecida pela disciplina Pesquisa Linguística baseada em *Corpus* e Literatura Comparada e Tradução, da especialidade de Literatura Comparada.

Cabe ressaltar que a especialidade de Estudos Linguísticos do Léxico vem recebendo um número cada vez maior de egressos do Curso de Bacharelado em Letras – Tradutor e também da Licenciatura, constituindo-se como mais uma oportunidade para dar seguimento aos estudos realizados na graduação.

4 Considerações finais

Com a apresentação do novo projeto curricular, esperamos ter mostrado as linhas gerais que orientam a formação do tradutor na UFRGS. Uma formação que pretende ser mais ampla do que aquela oferecida até 2011-1 e que busca responder, de modo afirmativo, às demandas do mercado

de trabalho. Pretende-se que seja uma formação simultaneamente teórica e prática sólida, que ofereça as competências e as habilidades necessárias a uma atuação profissional competente.

Por fim, acreditamos ainda que outras atividades extracurriculares, tais como palestras, oficinas e cursos de extensão, podem complementar essa formação juntamente com as atividades desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras.

Referências

HURTADO ALBIR, A. *Traducción y traductología*. Madrid: Gredos, 2001.

HURTADO ALBIR, Amparo. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. *Competência e tradução*. Cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-57.

Os Estudos da Tradução na Universidade Federal da Paraíba: pela criação de um polo de referência regional

Marta Pragana Dantas

Maura Regina Dourado

Roberto Carlos de Assis

Universidade Federal da Paraíba

1 Introdução

Os Estudos da Tradução na Universidade da Paraíba (UFPB) vêm se consolidando através de ações desenvolvidas ao longo das duas últimas décadas, culminando com a criação pioneira do curso de Bacharelado em Tradução, desvinculado do curso de Letras. Criado oficialmente em 2009 pela Resolução nº 33 CONSEPE/UFPB, o curso começou a ser concebido por um grupo de professores da UFPB determinados a criar uma formação com um eixo de prática transversal desde os estágios iniciais. Desta feita, a equipe idealizadora optou pela integração de teoria e prática, visando à

formação de profissionais da área de Tradução teoricamente fundamentados para a prática consciente e autônoma. Na liderança desse grupo, destaca-se o papel da Professora Lúcia Nobre, à época Coordenadora do Curso de Letras e considerada a mentora do projeto do curso em tela.

Alguns fatores motivaram a criação do curso, tais como: i) demanda de vários alunos de Letras por um curso de graduação para além da licenciatura e das disciplinas de tradução oferecidas na grade curricular das licenciaturas em Letras; ii) interesse de alunos e professores na criação de cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu* ou com linhas de pesquisa em Tradução; e iii) projetos individuais e coletivos relacionados à Tradução.

Isso posto, o objetivo deste capítulo é reconstruir o percurso histórico sobre a gênese do curso de Tradução na Universidade Federal da Paraíba; as ações precursoras e desencadeadoras que fomentaram a criação do Curso, bem como do Projeto de Doutorado Interinstitucional em Estudos da Tradução (2010-2014), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina; as atividades desenvolvidas na área de Estudos da Tradução junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB); a implementação do curso propriamente dita, os desafios e as conquistas; e, por fim, as perspectivas futuras para o desenvolvimento deste campo de estudos na UFPB. Para traçar o percurso histórico, contamos com a colaboração de três alunos do curso de Tradução, a saber: Flaviana Oliveira; Jonanthan Vieira; Roberta Medeiros, cujas funções foram entrevistar e transcrever entrevistas orais realizadas com os professores que tiveram participação ativa na criação do Curso. Buscamos com isso resgatar e reconstruir a memória, a origem, a motivação e o curso das ações desencadeadas ao longo das últimas duas décadas, transformando em História as memórias de um grupo seletivo e proativo.

2 Percurso histórico: da demanda à oportunidade em solo fértil

É histórica a demanda de vários alunos do curso de Letras por um curso de graduação em Tradução, especialmente daqueles que não pretendiam seguir a carreira de magistério. Para além dessa demanda, havia, também, uma procura reprimida de graduados em Letras e de professores por cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu* em Tradução, ou por linhas de pesquisa em Tradução tanto no estado da Paraíba como nos estados vizinhos.

Sintonizada com os interesses dos egressos e dos graduandos do curso de Letras, bem como com o projeto do Governo Federal de plano de expansão das universidades federais, que chegara à administração geral da UFPB em 2007, a coordenadora do curso de Letras no biênio 2006-2008 aproveitou o momento e sua posição estratégica na coordenação do curso para encampar o projeto Reuni e expandir as atividades do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM), que, até então, atendia quase que exclusivamente ao curso de Letras-Línguas Estrangeiras (Francês, Inglês e Espanhol). Atualmente, além do curso de Letras-Línguas Estrangeiras, o DLEM atende a dois cursos REUNI: i) Tradução e ii) Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA).

Mas o projeto REUNI não encontrou um campo estéril no que tange à Tradução. Como asseverou a própria professora Lúcia Nobre, “já havia um embrião na área de Tradução no DLEM”. Por exemplo, em meados da década de 90, o professor, pesquisador e crítico de cinema do Departamento de Letras Modernas da UFPB, Dr. João Batista de Brito, fundou um grupo de pesquisa e discussão com alguns outros docentes do Departamento com o objetivo de não apenas traduzir alguns sonetos de Shakespeare, mas também de refletir sobre a Tradução como processo. Intitulado *Devo*

comparar-te a um dia de verão: a tradução como crítica e a crítica como tradução nos sonetos shakespearianos, o projeto de pesquisa resultou em alguns artigos, dentre eles a tradução comentada do *Soneto 73* de Shakespeare (BRITO, 2000).

Entre 2001 e 2004, um grupo de linguistas do Departamento implementou dois cursos de especialização *lato sensu* em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras para professores de inglês, francês, espanhol e alemão da rede pública e privada e demais interessados. Como alguns textos basilares do curso eram, em sua maioria, em inglês, logo surgiu a necessidade de disponibilizar a tradução desses textos, já que se julgou não ser viável exigir dos candidatos proficiência em língua inglesa. Com circulação restrita e fins pedagógicos, o grupo formado pelas professoras Betânia Medrado, Clélia Barqueta, Clélia Pereira, Maura Dourado e Rosângela Araújo traduziu os seguintes capítulos de livros: i) o capítulo de introdução do livro *Context and Culture in Language Teaching* (1996) e ii) os capítulos I e II do livro *How languages are learned* (1999).

As atividades do Grupo de Estudo e Tradução (GET) em Linguística Aplicada do DLEM fomentaram, ainda, a elaboração do artigo intitulado *É Possível Falar de autoria em Tradução?* (DOURADO; MEDRADO; PEREIRA, 2001), o qual explana a questão da autonomia no processo tradutório ao evidenciar no *corpus* os constantes embates que gravitavam em torno da decisão de as tradutoras se manterem “fiéis” ao texto de partida ou produzirem um texto de chegada com unidade e coerência para o público leitor alvo.

Talvez a iniciativa de maior fôlego e, nesse sentido, precursora dos Estudos de Tradução no âmbito do DLEM seja a do professor Maurice Van Woensel, infatigável pesquisador da literatura medieval. Anos a fio,

durante a década de 1990, desenvolveu projetos voltados para a tradução de textos medievais para o português, alguns dos quais com a participação dos alunos de Letras. Alguns alunos dessa geração de “orientandos do Prof. Maurice” são hoje colegas do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Os estudos desenvolvidos pelos membros do grupo foram apresentados em diversos eventos científicos e encontram-se publicados nos respectivos anais. Entre as publicações do professor Maurice Van Woensel, destacamos: *Carmina Burana. Canções de Beuern* (1994), *Poesia medieval ontem e hoje. Estudos e traduções*. (1998), *Simbolismo animal na Idade Média. Os bestiários. Um safári literário à procura de animais fabulosos* (2001, publicação póstuma).

Cabe, também, citar o projeto *PROLETRA*, de autoria da professora Maria Mercedes Pessoa Cavalcanti (2009), voltado para a leitura e tradução de textos brasileiros da própria autora, como de outros autores, para a língua espanhola, visando à reflexão sobre o processo tradutório de contos e romances.

3 Implementação do curso de Bacharelado em Tradução

O Curso de Bacharelado em Tradução da UFPB, em seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC), estabeleceu como objetivo geral e primordial a promoção e a formação de profissionais sintonizados com as necessidades da sociedade. Na elaboração de seu currículo buscaram-se conteúdos que capacitam o aluno para:

- i) refletir sobre a importância da linguagem na socialização humana, revendo os conceitos de “competência” e “habilidade”, no que eles remetem para o individualismo e o cumprimento técnico de determinadas tarefas;

- ii) ler, analisar e produzir textos em diferentes linguagens, em diferentes variedades da língua e em diferentes contextos;
- iii) produzir traduções de textos em várias áreas e de várias línguas e culturas;
- iv) desenvolver as atividades de tradução com qualidade, pontualidade e ética;
- v) oferecer modelos de tradução que possam incentivar novas práticas entre tradutores;
- vi) contribuir para o aperfeiçoamento das ferramentas de trabalho do tradutor;
- vii) dominar um repertório representativo da literatura em língua portuguesa e ser capaz de estabelecer as relações de intertextualidade com a literatura universal;
- viii) proporcionar o suporte necessário ao desenvolvimento de pesquisas na área de tradução;
- ix) atuar no magistério superior na área de tradução;
- x) contribuir com a construção de um polo de referência para os Estudos de Tradução (UFPB, 2009).

Para alcançar os objetivos listados acima, buscou-se incluir no perfil do graduando:

- i) conhecimentos teóricos e descritivos básicos dos componentes fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo da língua portuguesa/estrangeira, nas perspectivas sincrônica e diacrônica;
- ii) domínio de diferentes noções de gramática e (re)conhecimento das variedades linguísticas existentes, bem como nos vários níveis e registros de linguagem;

- iii) conhecimento ativo e crítico de um repertório representativo de literatura em língua portuguesa/estrangeira;
- iv) domínio do conhecimento histórico e teórico necessário para refletir sobre as condições sob as quais a escrita se torna literatura;
- v) capacidade de traduzir textos de diferentes tipos;
- vi) capacidade de revisar traduções em língua materna a partir da língua estrangeira;
- vii) capacidade de revisar textos em língua materna;
- viii) capacidade de produzir textos de diferentes tipos;
- ix) capacidade de acompanhar e orientar a produção de textos em prestação de serviço de redação especializada reconhecendo diferentes instâncias e especificidades de autoria e de comunicação;
- x) ter consciência das variedades linguísticas e culturais;
- xi) ser capaz de reconhecer materiais terminográficos e/ou lexicográficos mais adequados a cada trabalho;
- xii) ser capaz de gerenciar projetos de tradução;
- xiii) reconhecer, gerir e mediar informações básicas de áreas diversas de conhecimento;
- xiv) ser capaz de fazer uso de novas tecnologias e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente;
- xv) prestar serviços profissionais com qualidade e pontualidade, com valor econômico agregado e reconhecido, sendo os serviços adequados às especificidades de diferentes tomadores de serviço, estabelecendo com eles um canal de comunicação eficiente e de respeito mútuo (UFPB, 2009).

A integração entre teoria e prática realiza-se na composição curricular (cf. Tabela 1), por meio da qual percebemos que o curso é composto

por disciplinas de conteúdos básicos profissionais (61,4%) e por disciplinas de conteúdos complementares obrigatórios, optativos e flexíveis (38,6%). Através dessa concepção busca-se a formação de um profissional ético, consciente e com boa fundamentação para o desempenho acadêmico e profissional.

TABELA 1 – Composição Curricular Curso Bacharelado em Tradução UFPB

CONTEÚDOS CURRICULARES	CARGA HORÁRIA	CRÉDITOS	%
1. Conteúdos Básicos Profissionais	1620	108	61,4%
1.1. Conteúdos Básicos Profissionais	1200	80	
1.2. Prática de Tradução	300	20	
1.3. Estágio Supervisionado	120	8	
2. Conteúdos Complementares	1020	68	38,6%
2.1. Conteúdos Complementares Obrigatórios	600	40	
2.2. Conteúdos Complementares Optativos	240	16	
2.3. Conteúdos Complementares Flexíveis	180	12	
TOTAL	2640	176	100%

Fonte: PPC Tradução (UFPB, 2009)

Entre as disciplinas de conteúdos básicos profissionais incluem-se disciplinas de Línguas Estrangeiras (Alemão, Espanhol, Francês e Inglês) e de Língua Portuguesa. O enfoque na formação também em língua portuguesa aponta para a percepção de que o conhecimento sobre línguas estrangeiras não basta ao tradutor. Destacam-se entre as disciplinas de conteúdos básicos profissionais, ainda, as disciplinas de Prática de Tradução (em textos gerais; em textos comerciais e técnicos; em textos jurídicos; em mídia impressa e virtual, e em textos literários), de Estágio Supervisionado (120 horas) e de Tecnologia da Informação, da Comunicação e Documentação

(TIC e Doc). As disciplinas de Prática de Tradução, distribuídas ao longo do currículo, permitem ao tradutor-em-formação desenvolver a competência tradutória, seja através de atividades controladas de laboratório, dando-lhe a oportunidade de cometer erros, seja através do engajamento em projetos de tradução desenvolvidos pelos professores em parceria com instituições diversas. Ademais, as cento e vinte horas de Estágio Supervisionado foram planejadas para que o aluno tenha contato com o mercado de tradução sob a supervisão de profissionais dentro de empresas que mantêm parceria com a UFPB. Já a disciplina TIC e Doc oferece ao aluno a introdução às ferramentas de auxílio ao tradutor, que são utilizadas nas disciplinas de Prática. Tais ferramentas incluem desde as operações básicas de informática ao uso de PATs (Programas de Auxílio ao Tradutor), como *Trados*, *Wordfast* ou, ainda, ferramentas de *corpora*. Entre as disciplinas de conteúdos complementares obrigatórios, destacam-se as disciplinas teóricas (Teorias da Tradução I e II; Teorias do Texto I e II; Pesquisa Aplicada aos Estudos da Tradução, entre outras). Para melhor detalhamento das disciplinas, remetemos o leitor ao fluxograma do curso (Anexo II). Vale ressaltar que a integração teoria e prática encontra eco tanto nas disciplinas de prática quanto nas teóricas.

Da Tabela 1 destacamos ainda disciplinas de conteúdos complementares flexíveis (Tópicos Especiais em Tradução – 180 horas), integralizadas através de participação em atividades extraclasse como congressos, visitas técnicas, projetos de tradução, além de publicação de artigos ou apresentação de comunicações em eventos acadêmicos.

Como diferencial do currículo, ressalta-se a formação em duas línguas estrangeiras (Alemão, Espanhol, Francês, Inglês) e a verificação, no processo seletivo, de conhecimento prévio em uma delas (Língua de primeira opção) em nível A2, de acordo com o Quadro Europeu Comum de

Referência para línguas. A partir do quarto período o aluno passa a cursar, também, disciplinas referentes a uma segunda língua (Língua de segunda opção). Tanto para a Língua de primeira opção quanto para a de segunda, as aulas iniciam-se em nível B1, nos termos do Quadro Europeu Comum de Referência.

Cumpre-nos, ainda, ressaltar que o curso, cuja entrada é anual, teve início no segundo semestre de 2009 com a oferta de 50 vagas, todas preenchidas, alcançando a expectativa dos idealizadores do curso. Em 2010, 35 vagas foram preenchidas e em 2011, 30. Segundo a Comissão Reuni e a Comissão Permanente de Avaliação da UFPB, a queda do número de alunos era esperada haja vista o exame de proficiência linguística na Primeira Língua, mencionada anteriormente, já durante o processo seletivo de ingresso na UFPB (PSS). Para o ano letivo de 2012, no entanto, espera-se o preenchimento de todas as vagas, contando com uma campanha de divulgação do curso em eventos locais e regionais.

4 Dinter em Estudos da Tradução

A criação do curso REUNI de Bacharelado em Tradução acelerou o desenvolvimento de políticas que atendessem à demanda crescente por professores e não tardou muito para que a Coordenação do Curso reconhecesse que, se a meta fosse fazer jus ao Projeto Pedagógico original aprovado, o corpo docente demandaria pessoal especializado no campo específico dos Estudos da Tradução. Note-se que, diferentemente do que ocorreu em várias outras IES, o Projeto Reuni na UFPB previu nomeação gradativa de professores entre 2010 e 2012, até a plena implementação do curso.

Uma vez que o preenchimento de vagas via concurso público, além de ser um processo moroso, não necessariamente logra êxito, a nova equipe à frente da Coordenação do Curso, juntamente com a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, então representados pelas professoras Maura Dourado e Liane Schneider, respectivamente, aproveitaram a vinda de especialistas em Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Universidade de Brasília (UnB) para as bancas de quatro concursos públicos para preenchimento de vagas em Tradução (línguas inglesa, francesa e espanhola), em 2009, para elaborar um projeto de Doutorado Interinstitucional (Dinter/CAPES) em Estudos da Tradução. A proposta tinha como objetivos: i) formar doutores na área de Estudos da Tradução na Paraíba, em curto espaço de tempo, ii) capacitar professores para atuar na formação de tradutores; iii) estabelecer um polo de formação de tradutores e de pesquisa em Estudos da Tradução no Nordeste, em plena conformidade com o projeto pedagógico do curso de Tradução, e visando ainda à abertura de Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Paraíba, a fim de contribuir para a redução das assimetrias inter e intrarregionais entre os Programas de Pós-Graduação do país.

O Dinter em Estudos da Tradução (2010-2014) oferece oito disciplinas distribuídas em dois módulos presenciais por semestre letivo, a serem realizados na UFPB entre 2010.2 e 2012.1. Conforme o Edital Novas Fronteiras da Capes (2009), o aluno docente cumprirá um período de estágio obrigatório na UFSC, realizando pesquisa bibliográfica, fazendo sua qualificação, participando de atividades realizadas pelo PGET/UFSC e, por fim, defendendo sua tese.

Os 11 alunos do Dinter são todos docentes da UFPB (*campi* de João Pessoa e do Litoral Norte) e da UFCG (*campi* de Campina Grande, Cuité e Cajazeiras).

5 Estudos da Tradução na Pós-Graduação em Letras

O solo fértil não resultou apenas em iniciativas voltadas para a graduação e a capacitação de docentes. Em 2009, o Programa Pós-Graduação em Letras realizou, em plena efervescência do primeiro semestre do curso de bacharelado e da gestação do Dinter, o *I Encontro Nacional Cultura e Tradução – Encult*. A ideia norteadora do encontro convergia com o espírito das iniciativas já mencionadas: consolidar os estudos da tradução na UFPB, tornando-a um centro de referência na área. Para tanto, era necessário fortalecer esse campo de estudos na pós-graduação, que, apesar de abrigar projetos em tradução, tanto de alunos quanto de professores, até então não contava com uma linha de pesquisa específica. Cabe, assim, registrar a realização dos projetos a seguir, alguns deles existentes desde meados dos anos 2000. O projeto de tradução de textos clássicos fundadores, desenvolvido pelos professores Juvino Alves Maia Júnior e Milton Marques Júnior, resultou, entre outros títulos, na publicação do *Dicionário da Eneida, de Virgílio - Livro I: Eneias na Líbia* (2011), *O teatro da morte, da humilhação e da dor: análise e tradução do Canto XXII da Ilíada, de Homero* (2007), *Eneida - Canto IV: a morte de Dido* (2006). A pesquisa sobre traduções de obras francesas no Brasil no contexto da globalização editorial, desenvolvida pela professora Marta Pragana Dantas, resultou na publicação de capítulos nos seguintes livros organizados por colegas de outras instituições: *Les contradictions de la globalisation éditoriale*, organizado por Gisèle Sapiro (2009), *A tradução de obras francesas no Brasil*, organizado por Álvaro Faleiros (2011) e *Traduire la littérature et les sciences humaines: conditions et obstacles*, também organizado por Gisèle Sapiro (2012). Conduzido pela professora Wiebke Röben de A. Xavier, o projeto de análise de 25 traduções de obras José de Alencar para as línguas alemã,

francesa, inglesa e espanhola, bem como sua pesquisa sobre a tradução cultural no contexto do “Novo Mundo” deram origem, entre outras, à publicação da obra de *Kulturelle Übersetzung: Das Beispiel Brasilien* (2010) e de capítulo no volume *Idyllen in gesperrter Landschaft. Zeichnungen und Gouachen von Salomon Gessner (1730-1788)*, organizado por Bernhard von Waldkirch (2010). Entre 2007 e 2009, a professora Luciana de Freitas Calado, bolsista DCR (Desenvolvimento Científico Regional) sob a coordenação da professora Nadilza Moreira, desenvolveu pesquisa voltada para o estudo e a tradução de textos medievais de autoria feminina, que resultou na organização das seguintes coletâneas: *Faces do medievo: gênero, poéticas, resistências* (2008) e *Vozes femininas na literatura ocidental: corpo, espiritualidade e relações de gênero* (2010). Essa convergência de interesses em torno do tema da Tradução exigia que déssemos, do ponto de vista institucional, uma coerência a projetos dessa natureza e, nesse sentido, o *Encult* seria o primeiro passo que resultaria, pouco depois, na criação de uma linha de pesquisa.

O *Encult* contou com a participação de tradutores e especialistas em tradução de diferentes instituições brasileiras e estrangeiras. Aqui estiveram proferindo palestra ou participando de mesas-redondas Alexandre Maia, Inês Oseki-Dépré, Joana Belarmino, João Batista de Brito, José Lira, Laura Jean Beard, Maria Aparecida Andrade Salgueiro, Marlene Holzhausen, Moacir Amâncio, Paulo Bezerra, Roland Walter, Silvina Carrizo, Tito Lívio Cruz Romão. O encontro resultou, no ano seguinte, na publicação do volume *Cultura e Tradução. Interfaces entre teoria e prática*, organizado por Liane Schneider e Ana Cristina Marinho Lúcio, contendo as colaborações dos participantes. Suscitou ainda a publicação, no mesmo ano, de um dossiê temático da revista *Graphos*, intitulado Cultura e Tradução, sob a organização de Genilda Azerêdo e Marta Pragana Dantas. Em 2011, a segunda edição do *Encult* seguiu com a mesma vitalidade e diversidade da primeira edição. A variedade de termos usados para discutir o fazer tradutório – re-

escritura; interpretação; versão; transcrição; ou ainda, atores, fazeres, saberes, poderes, presentes no processo tradutório. Isso sem mencionar tradução como instrumento político e ideológico, como subversão, como processo de trocas culturais (LÚCIO, 2011) - revela a riqueza e complexidade de uma área que vem se consolidando a cada biênio com o *Encult*. Em 2013, a terceira edição seguirá com o mesmo vigor e agregará ainda outras vozes.

Ainda no final de 2010, o PPGL aprova a criação da linha de pesquisa Cultura e Tradução, cujos integrantes desenvolvem projetos voltados para a reflexão sobre as dinâmicas entre as culturas – marcadas por assimetrias, paralelismos e dependências –, considerando os processos de tradução como práticas sociais indissociáveis dos diversos contextos em que são produzidas (histórico, político, cultural e econômico). O interesse pela área vem atraindo candidatos não apenas de João Pessoa, mas também de cidades vizinhas, sobretudo do Recife, já que nas pós-graduações da região não existem linhas de pesquisa direcionadas para a Tradução. Esse novo espaço institucional também amplia as perspectivas de crescimento profissional para os alunos egressos do recém-implementado curso de Bacharelado em Tradução, que poderão dar seguimento, na própria universidade, aos seus estudos no nível de pós-graduação.

6 Perspectivas futuras

Considerando a envergadura das ações articuladas realizadas até o presente momento, acreditamos que algumas perspectivas poderão se concretizar tanto a curto quanto a longo prazo.

Pensamos, por exemplo, na consolidação de pesquisas e de grupos de pesquisa estabelecidos em parcerias interinstitucionais entre a UFCG,

a UFPB e a UFSC, que vêm fomentando ou podem, ainda, fomentar as pesquisas dos discentes do Dinter, os Trabalhos de Conclusão dos Cursos (TCC) de Tradução ou de Letras, podendo ainda tornar-se lugar de discussão permanente sobre Estudos da Tradução. É, aliás, o que já vem acontecendo no âmbito do evento local “Por dentro da Tradução”, realizado periodicamente pela Coordenação do Bacharelado em Tradução, a qual convida tradutores e pesquisadores para uma conversa (in)formal com os alunos do curso. Segundo o coordenador do curso, o objetivo é que os tradutores-em-formação fiquem “por dentro da tradução” através do contato com pesquisadores e tradutores experientes que estão... “por dentro da tradução”. Alguns exemplos desses grupos e dos projetos de pesquisa em andamento são: *Estudos da Tradução: teoria, prática e formação do tradutor*; *Estratégias de Tradução e suas Relações com o Ensino de Línguas*; *A Tradução Intersemiótica em Sala de Aula de Línguas Estrangeiras*; *Tradução e globalização editorial: a literatura francesa no Brasil de 1984-2004*; *Estudos da Tradução e a Semiótica Social: a representação de atores sociais em corpus inglês-português*.

Um dos benefícios previstos e cujos frutos já são evidentes é a elevação da qualidade do ensino na região por meio da Instituição Receptora (UFPB) e da Associada (UFCEG), já que a UFPB e a UFCEG não atendem apenas alunos da Paraíba, mas, por tradição, de todo o Norte e Nordeste brasileiros. O desenvolvimento social das regiões assistidas por essas instituições, consequência imediata da melhoria da qualidade de ensino, implica crescimento do número de profissionais formados em nível superior na área de Tradução.

Estão previstas, também, publicações conjuntas dos resultados das pesquisas e experiências em andamento, seja utilizando-se os veículos institucionais disponíveis (*Graphos*, *Cadernos de Tradução*, *Ariús*, *Scientia Traductionis*, *Fragmentos*, entre outros periódicos), seja valendo-se de

outras publicações de sólida reputação acadêmica em nível internacional, ou ainda de produção de volumes temáticos contemplando os interesses de pesquisas emergentes e experiências oriundas das parcerias firmadas, a exemplo deste capítulo.

Por fim, incrementando o potencial dos programas locais de Pós-Graduação já consolidados, como o PPGL e o POSLE e visando apoiar a capacitação para os diferentes níveis de ensino e subsidiar a nucleação e o fortalecimento dos grupos de ensino e de pesquisa, todas as ações planejadas e realizadas no pilar ensino (graduação e pós-graduação)-pesquisa (Dinter, PPGL e POSLE)-extensão (eventos e minicursos) se coadunam para contribuir, efetivamente, com o desenvolvimento da região e formação de um polo de referência em Estudos da Tradução fora dos grandes centros.

Referências

BRITO, J. B. Sonnet 73 de William Shakespeare: Tradução Comentada. *Letr@Viv@*, 1, p. 64-71. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

CALADO, L. E. (Org.). *Faces do medievo: gênero, poéticas, resistências*. Recife: Editora Baraúna, 2008.

CALADO, L. E. (Org.). *Vozes femininas na literatura ocidental: corpo, espiritualidade e relações de gênero*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

CAVALCANTI, M. PROLETRA *Projeto de Leitura e Tradução de Textos Brasileiros para a Língua Espanhola*. PROLICEN-UFPB, 2009.

DANTAS, M. P. “Le flux des traductions de la littérature française au Brésil. Enjeux politiques et économiques (1984-2002)”. In: SAPIRO, Gisèle (Org.). *Les contradictions de la globalisation éditoriale*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2009.

DANTAS, M. P. “Tradução, trocas literárias e estratégias editoriais: a importação do romance francês contemporâneo no Brasil”. In: FALEIROS, Álvaro (Org.). *A tradução de obras francesas no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2011.

DANTAS, M. P.; PERRUSI, A. F. de A. “Le reclassement d’une tradition: la traduction du français dans le marché éditorial brésilien”. In: SAPIRO, Gisèle (Org.). *Traduire la littérature et les sciences humaines. Conditions et obstacles*. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2012.

LÚCIO, A. C. M. Dossiê: diálogos contemporâneos. *Cultura e Tradução*, v.1, n.1, 2011.

MARQUES JUNIOR, M. et al. *Dicionário da Eneida, de Virgílio - Livro I: Eneias na Líbia*. João Pessoa: Idéia/Zarinha Centro de Cultura, 2011.

_____.; SOUZA, E. F. M. *O teatro da morte, da humilhação e da dor: análise e tradução do Canto XXII da Iliada, de Homero*. João Pessoa/Paraíba: Zarinha Centro de Cultura/Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2007.

_____. et al. *Eneida – Canto IV: a morte de Dido*. João Pessoa: Zarinha Centro de Cultura/Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2006.

PEREIRA, C.; MEDRADO, B.; DOURADO, M. “É Possível falar de autoria em Tradução?” In: *Letr@ Viv@*, 3, p. 87-96. João Pessoa: Idéia, 2001.

LIGHTBOWN, P.; SPADA, N. *How languages are learned?* Oxford: OUP, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA Projeto Pedagógico do Curso: Bacharelado em Tradução. João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/2009/Rsep33_2009.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2013.

WOENSEL, M. V. Carmina Burana. *Canções de Beuern*. Edição bilíngue. São Paulo: Ars Poética, 1994.

WOENSEL, M. V. *Simbolismo animal na Idade Média. Os bestiários. Um safári literário à procura de animais fabulosos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

WOENSEL, M. V.; BRITO, F. G. *Poesia medieval ontem e hoje*. João Pessoa: Editora Universitária, 1998.

RÖBEN DE A. XAVIER, W. “Peintre-poëte” und “philosophe aimable”: Aspekte der Gessner-Rezeption im Ancien Régime. In: WALDKIRCH, Bernhard von. (Org.). *Idyllen in gesperrter Landschaft. Zeichnungen und Gouachen von Salomon Gessner (1730-1788)*. Munique: Hirmer-Verlag, 2010, v. 1, p. 129-141.

RÖBEN DE A. XAVIER, W.; ZEUCH, U. (Org.). *Das achzehnte Jahrhundert. Zeitschrift der Deutschen Gesellschaft für die Erforschung des achzehnten Jahrhunderts*. Kulturelle Übersetzung: Das Beispiel Brasilien. Göttingen: Wallstein-Verlag, 2010. v. 34/2.

Expansão da Área de Tradução: um desafio para as novas integrantes

Marisa Helena Degasperi
Universidade Federal de Pelotas

Neste artigo, tentarei registrar o cenário histórico do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), após a aprovação no concurso que me introduziu no quadro de funcionários desta área, em maio de 2010.

Após assumir a vaga para professora de Tradução Espanhol-Português – em 11 de agosto de 2010 –, juntamente com a Prof^á. Dr^a. Roberta Rêgo Rodrigues, que assumiria a vaga para professora de Tradução Inglês-Português, encontrei-me em uma situação inesperada: dois meses depois, em outubro do mesmo ano, o chefe de departamento me transferiu a função, antes ocupada pela Prof^á. Dr^a. Beatriz Viégas-Faria, de coordenadora da Área de Tradução. Naquele momento, o Departamento de Letras (DL) passava por uma transformação estrutural, originada de uma resolução do CONSUN (N^o 02/2011) que estabelecia as condições mínimas de

funcionamento das unidades. Essa mudança gerou muitas dúvidas e inseguranças por parte de todos, pois haveria mudanças em todos os departamentos que se transformaram em Áreas e não havia ainda definições exatas quanto às atribuições de cada cargo. Destaco este momento porque ele foi crucial na adaptação de nós – professores ingressantes – que ainda não conhecíamos as rotinas, a história e as posições político-pedagógicas da unidade, que passaria a ter estrutura de *Centro*. Em 2011, o Departamento de Letras adquiriu configuração de Centro e foi denominado *Centro de Letras e Comunicação (CLC)*, pelo fato de que se inseria, neste contexto, um novo curso: o de Jornalismo.

Toda essa mudança estrutural para CLC gerou, também, um trabalho intenso de construção de regimentos em que a Área de Tradução, então representada por mim e pela Prof^á. Roberta, esteve fortemente presente. Criaram-se comissões para a organização dos regimentos das recém-criadas Câmaras de Ensino, de Pesquisa e de Extensão, das quais fizemos parte e atuamos na construção desses regimentos, juntamente com a Prof^á. Beatriz que, apesar de estar alocada na área de Línguas Vernáculas, representou a Área de Tradução na Câmara de Pesquisa, devido a seu justificado envolvimento com ela. É importante ressaltar que a atuação na criação dos regimentos das três Câmaras foi um momento em que a Área de Tradução pôde se estabelecer de maneira mais intensa, considerando-se a voz e o voto nas decisões, adquirir visibilidade e valor como Área, até então não muito definida dentro do Departamento de Letras.

Com os ajustes de Câmaras e Áreas e definição provisória de cargos e atribuições, as atenções de nós, professoras, se voltaram para o desenvolvimento da área nos três pilares exigidos pelo regimento geral da universidade – Ensino, Extensão e Pesquisa – e sua unificação. Cabe salientar,

também, que as experiências e os conhecimentos adquiridos na construção dos regimentos das Câmaras, trouxeram muitos benefícios para a expansão da Área de Tradução, visto que muitas informações foram adquiridas sobre o funcionamento anterior do DL, sobre a nova estrutura e sobre como os citados pilares poderiam ser trabalhados de maneira convergente para a formação integral dos estudantes de Letras.

Logo que assumi a função de coordenadora da área, me apresentei às turmas e me coloquei à disposição para o que necessitassem e, logo em seguida, o grupo de alunas que conformavam a primeira turma do Curso de Bacharelado em Tradução, ingressadas em 2010/1 manifestaram a necessidade de “algo” que pudesse dar-lhes a oportunidade de praticar a tradução. A partir daí, surgiu a ideia de criação de um Laboratório de Tradução, porém o CLC passava por problemas de espaço físico, pois o *Campus* Anglo ainda estava em construção e reformas e até mesmo a distribuição das salas de aula apresentava dificuldades.

A quantidade de vagas oferecidas no Curso de Bacharelado em Tradução, na UFPel, é de 20: 10 para Espanhol-Português e 10 para Inglês-Português e a evasão é grande, em toda a universidade, porque vários alunos optam por cursos e se transferem para outros, seguidamente. Por esse motivo, as turmas contam com poucos alunos.

Mesmo contando com poucos alunos, criamos, em março de 2011, o *Projeto Alpha – Laboratório de Tradução*, um Projeto de Extensão Universitária que visa suprir a necessidade manifestada pelas alunas. O projeto tem como objetivo, além de proporcionar a prática da tradução aos estudantes do Curso de Bacharelado em Tradução do CLC da UFPel, a oferta de serviços de tradução gratuitos e de qualidade – pois as traduções são revisadas pelas professoras da área – à comunidade interna da instituição, a saber: professores e funcionários.

Ainda sem termos condições de oferecer um espaço físico com equipamentos necessários para que pudessem trabalhar, inserimos as alunas do terceiro semestre no projeto. Fizemos solicitação de bolsas para a Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PREC) para quatro alunas da turma, porém, destas quatro alunas, apenas duas se mantiveram, porque as demais decidiram por ingressar em um projeto de outra área. As duas alunas receberam bolsa da PREC e se mantiveram no projeto, fazendo suas traduções em casa, sob minha orientação, como coordenadora, e da Prof^á. Roberta, como orientadora de ambas as alunas.

Criamos um endereço virtual para acesso dos professores e participantes por onde os solicitantes se comunicariam com os mesmos, cadastrariam e enviariam seus textos. Houve uma demanda inicial de alguns artigos de funcionários, o que tornou possível a adaptação dos professores e alunos à organização dos trabalhos do Laboratório. Em seguida, a diretora do Centro de Integração do MERCOSUL (CIM) solicitou do projeto uma demanda semanal para atualização das traduções de seu *site*, que está em Português e em Espanhol. Esta foi a primeira demanda de caráter permanente do nosso projeto.

Enquanto iniciávamos os trabalhos e cumpríamos com as solicitações recebidas, a Prof^á. Roberta e eu insistíamos e reforçávamos os pedidos à Direção quanto à necessidade de espaço físico para o Laboratório do Projeto Alpha, pois as demandas começavam a aumentar e não tínhamos condições de acompanhar os trabalhos das alunas durante o processo tradutório, que seria o objetivo maior desse projeto.

Em maio de 2011 houve um Processo Seletivo Simplificado para ingresso de dois professores temporários para reforçar a Área de Tradução, cujas bancas foram formadas pela Prof^á. Dr^á. Beatriz Viégas-Faria e pela

Prof^ª. Dr^ª. Roberta Rêgo Rodrigues, em que aprovaram a Prof^ª. Sue Anne Christello Coimbra, para a vaga de Terminologia, e a Prof^ª. Karol Garcia, para Estudos de Tradução. Essas professoras iniciaram seus trabalhos na Área de Tradução em agosto de 2011.

Em setembro de 2011 tivemos o ingresso da Prof^ª. Sue Anne Christello Coimbra como participante do Projeto Alpha. A Prof^ª. Sue Anne assumiu as traduções do CIM, antes feitas por mim, já que contávamos apenas com duas alunas de Inglês no grupo e, naquele momento, havia muitas outras atividades para desenvolver na coordenação.

Em outubro desse mesmo ano, iniciamos um trabalho do Laboratório, também permanente, junto com a Prof^ª. Valéria Coimbra, coordenadora da revista *Journal of Nursing and Health* (JONAH), do Curso de Enfermagem da UFPel, em que fazemos versões em Espanhol e Inglês dos artigos e também incorporamos à nossa equipe mais dois alunos do Curso de Bacharelado em Tradução (01 do Inglês e 01 do Espanhol) e uma aluna do Curso de Bacharelado em Redação e Revisão de Textos (RRT). Os alunos receberam bolsa de estágio durante 03 meses para trabalharem com os da revista entre outubro e dezembro de 2011. Os trabalhos ainda estão sendo realizados e o vínculo com a revista será contínuo.

Durante o ano de 2011, também criamos um grupo de pesquisa chamado *Estudos Linguísticos Aplicados à Tradução*, certificado pela instituição e pelo CNPq, com três linhas de investigação: a primeira, coordenada pela Prof^ª. Roberta (líder), denominada: *Abordagens Discursivas aos Estudos da Tradução*, e as outras duas, coordenadas por mim (líder): *Métodos de Investigação Linguística Aplicados à Tradução e Processamento cognitivo em tradução*. Este grupo de pesquisa iniciou-se com quatro pesquisadoras – três professoras com doutorado em Letras – uma delas da UFPA e 01 técnica administrativa tradutora com mestrado em Letras e seis alunos.

O objetivo deste grupo foi o de abrir a possibilidade de inserção dos alunos do Curso de Bacharelado em Tradução e outros estudantes, que tivessem interesse por essas abordagens, na pesquisa científica. Dessa forma, é possível estabelecer uma interdisciplinaridade na pesquisa e enriquecer as pesquisas na área.

A Prof^ª. Roberta elaborou, em abril de 2011, um Projeto de Pesquisa, intitulado: *Teoria e prática em tradução para tradutores em formação*. Esse projeto, cuja orientação teórica é a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday, tem, entre seus objetivos: aliar o estudo das Abordagens Discursivas aos Estudos da Tradução com a prática tradutória e Produzir um *corpus*, produto de trabalho dos orientandos, com vistas a formar um futuro banco de dados com corpora paralelos, que estará disponível para outras pesquisas. Esse projeto está em andamento.

Outro projeto de pesquisa em andamento, que caminha junto ao grupo de pesquisas, elaborado por mim, tem como título: *Processamento de leitura: planejamento, tomadas de decisão e procedimentos de leitura para a tradução e em tradução*, cujos fundamentos teóricos descansam na Linguística Textual de Teun van Dijk e Walter Kintsch, na Psicolinguística de base conexionista de David Rumelhart e James. L. McClelland, nas pesquisas cognitivas em tradução de Arnt Lykke Jakobsen e nas teorias sobre procedimentos de tradução de Peter Newmark. O objetivo dessa pesquisa é descobrir e descrever todos os processos passíveis de observação que ocorrem durante o processamento cognitivo da leitura e da tradução de textos no que se refere às tomadas de decisão. Esse projeto dá continuidade ao meu projeto de pesquisa do doutorado, em que utilizei análises de movimentos oculares captados através de filmagens como um recurso de investigação do processamento cognitivo da leitura para a produção de resumos, das quais

obtive resultados interessantes à comunidade acadêmica. Porém, aquelas análises foram feitas de maneira bastante “rudimentar”, por falta do equipamento *Eye tracker* (*rastreador de movimentos oculares*), que forneceria, com certeza, maior acurácia dos resultados. Por esse motivo, estamos tentando, junto à direção e aos órgãos administrativos da UFPel, adquirir esse equipamento que irá contribuir de maneira profícua com as pesquisas cognitivas em Tradução.

Um terceiro projeto de pesquisa está em processo de elaboração pela Prof^á. Sue Anne e por mim, voltado para a Terminologia. O Projeto envolve as áreas de Tradução, Arte musical e Informática, e o objetivo é a produção de uma base terminológica para produção de um glossário *on-line* de termos musicais. Nesse processo estão envolvidos dois professores do curso de Ciências da Computação, cuja função é desenvolver um *software* que selecione os candidatos a termos para a base terminológica; um professor de Arte Musical, cuja função é auxiliar-nos na seleção dos termos; e alunos das três áreas.

Em março de 2012 obtivemos nossa primeira conquista em relação ao espaço físico que necessitávamos: recebemos uma sala com mobiliário e computadores (2) para funcionamento do Projeto Alpha – Laboratório de Tradução. Em consequência disso, aumentamos, também, o número de participantes para quatro professoras da Área de Tradução duas alunas bolsistas da PREC, uma aluna bolsista de Graduação e oito alunos voluntários – cabendo destacar que cinco deles são alunos do primeiro semestre. É importante também considerar o apoio da direção do CLC nesta empreitada.

Estamos também trabalhando na elaboração do *Núcleo de Tradução e de Redação e Revisão de Textos (NUTRARRTE)*, cujo espaço físico está potencialmente organizado junto ao laboratório de tradução e do *Projeto*

LARRETE, um *Laboratório de Redação e Revisão de Textos* que está sendo organizado por uma professora do referente Curso, RRT, e cuja solicitação foi feita por nós e pela direção do CLC. O projeto LARRETE trabalhará em consonância com o Projeto Alpha, pois entendemos que antes da tradução, uma revisão da Língua Portuguesa se faz necessária. Apesar disso, o dito projeto é desvinculado da Área de Tradução e tem autonomia para desenvolver outros trabalhos de sua especialidade.

Recentemente, uma professora do Curso de Conservação e Restauro inseriu um grupo de alunos nos estudos terminológicos e está organizando conosco parte de um novo projeto que está idealizado para início do segundo semestre: *Ciclo de Palestras em Tradução*. Esse projeto objetiva trazer convidados para expor e debater temas da área, a fim de incrementar os conhecimentos extraclasse dos estudantes da UFPel e de outras universidades da região.

Devemos iniciar, também no segundo semestre de 2012, um Projeto de Extensão em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo, da Prefeitura Municipal de Pelotas, área de relações internacionais, que possui um Acordo de Geminação – Projeto cidades-irmãs em parceria com comunidades de outros países. O Projeto de Extensão com a Prefeitura da cidade objetiva inserir os graduandos no contexto laboral externo à universidade – já que o Projeto Alpha abrange somente a comunidade interna funcional –, oferecendo serviços especificamente a este Projeto cidades-irmãs, no que se refere às traduções diretas e traduções inversas e, também, suprir a demanda inicial de estágio obrigatório não remunerado do nosso Curso de Bacharelado em Tradução. A contrapartida dos trabalhos, oferecida pelo município, será a do fornecimento de equipamentos e *softwares* úteis aos trabalhos dos tradutores, como doação para a UFPel.

Por último, o grupo de professoras da Área de Tradução do CLC da UFPel está mobilizando-se na organização de um curso de Especialização em Tradução Literária, juntamente com a idealizadora, a Prof^ª. Dr^ª. Beatriz-Viégas e com um professor de Literatura Hispânica do mesmo centro, como convidado. O curso já foi aprovado pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras do CLC e deverá iniciar-se em março de 2013. Esse curso pretende tornar-se uma referência no Estado do Rio Grande do Sul, por apresentar pioneirismo na temática, muito requisitada no setor de tradução. Seu formato pretende a formação integral do pós-graduando como tradutor profissional e foi pensado com uma característica inovadora, que insere disciplinas diferentes de outros Cursos de Especialização.

O Curso de Bacharelado em Tradução, fundado no primeiro semestre de 2010, teve uma expansão admirável em dois anos de funcionamento. Essa realidade só tem sido possível, e atesto – no papel que me cabe como coordenadora da área, no momento –, graças ao incansável e dedicado trabalho das professoras que dela fazem parte. Não se pode deixar de citar, também, o apoio da Direção do CLC, da Prof^ª. Beatriz Viégas-Faria e dos estudantes, com, por e para quem este trabalho está sendo dirigido. A característica mais importante de toda esta equipe é o trabalho em grupo que está desenvolvendo, com pretensões, orientações, críticas, observações muito abertas e postura profissional sempre receptiva às inovações. Todos estão voltados para um só objetivo: o crescimento e a qualidade da atuação no Curso de Bacharelado em Tradução na UFPel, que pode vir a se tornar uma referência na região.

Modelagem da produção de significados em tarefas tradutórias

Adriana Pagano

Fabio Alves

Igor A. Lourenço da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais

1 Introdução

O exame do processo tradutório conta com uma trajetória relativamente breve, se comparada com a longa tradição de estudos do texto traduzido enquanto produto final da tarefa tradutória. Todavia, ao longo dos últimos 25 anos, o desenvolvimento de pesquisas nesse subcampo tem sido rápido e contínuo (cf. KRINGS, 1986; LOERSCHER, 1991; TIRKKONNEN-CONDIT, 1991; FRASER, 1996, SÉGUINOT, 1996; ALVES, 2003; PACTE, 2003; SHREVE, 2006; MEES, ALVES e GOEPFERICH, 2009; SHREVE e ANGELONE, 2010), alimentado em grande parte pelos recentes avanços tecnológicos que permitem a relativamente fácil implementação de *softwares* e *hardwares* em computadores

de pequeno porte que, assim, facilitam coletas de dados, como é o caso do registro de toques de teclado e *trackpad/mouse (keylogging)* e o monitoramento da fixação ocular (*eye tracking*).

Além do impacto das novas tecnologias para fins de eliciação de dados, os estudos do processo tradutório vêm sendo impulsionados por desenvolvimentos em subcampos afins, tais como o da tradução automática e o da tradução assistida pelo computador (KRINGS, 2001; DRAGSTED, 2004; O'BRIEN, 2007; ALVES e LIPARINI CAMPOS, 2009; CHRISTENSEN e SCHJOLDAGER, 2011; TEIXEIRA, 2011). Tais subcampos têm despertado interesse pelo processo tradutório enquanto fonte passível de informar a modelagem da tradução com base em dados gerados por experimentos que enfocam o comportamento do tradutor humano.

A pesquisa sobre o processo tradutório desenvolvida no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras da UFMG possui uma trajetória de mais de uma década, ao longo da qual o Laboratório foi concomitantemente aprimorando a metodologia de coleta e de análise de dados do processo tradutório em ambiente experimental, compilando um *corpus* de dados processuais (CORPRAT – Corpus Processual para Análises Tradutórias) e explorando interfaces disciplinares para a abordagem da tradução, como os estudos de *expertise* e conhecimento experto (ERICSSON et al., 2006), a linguística de corpus (OLOHAN e BAKER, 2000) e os estudos de processamento de linguagem natural (Carl e Kay, no prelo). Os dados gerados no escopo de experimentos e estudos exploratórios visam informar a modelagem de processos de compreensão e produção da linguagem em tradução sob uma perspectiva de geração de futuras aplicações inteligentes e construção de bases programáticas para a avaliação de traduções e para o ensino e treinamento de tradutores.

A metodologia de coleta e análise de dados processuais adotada pelo LETRA está pautada pelo conceito de triangulação (JAKOBSEN, 1999;

ALVES, 2003), contemplando-se a triangulação de métodos, de dados gerados e de enfoques teóricos adotados para analisar esses dados, de forma a investigar se há convergência nos resultados das pesquisas. Assim, a combinação de métodos de elicitação, como questionários prospectivos, protocolos retrospectivos, registro de toques de teclado e registro de fixação ocular, permite gerar dados mais robustos do comportamento do sujeito participante de uma coleta em ambiente experimental.

Questionários prospectivos permitem indagar aspectos da biografia dos sujeitos participantes, incluindo educação, formação profissional, proficiência em língua estrangeira e hábitos de leitura e redação; os protocolos retrospectivos livres, coletados enquanto os sujeitos assistem ao *replay* do processo tradutório, elicitem dados sobre a percepção de um indivíduo sobre o seu desempenho na tarefa; e os protocolos retrospectivos guiados, fomentados pelo *replay* do processo ou por algum insumo referente ao texto de partida, pautam-se na intervenção do pesquisador, que indaga o sujeito sobre questões específicas ou o incita a registrar comentários. A técnica de *keylogging* informa: o tempo total despendido na tarefa e em suas fases; o número, duração e distribuição de pausas, ocorrência de recursividade e segmentação do texto-fonte mapeada com base nas microunidades identificadas no texto-alvo. O monitoramento da fixação ocular (*eye tracking*) permite calcular o número e a duração das fixações, caracterizar sequências de movimentos oculares (*i.e.*, mapear o caminho percorrido pelos olhos do sujeito enquanto fixa seu olhar na tela – mapeamento esse também chamado de *gaze plot*) e obter um mapa de calor (*i.e.*, um *heat map*, uma representação visual das porções da tela – e consequentemente do texto – que atraíram maior atenção visual dos sujeitos por maior tempo).

Os dados gerados são analisados sob a perspectiva de construtos tomados dos estudos de *expertise* e conhecimento experto, enfocando-se

sobretudo em instâncias de produção textual que os dados mostram como evidências de esforço passíveis de serem consideradas problemas de tradução. Essas mesmas instâncias são examinadas, com base na linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), com o objetivo de identificar motivações nos sistemas linguísticos que possam explicar o esforço envidado pelo sujeito para resolver um problema até gerar uma tradução final e até mesmo algumas das traduções intermediárias.

A escolha da linguística sistêmico-funcional hallidayana para a análise da produção linguística em tradução justifica-se pelo fato de oferecer um arcabouço abrangente para o estudo da produção de significados no âmbito da produção textual multilíngue, sendo apropriada para a modelagem da tradução. Sua arquitetura permite, em particular, abordar, sob a dimensão logogenética (*i.e.*, de desenvolvimento discursivo do texto), a linguagem gerada no processo de produção textual em tempo real, contemplando a vinculação de decisões em nível local do texto a uma estratégia global adotada pelo tradutor para a geração de seu texto como um todo.

As pesquisas do LETRA têm investigado diversos perfis de desempenho em tarefas de tradução, visando caracterizar os diferentes estágios no *continuum* novato-experto. Para tanto, desenham-se experimentos envolvendo estudantes de tradução, tradutores profissionais e sujeitos “não tradutores”, isto é, sujeitos que não possuem formação em tradução e nem desejam adquiri-la, assim como tampouco exercem a tradução como prática profissional. Trata-se de, por um lado, aprendizes de língua estrangeira e, por outro, de especialistas em domínios especializados – estes últimos com atuação em universidades e centros de pesquisa, onde realizam tarefas de tradução como parte de suas atividades científicas e/ou tecnológicas.

Neste capítulo, são apresentados resultados de um dos estudos recentes desenvolvidos no âmbito do LETRA. Trata-se de um estudo de natureza

exploratória, realizado com o objetivo geral de elaborar hipóteses sobre o processo tradutório por meio da implementação de uma perspectiva sistêmico-funcional no escopo das pesquisas do processo tradutório. Um de seus objetivos específicos foi examinar fenômenos linguísticos passíveis de serem observados em instâncias de produção textual que envolvam esforço do tradutor. Pautando-se na metodologia do Laboratório, essas instâncias são aqui identificadas com base em indicadores do processo tradutório, quais sejam, pausas, recursividade, movimentos de fixação ocular progressivos e regressivos e trajetória do olhar em seu deslocamento entre o texto-fonte e o texto-alvo.

O fenômeno em foco neste estudo é um aspecto da produção de significados tanto em tarefas de produção textual monolíngues como multilíngues, passível de ser explicado com base no conceito de metáfora gramatical da LSF. Esse conceito, como será exposto na seção a seguir, permite mapear movimentos de compactação e descompactação de significados que têm lugar ao longo do processo tradutório. Por essa razão, tal conceito apresenta um potencial relevante para a modelagem da produção de significados em tradução e possibilita lidar com instâncias de maior ou menor explicitude de significados quando se comparam textos originais com as suas respectivas traduções. Além disso, o conceito hallidayano de metáfora gramatical permite explicar instâncias de geração de significados que, devido à sua natureza transitória no processo de produção textual, não são contempladas pelos estudos do produto tradutório. Como este estudo evidenciará – por se tratar de tentativas de resolução de problemas ou soluções temporárias –, instâncias associadas a movimentos de (des)metaforização de significados podem ser capturadas através da metodologia de *keylogging* e *eye tracking* adotada no Laboratório e da aplicação do conceito de micro e

macrounidades de processamento cognitivo (conceito este também explicado na seção a seguir).

2 Arcabouço teórico

No âmbito da linguística sistêmico-funcional, a instanciação do texto sob a perspectiva logogenética da linguagem tem sido objeto de estudos da produção textual monolíngue, enfocando-se em particular os mecanismos pelos quais significados construídos por meio de unidades linguísticas em ordens superiores, como a oração, são retomados no discurso por meio de unidades em ordens inferiores, como o grupo e a palavra. Esse fenômeno é explicado com base no conceito de metáfora gramatical, termo que designa o mecanismo pelo qual são geradas formas linguísticas agnatas (análogas) que envolvem diferentes correlações entre categorias semânticas e gramaticais.

O termo metáfora, na forma aqui entendida, guarda correlação com o conceito de metáfora lexical, noção mais frequentemente abordada nos estudos linguísticos. De fato, para a LSF, metáfora lexical e metáfora gramatical são duas dimensões do mesmo fenômeno, sendo que essa última seria a contrapartida da metáfora lexical no domínio da gramática. Assim, por exemplo, em:

Exemplo 1

“Ambientalistas, jornalistas e cidadãos das mais diversas procedências e formações se opuseram ferrenhamente ao projeto”

há uma metáfora lexical, na qual o significado construído por “ferrenhamente” é interpretado como “inflexivelmente” ou “intransigentemente”

com base na correlação estabelecida entre dois domínios: um concreto, no qual “ferrenho” é a qualidade do material “ferro”; e um abstrato, no qual “ferrenho” pode ser construído como qualidade abstrata em analogia ao metal “ferro”.

O exemplo (1) pode ser ainda reformulado em (2), configurando-se uma ocorrência de metáfora gramatical. Nesse caso, a correlação é estabelecida entre duas formas que possuem diferentes mapeamentos entre semântica e gramática. Assim, em:

Exemplo 2

“A *ferrenha* oposição ao projeto por ambientalistas, jornalistas e cidadãos das mais diversas procedências e formações”

é construído um significado análogo ao de (1) acima; porém, esse significado é, em (2), realizado por uma nominalização (“oposição”) e uma qualidade (“ferrenha”), o que permite que esse grupo nominal possa ser expandido e ser sujeito de predicação de uma oração, como em (3):

Exemplo 3

“A *ferrenha* oposição ao projeto por ambientalistas, jornalistas e cidadãos das mais diversas procedências e formações gerou críticas de aliados e não aliados ao governo.”

A diferenciação entre formas metafóricas e não metafóricas (ou também chamadas congruentes) deve ser feita, na realidade, em termos de um *continuum*, uma vez que há diversas formas possíveis entre esses dois polos. No exemplo (4) a seguir, pode-se observar metaforização crescente dos significados com impacto no nível de explicitude. Assim, participantes (*i.e.*, quem realiza a ação) vão se tornando progressivamente mais implícitos. É

nesse sentido que Halliday e Matthiessen (1999; 2004) afirmam que a metáfora gramatical envolve compactação de significados e implicitação.

Exemplo 4

- i. Reconectamos o *notebook* na rede e fizemos a migração desta máquina física para uma máquina virtual.
- ii. Após reconectar o *notebook* na rede, fizemos a migração desta máquina física para uma máquina virtual.
- iii. Após reconectar o *notebook* na rede, foi feita a migração desta máquina física para uma máquina virtual.
- iv. A migração da máquina física para uma máquina virtual foi precedida pela reconexão do *notebook* na rede.

Nos Estudos da Tradução, a metáfora tem sido abordada geralmente em sua forma lexical e, no caso do processo tradutório, sob o pressuposto de ser um indicativo de esforço de processamento na leitura e compreensão do texto-fonte e geração do texto-alvo (cf. TIRKONNEN-CONDIT, 2002; SJORUP, 2011). Steiner (2001) é um dos primeiros teóricos a explorar a metáfora gramatical nesse campo, ao examinar mudanças nos níveis de metaforicidade de textos-fonte e textos-alvo e atribuir-lhes a três fatores principais:

- a tipologia dos sistemas linguísticos envolvidos;
- as restrições contextuais relativas ao registro e ao tipo de texto; e
- o processo de compreensão de significados do texto-fonte por parte do tradutor e sua reformulação na língua-alvo.

Um exemplo de diferenças no nível de metaforicidade entre formulações do texto-fonte e do texto-alvo pode ser observado no seguinte excerto de *A brief history of time from the big bang to black holes*, de Stephen

Hawking (1988), e sua tradução para o português do Brasil, por Maria Helena Torres (1988):

Exemplo 5

Texto-fonte

“And that brings us to the question of what could have caused *the stars to turn on* in the first place.”

Texto-alvo

“... que nos leva à questão sobre o que teria inicialmente provocado *a iluminação das estrelas.*”

Percebemos em (5) que, enquanto no texto-fonte há um agente que parece ter contribuído para que as estrelas ganhem iluminação, no texto-alvo a forma mais metafórica torna os significados mais implícitos e o leitor poderia indagar se as estrelas iluminam algo, se elas são iluminadas por algo ou alguém ou, ainda, se elas se iluminam a si próprias.

De fato, uma das possíveis motivações para o tradutor ter escolhido uma nominalização em português (“iluminação”) pode ter sido a necessidade de resolver um problema de tradução vinculado à agentividade das estrelas, uma vez que em inglês as estrelas sofrem o impacto de algo que as leva a serem agentes de sua própria luz. A forma gramatical no original em inglês é causativa e envolve dois agentes: algo/alguém e a estrelas, sendo o primeiro o “iniciador” de um processo do qual participa o segundo agente, as estrelas, “Ator” do processo “*turn on*”:

Exemplo 6

... what could have caused *the stars to turn on*

What = Primeiro agente – Iniciador

Stars = Segundo agente – Ator

Todavia, como Halliday e Matthiessen (2004, p. 509) explicam, a oração causativa introduz um terceiro agente, implícito. Nesse sentido, a oração causativa “what could have caused *the stars to turn on*” constrói um significado diferente daquele de uma oração não causativa: “what could have turned the stars on”. Nesta última, há um impacto direto desse algo ou alguém sobre as estrelas; já na oração causativa, se algo ou alguém provocou ou fez com que as estrelas se acendessem, o impacto desse algo ou alguém é indireto e pode ter sido causado através de uma outra força ou agente indireto (terceiro agente).

A formulação em português (“iluminação das estrelas”) deixa implícitos todos os possíveis agentes e gera ambiguidade em relação à causalidade da luz das estrelas.

Em exemplos como o discutido acima, sem dados do processo tradutório, não temos acesso a possíveis motivações para a escolha de uma determinada tradução ou se essa passagem do texto gerou esforço por parte do tradutor. Segundo Steiner (2004), todo processo de compreensão de significados requer em geral a desmetaforização; nesse sentido, o processo de compreensão por parte do tradutor, como fator que pode explicar instâncias com diferente nível de metaforicidade em originais e textos traduzidos, pode fornecer evidências sobre mecanismos de descompactação de significados, tanto em contextos multilíngues como monolíngues.

As observações feitas por Steiner (2001) sob a perspectiva do produto tradutório são complementadas por Hansen-Schirra (2003) com base em um estudo experimental do processo tradutório, no qual a autora identifica três mecanismos diferentes, quais sejam:

- Desmetaforização: a realização léxico-gramatical dos significados no texto-alvo é menos metafórica que a do texto-fonte;

- Metaforização: a realização léxico-gramatical dos significados no texto-alvo é mais metafórica que a do texto-fonte; e
- Remetaforização: os significados do texto-fonte são realizados no texto-alvo por formas com diferentes níveis de metaforicidade, registradas através do processo tradutório, mas atingem nível de metaforicidade análogo na solução definitiva no texto-alvo.

As observações de Steiner e Hansen-Schirra permitem elaborar alguns pressupostos em relação ao processo tradutório. Assim, independentemente do fator que motiva mudanças no nível de metaforicidade, tem-se que, por essas mudanças constituírem instâncias que demandam esforço por parte do tradutor, é de se esperar traços ou evidências dessas mudanças no processo tradutório. Confirmando esses pressupostos, pesquisas desenvolvidas no LETRA, por sua vez, mostram que as instâncias de nível análogo de metaforicidade no texto-fonte e no texto-alvo não necessariamente indicam a ausência de mudanças no processo tradutório. Além disso, mudanças no nível de metaforicidade não necessariamente envolveriam deficiências no processamento pelo tradutor, mas poderiam constituir, de fato, estratégias de resolução de problemas, sobretudo nos casos de implicação de significados devido a incertezas do tradutor quanto à sua compreensão do texto-fonte (cf. SILVA, 2007; PAGANO e SILVA, 2008; ALVES, PAGANO e SILVA, 2011).

Dados do processo tradutório obtidos através de *keylogging*, como pausas e recursividade, permitem identificar unidades de tradução no decorrer do processo tradutório. Segundo Alves e Vale (2009), a unidade de tradução, enquanto uma unidade do processo cognitivo da tradução, consiste no foco de atenção sobre um determinado segmento do texto-fonte

ou sobre seu equivalente no texto-alvo. Podem-se observar dois tipos de unidade de tradução: a microunidade de tradução (micro-UT), que consiste em segmentos específicos do processo cognitivo delimitados pelo ritmo cognitivo do tradutor; e a macrounidade de tradução (macro-UT), que se refere a cada um dos focos de atenção no mesmo segmento do texto-fonte, os quais se iniciam com a redação de um equivalente tradutório para esse segmento do texto-fonte e continuam com as revisões subseqüentes desse equivalente inicialmente redigido.

Alves e Vale (2009) operacionalizam a micro-UT como um segmento contínuo no fluxo da produção do texto-alvo, delimitado entre duas pausas. Para efeitos de medição, é contabilizado o valor da pausa que o antecede. A macro-UT é o conjunto de micro-UTs agrupadas pelo analista com base na possibilidade de correlacioná-las com um mesmo segmento do texto-fonte.

Se, como dissemos, é de se esperar que alguns movimentos de (des)metaforização demandem maior esforço por parte do tradutor, o que se traduziria em um número maior de microunidades capturadas com base nos dados de *keylogging*, a identificação de microunidades no processo pode gerar indícios de movimentos de (des)metaforização. Adicionalmente, dados obtidos através do monitoramento de fixação ocular – em particular, sequências de movimentos oculares, fixação e refixação e movimentos oculares entre áreas de interesse (texto-fonte e texto-alvo) – também informam a identificação de movimentos de (des)metaforização.

Para ilustrar os procedimentos metodológicos e analíticos adotados pelo LETRA para, respectivamente, identificar movimentos de (des)metaforização e interpretar mudanças no nível de metaforicidade, examinam-se neste capítulo dados obtidos em um experimento recente, conduzido pelo

LETRA de acordo com o desenho experimental e a metodologia de coleta e análise de dados apresentados brevemente a seguir.

3 Metodologia

Os dados escolhidos para ilustrar a análise de evidências de (des)metaforização no processo tradutório fazem parte de uma coleta em ambiente experimental, realizada em Belo Horizonte, em 2010, da qual participaram oito tradutores profissionais brasileiros. A tarefa foi realizada na direção inversa, isto é, do português (L1) para o inglês (L2) e consistia na tradução, sem pressão de tempo, de um texto de divulgação científica, de 192 palavras, que apresentava uma invenção tecnológica para leitores leigos. O objetivo do experimento era investigar o impacto no texto-alvo de realizações gramaticais no texto-fonte com diferentes níveis de metaforicidade. Durante a execução da tarefa de tradução, foram utilizados instrumentos (*i.e.*, TRANSLOG, 2006; TOBII EYETRACKER T60 e TOBII STUDIO 2.2) que permitiram, posteriormente, a elicitação de dados relativos ao número e duração de pausas, recursividade, fixação e refixação ocular, bem como percursos do olhar (*gaze plots*). Após conclusão da tarefa, foram gravados protocolos retrospectivos livres e guiados (*i.e.*, com e sem a intervenção do pesquisador a partir de fomentos visuais como o *replay* da tarefa de tradução no Translog e a apresentação imagens estáticas do texto de partida projetadas pelo Tobii Studio). Os dados de *keylogging* foram analisados para a identificação de micro e macrounidades, enquanto os dados de *eye tracking* foram utilizados para a observação de fixação ocular e sequências de movimentos oculares.

Em vista das limitações de espaço e visando privilegiar o detalhamento da análise empreendida, apresentaremos a seguir o exame de duas macrounidades e suas respectivas microunidades, identificadas no registro

do processo tradutório de um dos sujeitos do experimento, rotulado como BT5 na nossa amostra.

4 Uma análise de caso

Os dados que ilustram nossa análise consistem em duas macrounidades do processo tradutório de BT5 referentes aos dois primeiros complexos oracionais do texto-fonte, reproduzidos a seguir.

Texto fonte
<p>Complexo Oracional 1 A tarefa de identificar um bom café é para os degustadores relativamente simples, mas a atribuição de uma nota exata para cada amostra é outra história.</p>
<p>Complexo Oracional 2 O degustador aprecia com base em habilidades que adquire com a experiência.</p>

FIGURA 1 – Complexos oracionais do texto-fonte correspondentes às macrounidades em análise

As microunidades no processo do sujeito BT5 foram identificadas com base em segmentos entre pausas de três segundos de duração agrupados com o auxílio do motor Litterae (<http://letra.letras.ufmg.br/new-litterae>). Esses segmentos entre pausas constituem microunidades, que, ao serem correlacionadas ao trecho correspondente no texto-fonte, são agrupadas em macrounidades.

A figura a seguir mostra a macrounidade 1, que consiste em oito microunidades identificadas na fase de redação (*i.e.*, na fase que abrange

revisão final. As pausas podem ser aqui interpretadas como instâncias de esforço, interpretação também sustentada pelos dados do monitoramento de fixação ocular. Na primeira microunidade da macrounidade em pauta, a pausa inicial, de duração bastante longa, pode ser atribuída à leitura do complexo oracional como um todo; já nas microunidades 2, 3, 5, 6 e 7, as pausas parecem estar relacionadas à resolução de problemas pontuais no léxico ou na gramática. Na microunidade 9, na fase de revisão final, a longa pausa inicial está relacionada, como os dados de registro da tarefa via *eye tracking* comprovam, à busca, no dicionário fornecido como única fonte de consulta externa (*i.e.*, Babylon), por uma palavra em inglês para a palavra “degustadores”. Ao todo, para processar a macrounidade 2, o sujeito despende 2 minutos e 12 segundos na fase de redação e 57 segundos na fase de revisão.

O segundo complexo oracional pode ser correlacionado com as seguintes microunidades nas fases de redação e revisão final, as quais perfazem a macrounidade 2:

Redação	
1	*The♦degustador♦
2	*****taste*
3	♦is♦based*
4	♦on♦
5	*his; ☒/her♦skills♦acquired**
6	♦with♦experience.♦
Revisão	
7	[^] [^] taster***** [^] *
8	sa**vore☒s♦a*
9	♦beverage***
10	[^] [^] ability♦to♦ [^]
11	☒*** [^] [^] previous♦**

FIGURA 3 – Microunidades de BT5 para a tradução do complexo oracional 2 (macrounidade 2)

A Figura 3 mostra uma macrounidade composta por 11 microunidades, com pouca recursividade (também relacionada a erros de digitação). As microunidades são constituídas de segmentos correlacionáveis a unidades linguísticas de ordem inferior (grupo e palavra). Apesar de sua duração relativamente curta, estendendo-se por 1 minuto e 8 segundos na fase de redação e 1 minuto e 46 segundos na fase de revisão final, a macrounidade 2 evidencia mudanças significativas em cinco das microunidades que a compõem. Como algumas das mudanças estão relacionadas com o fenômeno que estamos investigando, qual seja, a (des)metaforização, os dados do registro de toques do processo, apresentados na forma de macrounidades, são aqui correlacionados com dados do monitoramento da fixação ocular (Figuras 4 e 5 nas páginas a seguir) para mostrar como fixações oculares e seqüências de movimentos oculares também podem evidenciar esforço do tradutor para o processamento do complexo oracional 2.

A representação visual dos dados da fase de redação (Figura 4) revela esforço despendido pelo sujeito na resolução de problemas de tradução na macrounidade associada ao complexo oracional 2 do texto-fonte. As linhas que vinculam ponto de fixação (círculos acinzentados) entre as duas áreas de interesse – texto-fonte (parte superior da tela) e texto-alvo (parte inferior da tela) – mostram movimentos recorrentes pelos quais o sujeito visita o texto-fonte para logo retornar ao texto-alvo e digitar um segmento de texto, como ilustrado pelas linhas de curta extensão nos quadros 2 e 3 da Figura 4. As fixações (que são mais longas ou mais curtas dependendo do diâmetro dos círculos) também indicam uma leitura que percorre o texto praticamente palavra por palavra.

Já na fase de revisão final (Figura 5), o sujeito parece não evidenciar movimentos recorrentes entre o texto-fonte e o texto-alvo. As fixações e refixações estão concentradas majoritariamente na área de interesse correspondente ao texto-alvo.

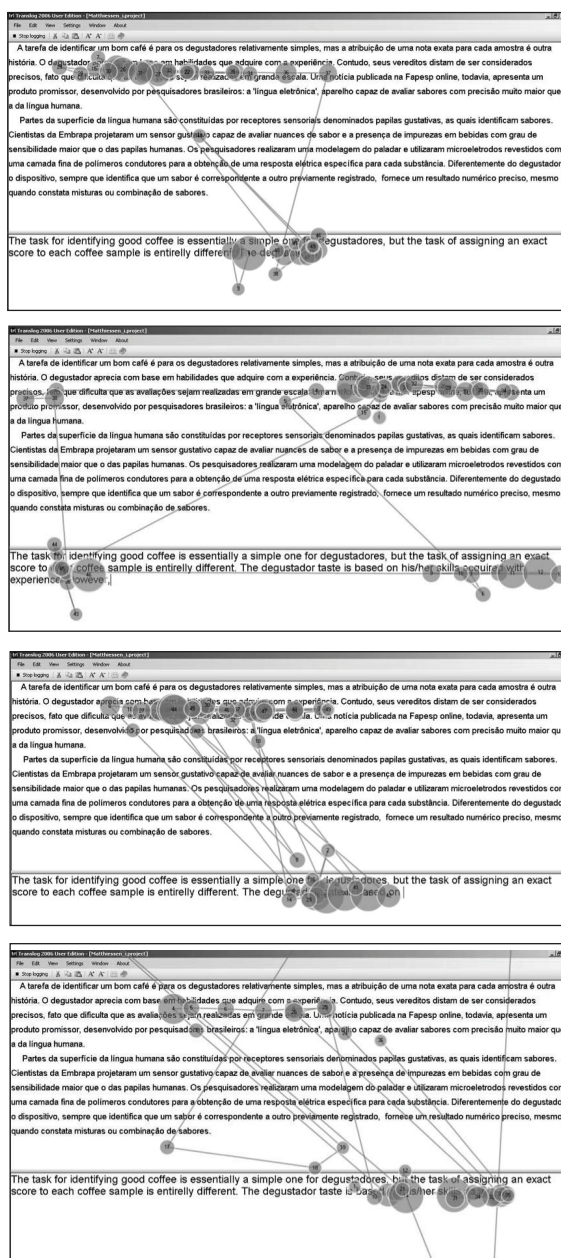


FIGURA 4 – Sequência de movimentos oculares (*gaze plots*) de BT5 quando da tradução do complexo oracional 2 na fase de readoção (quadros correspondentes a 15 segundos de monitoramento ocular cada).

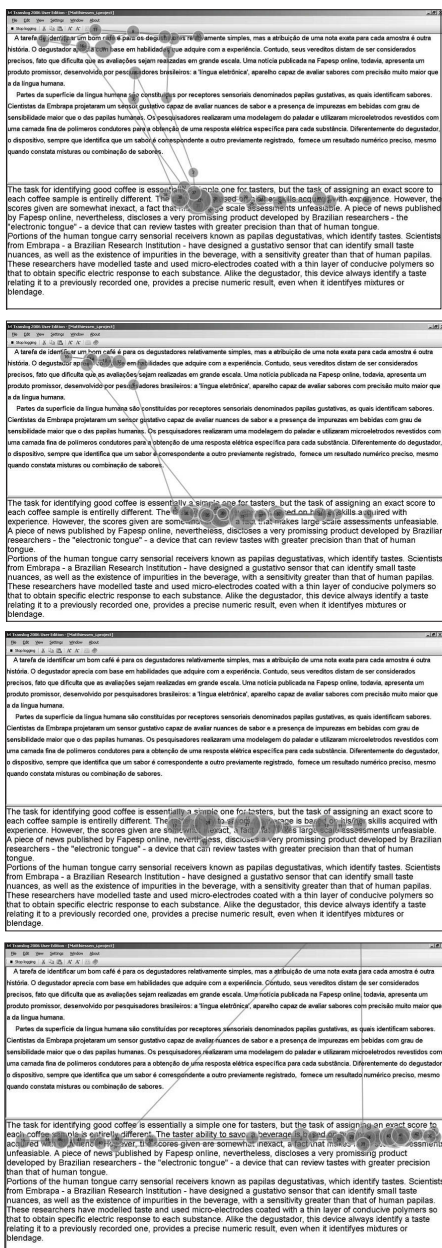


FIGURA 5 – Sequência de movimentos oculares (*gaze plots*) de BT5 quando da tradução do complexo oracional 2 na fase de readação final (quadros correspondentes a 20 segundos de monitoramento ocular cada).

Partindo do pressuposto de que os dados considerados são indicadores de esforço do tradutor na resolução de um problema de tradução, passamos agora a uma análise das possíveis motivações para esse problema de tradução sob a perspectiva dos significados construídos e sua realização léxico-gramatical nos dois sistemas linguísticos em pauta.

O esforço do tradutor ao qual nos referimos é decorrente da necessidade de o sujeito criar um significado que é realizado, na língua fonte, por uma forma não disponível na língua-alvo. O segundo complexo oracional no texto-fonte apresenta um problema vinculado à tipologia linguística que pode ser interpretado como passível de demandante de esforço do tradutor. Na oração (1):

Oração 1

“O degustador aprecia com base em habilidades que adquire com a experiência.”

o verbo “aprecia” demanda que o tradutor encontre um equivalente em inglês além de “taste”, de forma a evitar a repetição em “taster tastes”. Por outro lado, a forma intransitiva “aprecia”, se traduzida como verbo em inglês, demanda que o tradutor encontre uma forma intransitiva ou bem opte por uma transitiva, mas decida qual seria o objeto implícito de “apreciar”, a ser explicitado em inglês.

Todavia, na solução definitiva – oração (2) a seguir – dada pelo sujeito BT5 na fase de revisão final:

Oração 2

“The taste ability to savor a beverage is based on his/her previous skills acquired with years of experience.”

observamos o resultado de uma decisão diferente, que envolve um movimento concomitante de metaforização e desmetaforização de significados quando comparamos a realização gramatical no texto-fonte e no texto-alvo. “O degustador aprecia” é realizado por “the taster ability to savor”, com conseqüente metaforização através da opção por uma forma nominal (“ability”) de um significado modal implícito no texto-fonte: “o degustador consegue apreciar, o degustador sabe apreciar”, o que, por sua vez, pode ser visto como uma explicitação desse significado modal implícito e caracteriza desmetaforização. Essa escolha permite resolver parcialmente o problema da transitividade demandada pelo sistema inglês. A realização de “aprecia” como “to savor a beverage” completa a solução encontrada para a transitividade no inglês, com conseqüente desmetaforização através da explicitação de “a beverage”.

Essa análise baseada na oração do texto-fonte e na oração do texto-alvo gerada como solução definitiva na fase de revisão final pode ser enriquecida ainda por uma análise das soluções interinas que podem ser rastreadas nas fases de redação e revisão final do processo de BT5.

Ao longo da fase de redação, o registro do processo de BT5 mostra a seguinte tentativa de solução do problema:

Oração 3

“The degustador taste is based on his/her skills acquired with experience.”

na qual, em resposta à demanda por uma forma transitiva em inglês, o sujeito escolhe o uso do verbo copula “ser” (“is based on”). Essa solução temporária – assim como a solução dada ao problema de um equivalente necessário para “degustador” – é retomada na fase de revisão final, na qual o registro de movimentos de teclado mostra três tentativas com níveis

diversos de metaforicidade quando comparadas à formulação em português no texto-fonte:

Orações 4 a 6

4. The taster taste is based	maior nível de metaforicidade
5. The taster savors a beverage is based	menor nível de metaforicidade
6. The taster ability to savor a beverage	maior nível de metaforicidade

Essas soluções e os consequentes níveis de metaforicidade envolvidos apontam para esforço do tradutor e uma possível estratégia implementada por ele para resolver um problema de tradução motivado em parte por aspectos tipológicos. Essa estratégia não deve ser entendida necessariamente como um comportamento consciente ou deliberado do sujeito, ao menos no que diz respeito à existência de metarreflexão que revele o reconhecimento de um problema pelo tradutor e a capacidade de explicar a solução encontrada. No caso do sujeito BT5, contamos com dados elicitados através do protocolo verbal retrospectivo, em excerto reproduzido a seguir:

Protocolo Verbal Retrospectivo 1

“Eu fiz uma tradução inicialmente suja... usando umas palavras... introduzindo palavras em português... eu não estava certo se poderia usar *taster*... eu coloquei *degustadores* mesmo... para mais tarde, na revisão, voltar às dúvidas e melhorar o texto...”

A verbalização de BT5 revela uma estratégia global, no sentido de se envidar maior esforço na revisão subsequente à primeira solução encontrada (ou revisão *on-line*), ainda na fase de redação, e posteriormente na revisão final. Isso confirma o número de microunidades para cada macrounidade e sua distribuição em ambas as fases de redação e revisão final. Por outro lado, suas palavras não revelam metarreflexão que indique a percepção do

problema da transitividade observado no complexo oracional 2, nem tampouco a estratégia encontrada para resolvê-lo.

5 Considerações finais

Este capítulo procurou ilustrar alguns procedimentos metodológicos e analíticos com potencial para a investigação de um fenômeno específico do processo de produção de significados, qual seja, o fenômeno de (des)metaforização. Dados elicitados por meio de *keylogging*, *eye tracking* e protocolos retrospectivos foram correlacionados de forma a examinar movimentos de (des)metaforização registrados no processo tradutório de um dos sujeitos de nosso experimento. Os conceitos de macro e microunidade permitiram mapear as soluções intermediárias encontradas pelo sujeito antes de chegar a uma solução definitiva, e os dados do monitoramento da fixação ocular complementaram a delimitação das macrounidades.

Como procuramos mostrar, mudanças no nível de metaforicidade como as evidenciadas neste estudo exploratório confirmam o pressuposto de o fenômeno da metáfora gramatical ser um conceito produtivo a ser investigado em tradução, tanto sob a perspectiva do produto final como do processo que conduz a esse produto. A metáfora gramatical também se apresenta como um conceito produtivo para a abordagem do esforço em tradução e a interpretação de suas possíveis causas com base em uma teoria linguística abrangente como é a linguística sistêmico-funcional.

Os procedimentos metodológicos e analíticos aqui ensaiados revelam-se assim promissores para a realização de estudos de maior escopo. Nesse sentido, o LETRA oferece uma perspectiva inovadora para o tratamento de dados processuais em tradução. Por meio de parcerias no

cenário internacional com o grupo PACTE da Universidad Autónoma de Barcelona (Espanha), o Center for Research and Innovation in Translation and Translation Technology (CRITT) da Copenhagen Business School (Dinamarca), a Cátedra de Inglês e Estudos da Tradução da Universität des Saarlandes (Alemanha) e o Departamento de Português/ Tradução da Universidade de Macau (China), o Laboratório busca ampliar o escopo das pesquisas relacionadas à modelagem da tradução com base em dados gerados por experimentos que enfocam o comportamento do tradutor humano. Oportunamente, o Laboratório Experimental de Tradução almeja estender esses estudos para abranger também pesquisas sobre a interface homem–máquina envolvendo a tradução automática e a tradução assistida pelo computador e, assim, aumentar o escopo da modelagem da tradução.

Referências

ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdã: John Benjamins, 2003.

ALVES, F.; LIPARINI CAMPOS, T. Translation technology in time: investigating the impact of translation memory systems and time pressure on types of internal and external support. In: GOEPFERICH, S. JAKOBSEN, A. L., MEES, I. (Ed.) *Behind the Mind. Methods, models and results in translation process research*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. (Copenhagen Studies in Language 37.)

ALVES, F.; PAGANO, A.; SILVA, I. A. Modelling (un)packing of meaning in translation: insights from effortful text production. In: INTERNATIONAL NLPCS WORKSHOP, 8., Copenhagen, 2011. *Proceedings...* Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. (Copenhagen Studies in Language 41.)

ALVES, F.; VALE, D. Probing the unit of translation in time: aspects of the design and development of a web application for storing, annotating, and querying translation process data. *Across Languages and Cultures*, v. 10, n. 2, p. 251-273, 2009.

CARL, M.; KAY, M. Gazing and typing activities during translation: a comparative study of translation units of professional and student translators. *Meta, Revue des Traducteurs*, no prelo.

CHRISTENSEN, T.; SCHJOLDAGER, A. The Impact of translation-memory (TM) technology on cognitive processes: student-translators' retrospective comments in an online questionnaire. In: INTERNATIONAL NLPCS WORKSHOP, 8., Copenhagen, 2011. *Proceedings...* Copenhagen: Samfundslitteratur, 2011. (Copenhagen Studies in Language 41.)

DRAGSTED, B. *Segmentation in translation and translation memory systems: an empirical investigation of cognitive segmentation and effects of integrating a tm system into the translation process*. 2004. 305f. Tese (Doutorado) – Copenhagen Business School, Copenhagen, 2004.

ERICSSON, K. A.; CHARNESS, N.; FELTOVICH, P. J.; HOFFMAN, R.R. (Ed.). *The Cambridge handbook of expertise and expert performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

FRASER, J. The translator investigated: learning from translation process analysis. *The Translator*, n. 2, v. 1, p. 65-79, 1996.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. Londres: Continuum, 1999.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to functional grammar*. 3. ed. Londres: Edward Arnold, 2004.

HANSEN, S. *The nature of translated text*. Saarbrücken: Language Technology Lab, 2003.

HAWKINGS, S. *A brief history of time from the big bang to black holes*. Londres: Bantam Press, 1988.

_____. *Uma breve história do tempo do big bang aos buracos negros*. Trad. Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

JAKOBSEN, A. L. Logging target text production with Translog. In: HANSEN, G. (Ed.) *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999. (Copenhagen Studies in Language 24.)

KRINGS, H. P. *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht: eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*. Tübingen: Gunter Narr, 1986.

_____. *Repairing texts: empirical investigations of machine translation post-editing processes*. Kent: Kent State UP, 2001.

LOERSCHER, W. *Translation performance, translation process and translation strategies: a psycholinguistic investigation*. Tübingen: Gunter Narr, 1991.

MEES, I.; ALVES, F.; GÖPFERICH, S. (Ed.). *Methodology, technology and innovation in translation process research: a tribute to Arnt Lykke Jakobsen*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. (Copenhagen Studies in Language 39.)

O'BRIEN, S. Pauses as indicators of cognitive effort in post-editing machine translation output. *Across Languages and Cultures*, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2007.

OLOHAN, M.; BAKER, M. Reporting 'that' in translated English: evidence for subconscious processes of explicitation? *Across Languages and Cultures*, v. 1, n. 2, p. 141-158, 2000.

PACTE. Building a translation competence model. In: Alves, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdã: John Benjamins, 2003.

PAGANO, A.; SILVA, I. A. Domain knowledge in translation task execution: insights from academic researchers performing as translators. In: FIT WORLD CONGRESS, 18., Shangai, 2008. *Proceeding...* Shangai: Foreign Language Press, 2008. CD-ROM.

SÉGUINOT, C. *Some thoughts about think-aloud protocols*. *Target*, v. 8, n. 1, p. 75-95, 1996.

SHREVE, G. The deliberate practice: translation and expertise. *Journal of Translation Studies*, v. 9, n. 1, p. 27-42, 2006.

SHREVE, G.; ANGELONE, E. (Ed.). *Translation and cognition*. Amsterdã: John Benjamins, 2010.

SILVA, I. A. *Conhecimento experto em tradução: aferição da durabilidade de tarefas tradutórias realizadas por sujeitos não tradutores em condições empírico experimentais*. 2007. 277f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SJORUP, A. Cognitive effort in metaphor translation: an eye-tracking study. In: O'BRIEN, S. (Ed.). *Cognitive explorations of translation*. Londres: Continuum, 2011.

STEINER, E. Intralingual and interlingual versions of a text: how specific is the notion of translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond context*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2001.

_____. Ideational grammatical metaphor: exploring some implications for the overall model. *International Journal for Contrastive Linguistics*, v. 4, n. 1, p. 137-149, 2004.

TEIXEIRA, C. Knowledge of provenance and its effects on translation performance. In: INTERNATIONAL NLPCS WORKSHOP, 8., Copenhagen, 20011. *Proceedings...* Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. (Copenhagen Studies in Language 41.)

TIRKKONNEN-CONDIT, S. (Ed.) Process research: state of the art and where to go next? *Across Languages and Cultures*, v. 3, n. 1, p. 5-19, 2002.

A tradução literária em revista no Brasil: aproximações¹

Barbara Carolina Dias

Álvaro Silveira Faleiros

Universidade de São Paulo

1 Introdução

Os estudos da tradução no Brasil já ultrapassam cinco décadas. Tendo como ponto inicial a publicação, em 1952, do primeiro livro sobre tradução, intitulado *Escola de Tradutores*, de Paulo Rónai, a disciplina tem-se consolidado com sua crescente institucionalização nas universidades. Uma

¹ Este artigo tem como base resultados obtidos no projeto de iniciação científica desenvolvido por Barbara Carolina Dias (sob orientação de Álvaro Faleiros) e intitulado *Tradução Literária em Revista: Levantamento Bibliográfico – parte 1*. O projeto está sendo desenvolvido junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e junto ao CNPq, que tem como principal objetivo a realização do levantamento e da classificação temática de artigos que versam especificamente sobre tradução literária, retirados das cinco revistas apresentadas no corpo deste artigo.

primeira pesquisa em artigos e livros sobre a história dos estudos da tradução no Brasil – como o caso do livro *Tradução: a ponte necessária*, de José Paulo Paes², e do artigo *Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil*, de Maria Paula Frota³ – aponta para o fato de que o volume de publicações a respeito dos estudos da tradução cresceu regularmente, sobretudo a partir de 1980. Nesse contexto, surgiram no Brasil, nas últimas três décadas, cinco revistas dedicadas à tradução, a saber: *TradTerm*⁴, *Tradução em Revista*⁵, *Tradução & Comunicação*⁶, *Cadernos de Tradução*⁷, *Cadernos de Literatura em Tradução*⁸, *Scientia Traductionis*⁹.

O intuito deste trabalho é refletir sobre o lugar da tradução literária nesse conjunto, por meio do levantamento de artigos que versam sobre tradução literária, coletados nas revistas acima mencionadas. Para tal, foi feito um recorte temporal de três décadas (1980, 1990, 2000), estabelecido de maneira automática pela publicação do primeiro número da primeira revista brasileira especializada no assunto, a *Tradução & Comunicação*, publicada em 1981.

² PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

³ FROTA, Maria Paula. “Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil?”. In: *Cadernos de Tradução XIX: Dossiê 10 anos Cadernos de Tradução*. NUT: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, p. 135-169.

⁴ *TradTerm*, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia FFLCH-USP, São Paulo: CITRAT, n^{os} 1-15, 1994-2009.

⁵ *Tradução em Revista*, Uma publicação da área de Estudos da Tradução, Rio de Janeiro: PUC-Rio, n^{os} 1-10, 2004-2010.

⁶ *Tradução & Comunicação*, Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo: Centro Universitário Anhanguera de São Paulo, n^{os} 1-21, 1981-2010.

⁷ *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: UFSC, n^{os} 1-26, 1996-2010.

⁸ *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo: Humanitas, n^{os} 1-10, 1997-2009.

⁹ *Scientia Traductionis*, Florianópolis: UFSC. Digital: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/index>>. Acesso em: 25 ago 2011.

2 As revistas

É possível identificar os assuntos em voga numa determinada área do conhecimento por meio de revistas especializadas, de publicação periódica, pois se trata de uma das melhores fontes para tomar conhecimento com essa produção. No caso dos estudos da tradução no Brasil, são hoje seis as revistas especializadas, todas elas vinculadas a alguma instituição de educação superior, fator que aponta para o estreito elo entre a produção de conhecimento específico na área e as universidades, como já apontado por José Paulo Paes em *Tradução: a ponte necessária*¹⁰.

Tradução & Comunicação é o primeiro periódico brasileiro especializado em tradução e o único publicado na década de 1980. Essa revista teve seu primeiro número publicado em 1981, sendo dirigida por Erwin Theodor Rosenthal e Julio Garcia Morejón. Foram publicados nove números entre 1981 e 1986 pela então Faculdade Ibero-Americana, que estão disponíveis apenas em material impresso. Após 1986, a publicação da revista foi suspensa, sendo retomada somente no ano 2000, com relançamento previsto para 2001 durante o II CIATI (II Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação). Hoje conta com 21 números publicados em material impresso e, a partir do número 10, lançado em 2001, estão disponíveis de modo parcial também em material digital. Os primeiros números da revista não apresentam resumos ou palavras-chave, o que dificulta o acesso rápido ao conteúdo dos artigos pelo pesquisador, e é somente a partir do número 17 que o internauta pode acessar o conteúdo digital completo dos artigos da revista. Nela foram encontrados 62 artigos dedicados à tradução literária, de um total de 206 artigos.

¹⁰ *Op cit.*, p. 31.

Na década de 1990, nota-se aumento significativo do interesse e da divulgação dos estudos da tradução, uma vez que três das cinco revistas aqui trabalhadas foram lançadas neste decênio. Primeiramente, em 1994 foi lançada a revista *TradTerm – Revista do Centro Interdepartamental de tradução e terminologia – FFLCH-USP*¹¹, organizada por Francis Henrik Aubert e publicada junto ao CITRAT (Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, criado formalmente em dezembro de 1992. O CITRAT é constituído por professores e pesquisadores de diferentes departamentos da área de Letras da Universidade de São Paulo: de Letras Clássicas e Vernáculas, de Letras Modernas, de Letras Orientais, de Linguística e de Teoria Literária e Literatura Comparada. A revista *TradTerm* é uma publicação anual, tem dois eixos centrais (os estudos da tradução e os de terminologia), todos os seus artigos contêm resumos e palavras-chave – o que facilita muito o acesso rápido ao seu conteúdo – e apresenta seus 15 números em material impresso ou disponíveis de modo parcial em material digital, acessível por meio endereço eletrônico do CITRAT¹². No endereço, é possível acessar somente resumos e palavras-chave dos artigos da revista. Tal restrição é prejudicial à divulgação do conteúdo da revista e aos pesquisadores, que muitas vezes não possuem acesso ao material impresso. Felizmente, essa parcialidade está sendo resolvida, uma vez que o CITRAT está digitalizando integralmente os artigos da revista¹³. Na *TradTerm* foram encontrados 39 artigos dedicados à tradução literária, num total de 162 artigos; vale lembrar que 41 desses 162 artigos são voltados aos estudos de terminologia, restando para os estudos da tradução 121 artigos.

¹¹ A revista *TradTerm* possui classificação Qualis B pela CAPES.

¹² <http://www.fflch.usp.br/citrat/citrat.htm> (*Site* do CITRAT – acessado em julho de 2011).

¹³ Informação obtida no próprio CITRAT.

A segunda revista lançada na década de 1990 é a *Cadernos de Tradução*, revista publicada pelo Núcleo de Tradução (NUT) da Universidade Federal de Santa Catarina. Teve seu primeiro número publicado em 1996, e até 1999 publicou quatro números anuais. A partir do ano 2000 suas publicações passaram a ser semestrais, constituindo, portanto, a revista atual com maior número de publicações. Conta hoje com 26 números. Todo o seu conteúdo está disponível em material digital no endereço eletrônico de periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina¹⁴. Quando lançada, somou-se à única revista então existente sobre tradução, a *TradTerm*, dando mais consistência ao movimento crescente dos estudos da tradução. Da revista *Cadernos de Tradução* foram recolhidos 102 artigos ao todo, num total de 298 artigos.

Em 1997, consolidando a publicação periódica de artigos específicos na área, foi lançada a *Cadernos de Literatura em Tradução*, outra revista vinculada ao Centro Interdepartamental da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, organizada por John Milton. Seu conteúdo está disponível somente em material impresso e os artigos não contêm resumos ou palavras-chave, características que dificultam em muito o acesso ao conteúdo da revista. Essa revista tem características peculiares em relação às outras aqui apresentadas uma vez que tem o conteúdo de seus 11 volumes voltado quase exclusivamente para a relação entre literatura e tradução, em especial no que diz respeito à tradução comentada. Trata-se, assim, não de uma revista que acolhe artigos sobre variados assuntos referentes à tradução, mas essencialmente comentários de traduções. Os *Cadernos de Literatura em Tradução* são, portanto, a fonte da qual obtemos maior número de textos, sendo dela selecionados 140 textos de um total de 182.

¹⁴ <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/archive>>. (Site da UFSC – acessado em julho de 2011).

Para finalizar a exposição das revistas aqui estudadas, cabe mencionar as revistas iniciadas na década de 2000, a *Tradução em Revista*, lançada em 2004 pelo Departamento de Letras da PUC-Rio e a Revista *Scientia traductionis*, segunda revista da UFSC, lançada em 2005.

Em relação à *Tradução em Revista*, seus dois primeiros números estão disponíveis somente em material impresso. A partir do número 3, publicado em 2006, a revista é apresentada somente em material digital, disponível no endereço eletrônico da PUC-Rio¹⁵. Todos os dez exemplares apresentam resumos e palavras-chave dos artigos, facilitando o rápido acesso ao seu conteúdo. Desta revistas foram selecionados 42 artigos, num total de 92 artigos.

No caso da Revista *Scientia traductionis*, trata-se de publicação exclusivamente eletrônica, dedicada essencialmente à tradução literária, que tem como especificidade o fato de publicar artigos de pesquisadores em formação, em sua maioria pós-graduandos. O surgimento de uma revista com tais características é mais um indicador claro da consolidação dos estudos da tradução no Brasil e da importância da tradução literária como objeto de reflexão na área. Tal revista está vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina e foi lançada em 2005. Publica textos produzidos principalmente por alunos vinculados à própria universidade, fator que evidencia o enorme fluxo de produção de conhecimento na área da tradução vinculado à instituição. De 2005 a 2011 publicou nove volumes, todos disponíveis *on-line* no *site* de periódicos da UFSC¹⁶. A partir do volume 7, a revista passou por uma reformulação e começou a fazer suas publicações de acordo com

¹⁵ <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input0>. (*Tradução em Revista* – acessado em julho de 2011).

¹⁶ <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/index>>.

quatro eixos: *Trabalhos traduzidos* (publica trabalhos anteriormente publicados em língua estrangeira); *Trabalhos inéditos*; *Traduções comentadas*; *Outros textos* (entrevistas, relatos de experiências, ensaios que versem sobre o tema da tradução). Dessa revista foram retirados 62 textos de um total de 95; todos eles apresentam resumo, palavras-chave e texto completo, tornando a revista muito acessível a qualquer um que se interesse pelo assunto.

Cabe ressaltar que a revista *Tradução & Comunicação* voltou a figurar dentre as revistas especializadas em tradução nesta época, sendo relançada em 2001 e, portanto, também fazendo parte, de certa maneira, das publicações iniciadas na década de 2000, apesar de seu lançamento figurar na década de 1990.

3 O lugar da literatura nos estudos da tradução

Quanto à diversidade temática [...] esta parece inerente à atividade tradutora, na medida em que ela acompanha a produção humana em praticamente todas as suas esferas [...]. Vem daí a necessária estruturação dos estudos da tradução em diferentes áreas e sub-áreas que procuram dar conta do amplo espectro de suas práticas e modalidades. (FROTA, 2007, p. 150)¹⁷

A diversidade no campo teórico e metodológico dos estudos brasileiros sobre tradução é inerente à própria atividade tradutória, uma vez que esta é uma atividade da linguagem em que se entrelaçam inúmeros campos do saber. Há, pois, clara necessidade de se delimitar por áreas e subáreas os estudos da tradução. No caso deste estudo, o recorte temático versa sobre a tradução literária, considerada uma das mais ricas áreas da disciplina por

¹⁷ FROTA, Maria Paula. “Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil”.

apresentar vasto acervo em relação às discussões teóricas e conceituais referentes ao ato tradutório e às esferas que o envolvem.

Apesar de ser aqui apresentado apenas o que foi publicado nas seis principais revistas especializadas em tradução, os estudos no Brasil diretamente relacionados a esse eixo temático são incontáveis e estão espalhados por publicações de praticamente todas as áreas que possam de alguma maneira se correlacionar à tradução.

No que se refere às seis revistas, o lugar da tradução literária tem bastante destaque. Como se pode notar, a tradução literária é inclusive o título de uma das revistas – *Cadernos de Literatura em Tradução* –, fato que não ocorre com nenhuma outra subárea deste campo no Brasil. Dentro de cada uma das revistas, o lugar da tradução literária se dá de maneira mais ou menos uniforme, havendo, porém, mais destaque na *Cadernos de Literatura em Tradução* (em que os estudos da tradução literária ocupam 77% do total de textos da revista) e na Revista *Scientia translationis*, (com 65% de seus artigos dedicados à tradução literária). Ocupando o terceiro lugar em relação ao destaque dado à tradução literária está a *Tradução em Revista* (em que 45,6% do total de artigos publicados ao longo de seus 10 volumes são dedicados ao assunto). As outras revistas têm por volta de 33% de seu conteúdo voltado para a tradução literária (*Cadernos de Tradução* com 34%, *TradTerm* com 32% e *Tradução & Comunicação* com 30%), aparentando ser, portanto, revistas que não têm como pano de fundo a literatura.

Vê-se, portanto, dentre todas as subáreas da atividade tradutória, a tradução literária em posição de destaque nas revistas especializadas, pois ocupa quase 45% da publicação referente aos estudos tradutológicos das últimas três décadas, nas seis revistas que compõem este estudo.

4 As formas da literatura nos estudos da tradução: visão sincrônica

Para se chegar aos 447 textos dedicados à tradução literária nas revistas especializadas, partiu-se da leitura dos resumos e das palavras-chave dos textos, quando havia, ou da leitura dos artigos sem resumos, deixando-se de lado os que tratavam especificamente de um conceito teórico, sem citar a tradução literária. Para seguir essa delimitação temática, foi preciso assumir o risco que tal recorte traz, uma vez que os assuntos nos estudos da tradução frequentemente se inter-relacionam, sendo muitas vezes praticamente impossível definir um único assunto central.

Após o levantamento inicial, os 447 artigos foram classificados em grandes categorias temáticas. Dessa maneira, eles foram separados a partir dos critérios seguintes: quando os artigos apresentam a tradução de um texto ou tratam das dificuldades encontradas durante o processo de tradução de um texto específico, foram classificados com a categoria PRÁTICAS DE TRADUÇÃO, sendo especificado, quando necessário, a que subcategoria o artigo se dirigia.

Em seguida, foi preciso especificar o GÊNERO do texto literário trabalhado no artigo: poesia, romance, conto etc. Juntamente a essa especificação, incluiu-se as categorias AUTOR DA OBRA/TRADUTOR DA OBRA, quando os nomes dos mesmos são mencionados (como Shakespeare, Haroldo de Campos etc.) e de LOCALIDADE/LÍNGUA do texto traduzido (texto-fonte). Nesta parte, seguiram-se os seguintes critérios: quando se trata da tradução de textos literários brasileiros para uma língua estrangeira, os artigos foram classificados como Literatura Brasileira; quando ocorre o inverso (o texto de origem ser estrangeiro, sendo traduzido

para o português), foram especificados como Literatura Estrangeira, demarcando-se ao lado a língua do texto original.

Quando os artigos têm como núcleo o comentário a uma só tradução, verificando a estilística de determinado tradutor, analisando uma tradução específica a partir de preceitos teóricos linguísticos ou a partir das modalidades de tradução, foram classificados como TRADUÇÃO COMENTADA. Já se os artigos apresentam uma análise de tradução na qual são comparadas mais traduções do mesmo texto para uma mesma língua e na qual se investiga as soluções encontradas por cada tradutor, foram classificados como TRADUÇÃO COMPARADA.

Os artigos que utilizam como pano de fundo uma tradução literária para discutir aspectos fundamentalmente teóricos (sejam eles a respeito do papel e da práxis do tradutor, de conceitos puramente teóricos como questões de (in)traduzibilidade na poesia, ou sobre as dificuldades de traduzir textos culturalmente marcados...) foram classificados como TEORIA DA TRADUÇÃO.

Cabe ressaltar que tal categorização só é possível considerando-se os eixos centrais pelos quais se desenvolvem as discussões dos artigos, visto que é impossível tratar de tradução sem que se tenha todo um aparato teórico envolvido, mesmo que implicitamente. Portanto, na rubrica Teoria da Tradução encontram-se apenas aqueles artigos que têm como núcleo fundamental a discussão de conceitos teóricos, sendo a literatura, nesses casos, assunto secundário.

Quando o artigo trata principalmente da tradução de um texto ao longo dos anos, da tradução de determinada literatura num recorte histórico ou da apresentação dos estudos da tradução em determinada época, optou-se pela rubrica HISTÓRIA/RECEPÇÃO DA TRADUÇÃO.

Geralmente aliada a essa categoria, encontram-se também os estudos dedicados à editoração, que abarcam as escolhas do mercado editorial em determinada época, como é o caso das escolhas do *Clube do livro* apresentadas num dos artigos selecionados¹⁸. Quando os artigos versam sobre a tradução de um veículo para outro, foram classificados como TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: nessa categoria foram situados todos os artigos que discutem as adaptações cinematográficas, a pintura de poemas, a tradução de poesia para linguagem de sinais etc. Há ainda a categoria TRADUÇÃO ASSISTIDA, que foi utilizada para os artigos a respeito da tradução assistida.

A partir do que acima foi exposto, pode-se sintetizar as categorias da seguinte forma:

- a) **Categorização Geral:** prática de tradução; tradução comentada; tradução comparada; teoria da tradução; história/recepção da tradução; tradução intersemiótica; tradução assistida; ensino da tradução.
- b) **Gêneros:** poesia; teatro; conto; novela; romance; canção; cinema; carta etc.
- c) **Autoria:** Autor da obra/Tradutor da Obra.
- d) **Localidade/Língua:** literatura brasileira; literatura estrangeira: inglês, francês, alemão, latim, grego etc.

Na grande maioria dos artigos, a classificação apresenta mais de uma categoria, fator que evidencia a diversidade dos estudos da tradução e a correlação de temas. Assim, mostrou-se necessário especificar, para cada

¹⁸ MILTON, John. "As traduções do *Clube do Livro*. In: *TradTerm* n° 3, São Paulo: CITRAT, 1996, p. 47-65.

artigo selecionado, o assunto central (que nem sempre é único, podendo concorrer pontos teóricos e a apresentação de uma tradução, que discute as dificuldades linguísticas e culturais encontradas pelo tradutor durante o ato tradutório), o gênero do texto literário publicado (poesia, romance, conto, novela...) e o fato de se tratar de literatura brasileira ou estrangeira. Dessa maneira, cada artigo apresenta, pelo menos, duas das quatro formas de categorização acima expostas. Tais categorizações gerais se articulam nas revistas como segue.

Na *Tradução & Comunicação*, os 62 artigos coletados sobre tradução literária (de um total de 206 artigos publicados ao longo de seus 21 volumes) apresentam os mais variados temas. A partir da classificação efetuada pela pesquisadora, verificou-se que, dentro da categorização geral, a *teoria da tradução* tem destaque, sendo que sua rubrica classifica 36 artigos; ainda na categorização geral, vemos que a análise de tradução tanto no que se refere à *tradução comparada* quanto à *tradução comentada* também se destaca, aparecendo 14 vezes. Ainda sob essa forma de categorização, é possível apreender que as questões de *prática de tradução* aparecem em 11 artigos e as de *história/recepção da tradução* são assunto central em seis artigos.

Já em relação ao gênero, a *poesia* é assunto de 14 artigos, sendo seguido pelo gênero *romance*, que é assunto de 12 artigos. Após esses dois gêneros, vemos que o *conto* vem em terceiro lugar, com cinco artigos.

No que diz respeito à localidade/língua, há maior ocorrência de artigos que versam sobre *literatura estrangeira* traduzida (total de 31), sendo as línguas mais trabalhadas o inglês (em nove artigos), o alemão (em sete artigos), o francês (em quatro artigos). O grego, o espanhol e o latim aparecem no assunto de dois artigos cada um. Outras línguas trabalhadas são a língua italiana, húngara e português de Portugal. Já a *literatura brasileira* é assunto em 10 artigos.

Em relação aos autores dos artigos dessa revista, os que mais publicaram nela são: Marion Fleischer (com três artigos); José Paulo Paes (também com três artigos); Zélia de Almeida Cardoso (com três artigos); Rosemary Arrojo (com dois artigos); Geir Campos (com dois artigos).

Além das categorias acima assinaladas, levou-se ainda em consideração, a presença de autores brasileiros na bibliografia, mais especificamente bibliografia dos periódicos, como um indicativo do desenvolvimento do campo no Brasil. O que se pode notar é que os periódicos mais citados foram: *Tradução e Comunicação*, com 4 citações; *TradTerm*, com três citações; *Revista Tempo Brasileiro*, com três citações; *Cadernos de Tradução*, com duas citações; e *Revista ALFA*, com duas citações. Os estudiosos de maior destaque, ali citados são: Francis H. Aubert (citado três vezes) e Maurício Sales de Sousa (citado duas vezes).

Na *TradTerm*, nos 39 artigos coletados sobre tradução literária (de um total de 161 artigos publicados ao longo de seus 15 volumes aqui trabalhados, sendo 41 artigos exclusivamente dedicados aos estudos da terminologia) também se encontram os mais variados temas.

A partir da classificação aqui utilizada, verificou-se que, dentro da categorização geral, a análise de tradução tanto no que se refere à *tradução comparada* quanto à *tradução comentada* se destaca, aparecendo em 20 artigos; ainda na categorização geral, a *teoria da tradução* também tem destaque, com 15 artigos. É possível notar ainda que as questões de *prática de tradução* são assunto em oito artigos. As questões de *história/recepção da tradução* aparecem em cinco artigos; aqui já aparece alguma discussão sobre *tradução intersemiótica*, pois é assunto de dois artigos.

Em relação à categoria localidade/língua, vemos que a *literatura estrangeira* tem mais destaque que a *literatura brasileira*, uma vez que sob a

rubrica *literatura estrangeira* há 22 artigos, enquanto a *literatura brasileira* é tema de 13 artigos. As línguas trabalhadas na revista são, por ordem decrescente: francês e inglês (tema de seis artigos cada uma); russo (tema de três artigos); alemão e português de Portugal (tema de dois artigos); grego, norueguês e espanhol (tema de um artigo cada uma).

Já em relação ao gênero, o *romance* ocupa maior destaque, pois é assunto de 12 artigos, sendo seguido pelo gênero *poesia*, que é assunto de seis artigos. Outros dois gêneros discutidos são o *conto*, que aparece em quatro artigos e o *teatro*, tema discutido em três artigos.

No que diz respeito aos autores dos artigos dessa revista, os que mais publicaram nela são: Diva Cardoso de Camargo (com quatro artigos); Adriana Zavaglia, Ofir Bergemann de Aguiar e Noé Silva (todos com dois artigos cada). Em relação à bibliografia nacional utilizada por esses autores, mais especificamente bibliografia periódica, vemos que os periódicos mais citados são: *TradTerm*, com 15 citações; *Tradução e Comunicação*, com três citações; *Ilha do Desterro*, com duas citações; *Cadernos de Literatura Brasileira*, com duas citações; e *Revista Raça*, com duas citações. Os estudiosos de maior destaque, que são citados por esses autores são: Francis H. Aubert (citado 16 vezes), John Milton e Elis de Almeida Cardoso (citados duas vezes cada um).

Na *Cadernos de Tradução*, dos 102 artigos coletados sobre tradução literária (de um total de 298 artigos publicados ao longo de seus 26 volumes aqui trabalhados) foi possível depreender o seguinte: dentro da categorização geral, a *teoria da tradução* recebe maior destaque, sendo assunto central em 37 artigos; a análise de tradução tanto no que se refere à *tradução comparada* quanto à *tradução comentada* se destaca igualmente, sendo que sua rubrica aparece em 35 artigos; ainda na categorização geral, é possível apreender que as questões de *história/recepção da tradução* são

assunto em 22 artigos. As questões concernentes à *prática de tradução* aparecem em 14 artigos; a *tradução intersemiótica* também ganha destaque nessa revista, pois é assunto de cinco artigos.

Em relação à categoria localidade/língua, vemos que a *literatura estrangeira* tem mais destaque que a *literatura brasileira*, uma vez que sob a rubrica *literatura estrangeira* há 61 artigos, enquanto a *literatura brasileira* encontra-se em vinte artigos. As línguas trabalhadas nessa revista são: inglês (25 artigos); francês (nove artigos); italiano (oito artigos); espanhol (sete artigos); grego (quatro artigos); latim (três artigos); alemão, português de Portugal, húngaro e finlandês (um artigo cada uma).

Já em relação ao gênero, a *poesia* ocupa maior destaque, pois é assunto de 25 artigos, sendo seguido pelo gênero *romance*, que é assunto de 16 artigos. Outros gêneros discutidos são o *conto*, com 13 artigos, o *teatro*, tema discutido em quatro artigos, *carta*, tema de dois artigos.

No que diz respeito aos autores dos artigos dessa revista, os que mais publicaram nela são: Mauri Furlan (com quatro artigos); Marie-Hélène Catherine Torres (com quatro artigos); Thaís Flores Nogueira Dinis (com três artigos); Álvaro Faleiros, Ofir Bergemann de Aguiar, José Lira, Xosé Manuel Dasilva e Andréia Guerini (com dois artigos cada um). Em relação à bibliografia nacional utilizada por esses autores, mais especificamente bibliografia periódica, vemos que os periódicos mais citados são: *Ilha do Desterro*, com 10 citações; *Cadernos de Tradução* e *Revista Estudos Linguísticos*, com quatro citações; *Revista Intercâmbio*, com três citações; *Encontro Nacional da ANPOLL* e *Trabalhos de Linguística Aplicada*, com duas citações. Os estudiosos de maior destaque, que são citados por esses autores, são: Walter C. Costa (citado seis vezes), José Roberto O'Shea (citado três vezes) e H. J. Vermeer (citado duas vezes).

Na *Cadernos de Literatura em Tradução*, os 140 textos coletados sobre tradução literária (de um total de 182 publicados ao longo de seus 10 volumes aqui trabalhados) apresentam um eixo temático mais ou menos centrado, que diz respeito à *tradução comentada* e à *prática de tradução*, rubricas que se encaixam na categorização geral dos artigos. Verificou-se que, dessa maneira, unindo essas duas categorias, 123 artigos dos 140 coletados se encaixam nelas. Ainda sob o viés da categorização geral, vê-se que se dedicam à *teoria da tradução* 12 artigos. Dentre os gêneros mais discutidos encontra-se a *poesia*, tema de 94 artigos; ainda em relação aos gêneros, vê-se que o *conto* é tema de 17 artigos; além disso, há nove artigos sobre *teatro*.

Em relação à categoria localidade/língua, a *literatura estrangeira* é unânime nos textos, sendo que 129 deles apresentam essa rubrica. As línguas trabalhadas nesta revista são, por ordem decrescente: inglês (57 artigos); francês (19 artigos); alemão (11 artigos); grego (10 artigos); latim (seis artigos); espanhol e italiano (cinco artigos cada uma); polonês (quatro artigos); holandês e russo (dois artigos); catalão, húngaro, turco e basco (um artigo cada uma).

No que se refere aos autores dos artigos dessa revista, os que mais publicaram nela são: John Milton (nove artigos publicados); Renata Cordeiro (oito artigos publicados); Afonso Teixeira Filho (seis artigos publicados); Alípio Correia de Franco Neto (quatro artigos publicados); João Ângelo de Oliva Neto e Virma Teixeira (três artigos publicados cada um). Em relação à bibliografia nacional utilizada por esses autores, mais especificamente os periódicos citados, não é possível depreender grandes números, devido ao caráter mais prático dos textos.

Já na *Tradução em Revista*, os 42 artigos coletados (de um total de 92 publicados ao longo de seus 10 volumes) seguem linha mais ou menos

determinada de publicação. Os eixos temáticos centrais em torno dos quais orbitam os artigos são: em relação à categorização geral, aquilo que versa sobre *história/recepção da tradução*, uma vez que, dentre os 42 trabalhos, 20 são dedicados a essa questão, e em relação à localidade/língua, a *literatura brasileira* ganha bastante destaque, tendo 15 artigos demarcados por essa rubrica, quase se igualando à rubrica da *literatura estrangeira*, que aparece em 19 artigos. Isso não ocorre em nenhuma outra revista, pois há clara predileção pela tradução de línguas estrangeiras que pela tradução de literatura brasileira em outras línguas. Dentre as línguas mais trabalhadas na *literatura estrangeira* na *Tradução em Revista*, é possível depreender o inglês (com 11 artigos), seguido do francês (com três artigos). Voltando à categorização geral, vê-se que a classificação dos artigos aponta para o destaque que a *teoria da tradução* tem nessa revista, uma vez que aparece como um dos temas centrais de 14 artigos. Em seguida, verifica-se que a *tradução comparada* é assunto em sete dos 42 artigos. No que diz respeito aos gêneros, vê-se que o *teatro* é tema de dois artigos; e o *romance*, tema de apenas um.

No que diz respeito aos autores dos artigos dessa revista, os que mais publicaram nela são: Maria Clara Castellões de Oliveira (quatro artigos publicados); Giovana Cordeiro Campos e Álvaro Faleiros (dois artigos publicados). Em relação à bibliografia nacional utilizada por esses autores, mais especificamente bibliografia periódica, vemos que os periódicos mais citados são: *Cadernos de Tradução* (citado nove vezes); *Cadernos de Literatura Brasileira* (citado quatro vezes); *Anais ABRALIC* e *TradTerm* (citados três vezes cada); *Revista Fragmentos* e *Tradução em Revista* (citados duas vezes cada). Os estudiosos de maior destaque citados por esses autores são: Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Henrique Britto (citados quatro vezes cada um); Maria Aparecida P. Martins (citada três vezes); Maria Paula Frota, Ivone Castilho Benedetti e Carlos Dagnlian (citados duas vezes cada um).

Por fim, em relação à *Scientia Traductionis*, os 62 textos coletados (de um total de 95 textos publicados ao longo dos nove volumes – com exceção, claro, do conteúdo disponibilização, a partir do volume 7, na seção *Trabalhos traduzidos*, que trata da apresentação de textos anteriormente publicados em outra língua e traduzidos para o português para serem publicados pela revista) têm temática mais ou menos direcionada para os trabalhos de análise de tradução, no que concerne à tradução comentada e à tradução comparada, no que concerne à categorização geral. No que se refere a essas duas categorias, há 43 artigos. Juntamente às categorias acima citadas, correlaciona-se outro eixo de tematização que diz respeito ao autor/tradutor da obra. Como a maioria dos textos selecionados diz respeito à tradução comparada e comentada, em geral esses textos estão vinculados ou a um autor só, como é o caso de Machado de Assis, de James Joyce (que tem o número 8 da revista dedicado somente a ele), de François Mauriac etc. Há também muita discussão acerca de determinados tradutores de uma ou várias obras, como é o caso dos comentários acerca de certos tradutores de Joyce. No total, essa categoria autor/tradutor da obra aparece 33 vezes. Ainda no que diz respeito às subcategorias da categorização geral, é possível notar grande ocorrência de *práticas da tradução*, com 10 ocorrências, e de publicações acerca de *Teoria da tradução* (rubrica que aparece 17 vezes). Quando voltamos os olhos no que diz respeito aos gêneros tratados pela revista, o que tem mais destaque são os gêneros *romance* e *poesia*. Já no que se refere à língua/localidade do que é estudado, a *literatura estrangeira* tem mais destaque que a *literatura brasileira*, sendo que as línguas mais trabalhadas são o inglês (com 18 ocorrências) e o espanhol (com seis ocorrências), seguidas pelo alemão e francês (com quatro ocorrências cada uma).

A respeito dos autores que publicaram nessa revista, vê-se que os que têm mais participação são: Eleonora Frenkel Barretto, com três artigos publicados em 9 volumes, e Pablo Cardellino Sotto, também com três

publicações que versam sobre a tradução de obras brasileiras para o espanhol, seguidos por Adriana Maximino, Alice Leal, Davi Pessoa Carneiro, Gabriela de França Nanni, Nana Izabel Pontes Coutinho e Wanessa Gonçalves Silva, todos com dois artigos cada. Já em relação à bibliografia brasileira citada pelos autores dos textos selecionados, o nome mais citado é de Paulo Henriques Britto, fator que coincide com a bibliografia de outras revistas.

Essa classificação minuciosa e um pouco exaustiva foi essencial para que se pudesse fazer um panorama quantitativo e histórico acerca dos principais assuntos trabalhados nos estudos da tradução literária no Brasil nas últimas três décadas. Com esse levantamento, é possível verificar também a intensidade com que as publicações aumentaram ao longo do período aqui abordado e se tais estudos serviram de base para o desenvolvimento de outros estudos da área ou se ainda há muito eco das literaturas específicas estrangeiras.

5 As formas da literatura nos estudos da tradução: visão diacrônica

5.1 1980

A década de 1980 corresponde ao período embrionário da publicação periódica e especializada dos estudos da tradução no Brasil, com o surgimento da revista *Tradução & Comunicação*. Do período entre 1981 a 1986 (período de duração da primeira fase da revista), foram selecionados 31 artigos relacionados diretamente à tradução literária.

Nesses artigos, as rubricas mais evidentes são a do gênero *poesia* (que aparece 14 vezes) e a da categorização geral: *teoria da tradução* (11 vezes),

teoria esta que diz respeito principalmente à (in)traduzibilidade do gênero poético. Tais categorias, quando lado a lado, evidenciam um dos focos centrais das discussões e preocupações da época, que diz respeito às dificuldades da tradução poética, uma das esferas do ato tradutório considerada mais desafiadora. Ainda na rubrica categorização geral: *teoria da tradução*, encontra-se discussão acerca da (re)criação na tradução, outro ponto teórico também ligado à tradução de poesia – mas não somente a ela.

Outra categoria muito recorrente é a *prática de tradução* – também incluída na categorização geral –, em especial no que se refere à exposição das dificuldades do ato tradutório de algum texto específico, demonstrando, dessa maneira, a preocupação em compartilhar com os interessados as experiências empíricas dos tradutores numa fase ainda embrionária dos estudos da tradução no Brasil, a fim de que servissem de base para a reflexão e a discussão de uma metodologia de tradução e também para soluções mais apropriadas para determinados casos problemáticos.

As preocupações acerca da (in)traduzibilidade da poesia, da tradução como (re)criação do texto original e da práxis da tradução figuravam também no contexto internacional na época. Tendo em vista a observação da bibliografia utilizada pelos autores dos artigos selecionados na década de 1980, é possível afirmar que os artigos baseavam-se essencialmente em estudos europeus, uma vez que quase nenhum trabalho brasileiro sobre tradução é citado nos artigos. Com efeito, ao longo desses 5 anos de publicação da revista *Tradução & Comunicação*, nos artigos selecionados, só foram encontradas referências a publicações nacionais em dois artigos; a saber, dois artigos publicados na própria revista *Tradução & Comunicação* e um publicado no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. A parca presença de referências nacionais corrobora as reflexões de Maria Paula

Frota, pois, como explicita a autora, atividades concernentes aos estudos da tradução no Brasil ainda eram insipientes na época, vindo a se consolidar somente em meados da década de 1990¹⁹.

5.2 1990

A partir de meados da década de 1990 é que os estudos da tradução começam a se consolidar, o que reflete no aumento considerável do número de publicações.

Nas três revistas que tiveram seus lançamentos na década de 1990 e que representam as publicações periódicas especializadas em tradução da época (*TradTerm* [1994], *Cadernos de Tradução* [1996], *Cadernos de Literatura em Tradução* [1997]), foram selecionados 80 artigos. Vê-se assim que, se compararmos a década de 1980 com a década de 1990, o que se verifica é que, num mesmo período de tempo (aproximadamente seis anos), a publicação no Brasil de artigos que versam especificamente a respeito dos estudos da tradução literária mais que dobrou, uma vez que na década de 1980 foram coletados 31 artigos e na década de 1990 esse número subiu para 80 artigos.

Desses 80 artigos, 42 foram publicados nos *Cadernos de Literatura em Tradução*. A partir da análise das rubricas mais ocorrentes na classificação dos textos selecionados dessa revista, no período aqui analisado, foi possível perceber que ela manteve desde o início um foco nas questões de prática de tradução e tradução comentada, em especial no que diz respeito ao gênero poesia. Há intensa publicação de propostas de tradução,

¹⁹ FROTA, Maria Paula. “Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil”, p. 138.

expostas parcial ou integralmente nos textos, além da constante preocupação em expor as dificuldades concernentes à prática da tradução poética. Quando atentamos às questões de localidade/língua, é possível verificar também que há uma maior importação de literatura estrangeira do que exportação da literatura brasileira, pois a grande maioria das traduções e análises expostas nessa revista tratam da tradução de obras estrangeiras para o português, sendo o inglês a língua de maior destaque.

Ainda desses 80 artigos coletados na década de 1990, 27 fazem parte da revista *Cadernos de Tradução*. A partir da classificação acima exposta, é possível verificar que os *Cadernos de Tradução* não têm uma linha única de interesse, uma vez que, nos 27 artigos selecionados, as discussões cobrem várias áreas dos estudos da tradução literária. Porém, é possível verificar a evidente preocupação com a discussão de teorias e conceitos (no que diz respeito à representação cultural nos textos literários, os papéis desempenhados pelo tradutor) ou com a tradução comparada de diversas traduções de um mesmo texto ou entre texto-fonte e texto-meta.

Para completar o número de artigos publicados na década de 1990, cabe falar dos 11 artigos da revista *TradTerm*, no período de 1994-1999. Apesar de se tratar da revista mais antiga da década de 1990, é a que apresenta menor número de artigos dedicados à literatura. Isso se dá pelo fato de parte da revista se dirigir ao seu segundo eixo temático: a *terminologia*. Nessa revista, de conteúdo mais variado, há alguns artigos classificados como história/recepção da tradução e que versam sobre a recepção de obras brasileiras no exterior, sendo que, muitas vezes, a rubrica *tradução comentada* aparece também na classificação, uma vez que nos artigos também são analisadas traduções de autores brasileiros para outras línguas. Outra preocupação aparente é a da *tradução comparada* de textos-fonte e textos-meta, com o fim de discutir conceitos teóricos inerentes à práxis tradutória.

Desse modo, parece que o decênio de 1990 tinha os olhos voltados para questões mais teóricas, num visível intuito de compreender por meio de um exercício intelectual as práticas concernentes à tradução.

Percebe-se também, a partir da análise da bibliografia utilizada pelos autores dos artigos coletados, que na década de 1990 já há preocupação maior por parte dos estudiosos em assimilar aquilo que é produzido no país como aparato teórico. É possível verificar que tais artigos apresentam algumas fontes importantes no cenário dos estudos da tradução no Brasil. Há sempre citação da revista *Ilha do Desterro* que, apesar de não ser especializada em tradução, conta com alguns números temáticos dedicados ao assunto; há também a citação dos próprios *Cadernos de Tradução*, *Cadernos de Literatura em Tradução* e *TradTerm*. Vê-se também aproveitamento do que é publicado nos anais de congressos como, por exemplo, o da ABRALIC e da SENAPULI. Dentre os autores citados, alguns se destacam, como Walter C. Costa, José Roberto O'Shea, Francis Henrik Aubert e John Milton.

Dessa maneira, percebe-se que à medida que aumentaram as publicações e discussões sobre os estudos da tradução literária no Brasil, a credibilidade desses estudos também aumentou e eles passaram a ser incorporados à literatura específica, até então quase exclusivamente estrangeira. É nesse momento que vemos surgir algumas teorias que servem até hoje de base para a legitimação dos estudos mais especializados da tradução, movimento que se verifica a partir dos anos 2000.

5.3 2000

Para coroar esse *boom* dos estudos da tradução no Brasil, no período de 2000, três outras revistas somaram-se às já existentes. Como já apontado

anteriormente, em 2001 foi relançada a revista *Tradução & Comunicação*; em 2004, há o lançamento da *Tradução em Revista*, seguida, finalmente, em 2005, a revista *Scientia Traductionis*. Tendo agora como perspectiva a produção dos seis periódicos especializados em tradução, atuantes até hoje, nota-se uma produção que se torna praticamente inapreensível por parte do estudioso da tradução que busca se manter informado a respeito daquilo que é produzido em sua área. Daí resulta a extrema importância dos levantamentos de artigos e de sua classificação, por ser uma maneira de organizar e entender historicamente aquilo que foi estudado até então para que seja possível dar continuidade à criação de conhecimento na área.

Para o período que vai de 2001 a 2010, foram coletados, nas seis revistas, 340 artigos. Da revista *TradTerm* foram selecionados 27 artigos que seguem a linha versátil da revista, já delineada nas publicações da década de 1990. Dentre tais artigos apresentam-se os mais variados assuntos, sendo a *tradução comparada e teoria da tradução* (no que diz respeito aos aspectos culturais presentes nos textos de origem) algumas das rubricas mais recorrentes da categorização geral. Já nos 32 artigos da relançada *Tradução & Comunicação*, há uma preocupação maior em discutir a produção, no Brasil, de possíveis teorias sobre tradução, havendo grande número de artigos sob a rubrica autor da obra/tradutor da obra e que tratam sobretudo dos preceitos dos irmãos Campos. Verifica-se ainda, a partir da análise da classificação dos artigos, a preocupação em expor discussões sobre *literatura brasileira* traduzida e sua recepção em outros países. No último número analisado da revista (do ano de 2009), nota-se um maior interesse em analisar questões dedicadas ao ensino da tradução, ora tratando sobre o papel de textos traduzidos em ensino de língua, ora tratando sobre métodos de ensino da disciplina, fator este que aponta também para a preocupação na formação

de tradutores que já estejam preparados por todo o aparato teórico que se consolidou ao longo das duas décadas anteriores.

Dos *Cadernos de Tradução* foram retirados 68 artigos. Essa revista parece ser a que mais se preocupa com a discussão das teorias que cercam a atividade tradutória. Apresenta, em seus artigos, discussões teóricas de todos os tipos, permeando de maneira muito completa todas as categorias apresentadas acima. Discute-se, de maneira bastante enfática, o papel do tradutor, a delimitação de determinados requisitos necessários para o desenvolvimento da análise crítica da tradução que seja desapegada a um juízo de valor pessoal, a (in)traduzibilidade e, inclusive, questões de tradução intersemiótica, não desenvolvidas nas outras revistas em questão.

Já os *Cadernos de Literatura em Tradução*, dos quais foram selecionados 108 artigos, continuam a seguir a linha apresentada desde seu lançamento, buscando discutir questões mais voltadas à prática de tradução (no sentido de sua prática específica²⁰), às experiências do tradutor, abrangendo outros gêneros literários que não basicamente o da poesia, como vimos ser tendência nos artigos da década de 1990.

Em seguida foram coletados 43 artigos da *Tradução em Revista*, a primeira fundada na década aqui tratada. No que diz respeito aos estudos da tradução literária, tal revista parece seguir uma linha bem delimitada de interesse. Praticamente 90% dos artigos nela publicados e aqui selecionados parecem se articular em torno das rubricas *literatura brasileira* e *história/recepção da tradução* e em torno daquilo a que estão vinculados esses dois assuntos. Na categoria *Literatura Brasileira*, muitas vezes aliada à *história/*

²⁰ Tradução como prática específica é entendida aqui como tudo aquilo que versa sobre a tradução de um texto em particular e seus comentários, sejam eles a respeito das dificuldades encontradas pelo autor, escolhas lexicais e gramaticais etc.

recepção da tradução, podemos encontrar, entre outros assuntos: recepção da literatura brasileira no exterior; escolhas editoriais; criação de cânones da literatura brasileira no exterior; comparação de diversas traduções de um mesmo texto; reflexos de autores estrangeiros na literatura brasileira etc. Já na categoria *História da Tradução* há artigos de versam sobre a delimitação da história da tradução ou que, por meio de um recorte temporal explícito, articulam sobre determinado autor ou obra traduzida. Essa revista parece demonstrar de maneira sintomática o último estágio de consolidação desse campo de estudos, que é a tentativa de se construir uma história da tradução no Brasil, após sua inserção nos meios acadêmicos (década de 1980) e seu enraizamento por meio das discussões de viés teórico (1990).

Para finalizar as publicações dos anos 2000, cabe tratar da última revista publicada neste período. Da *Scientia Translationis* foram selecionados 62 artigos, dos 95 que compõem seus nove volumes. É interessante notar que a revista tem como foco a publicação de trabalhos de pós-graduandos vinculados à instituição que a elabora, a UFSC. Por conta disso, essa revista ocupa lugar diferente das outras até então apresentadas, pois foca suas publicações naquilo que a própria universidade desenvolve em suas pesquisas acerca da tradução. Isso serve não só para legitimar mais uma vez o papel da universidade nos estudos da tradução como também para afirmar a posição de destaque ocupada pela universidade no que diz respeito ao desenvolvimento desses estudos. Um dos focos centrais apresentados na revista é a publicação de estudos de tradução comentada e tradução comparada, nos quais, em geral, há um autor ou tradutor vinculado. Essa junção entre duas categorias (categorização geral e autor/tradutor da obra) se faz, de certa maneira, pelas limitações impostas no desenvolvimento das pesquisas de pós-graduação. Em geral o aluno é conduzido pelo orientador e pela instituição acadêmica a adotar uma temática de estudos bem delimitada, para

que possa cumprir em tempo as metas estipuladas; isso faz com que o aluno em geral escolha um autor, uma obra ou um tradutor específicos e trabalhe os diversos aspectos que circulam em torno de seu recorte temático.

6 Considerações finais

Ao analisar os artigos ao longo das três décadas, destaca-se, primeiramente, um aumento considerável das publicações a partir dos anos 2000. O campo da tradução está hoje consolidado, o que se pode notar pela existência de várias revistas especializadas, regularmente publicadas²¹.

As publicações passaram também a incluir regularmente referências a autores e trabalhos publicados no país. Dentre os teóricos brasileiros, alguns nomes se destacam, como, por exemplo, o nome de Francis Henrik Aubert, vinculado ao CITRAT e à Universidade de São Paulo e que aparece um sem-número de vezes tanto produzindo artigos que versam sobre aspectos teóricos da tradução ou sobre a tradução do/para o norueguês, sendo também muito citado por outros autores; o nome de John Milton, também vinculado a essas duas instituições e que contribuiu de maneira notória para a divulgação das teorias sobre tradução, em especial no que diz respeito à tradução do/para o inglês; o nome de Walter C. Costa no que concerne à tradução literária; o nome de Mauri Furlan nos estudos da história da tradução; o de Ofir Bergemann de Aguiar e de Adriana Zavaglia nos estudos de literatura brasileira traduzida; os nomes de Paulo Henriques

²¹ Além das revistas analisadas, é prova do vigor da área o surgimento, em 2011, da Revista *Translatio* da UFRGS, mais uma dedicada à tradução. A Universidade de Brasília, que, em 2011, iniciou sua pós-graduação em estudos da tradução também prepara a publicação de uma revista especializada.

Britto, Álvaro Faleiros e Ivone Castilho Benedetti nas publicações acerca da tradução poética, sempre destacando elementos metodológicos e teóricos da tradução; o de Marie-Hélène Catherine Torres no que diz respeito às relações França–Brasil e o mercado editorial francês. Além deles recebem destaque pelo número de publicações e/ou citações encontradas nos artigos: Diva Cardoso de Camargo, Noé Silva, Marion Fleischer, José Paulo Paes, Rosemary Arrojo, Maria Paula Frota, entre outros.

Além disso, outro delineamento permitido por esse estudo diz respeito à fortuna crítica diluída em periódicos e anais não especializados em tradução. A partir da bibliografia citada pelos autores nos artigos, foi possível verificar que outras revistas também têm papel crucial no desenvolvimento dos estudos da tradução no Brasil e que precisam passar pela mesma seleção. Dentre os periódicos, destacam-se *Ilha do Desterro*, *Alea*, *Tempo Brasileiro*, *Trabalhos de Linguística Aplicada*, *Palimpsesto*, *Revista da ABRALIC*, *Revista da ANPOLL*, *Itinerários*, entre outras.

O estudo por décadas é um instrumento para se compreender o processo de surgimento, enraizamento, consolidação e mapeamento dos estudos da tradução no Brasil. Pode-se dizer, dessa maneira, que a década de 1980 corresponderia à fase embrionária da tradução no Brasil, na qual havia maior preocupação com a compreensão da prática tradutória e da possibilidade ou não de traduzir textos tão demarcados estrutural e culturalmente. Já na década de 1990, que corresponderia ao enraizamento dos estudos no Brasil, buscou-se consolidar teoricamente vários aspectos até então observados na prática tradutória, além da desconstrução de diversos mitos, como, por exemplo, o da (in)traduzibilidade de poesia, tão em voga na década de 1980. Os anos 2000, que de certa maneira se estendem até hoje, abrem caminho para a compreensão daquilo que até então foi produzido, surgindo, dessa maneira, a preocupação em delinear uma

história desse percurso. Este estudo corresponde, portanto, a esse momento de maturidade em que já se fazem necessários balanços e mapeamentos um pouco mais precisos do caminho traçado pelos estudos da tradução literária no Brasil e de todos os seus incontáveis frutos.

Referências

CADERNOS DE LITERATURA EM TRADUÇÃO, São Paulo: Humanitas, n^{os}. 1-10, 1997-2009.

CADERNOS DE TRADUÇÃO, Florianópolis: UFSC, n^{os}. 1-26, 1996-2010.

FROTA, Maria Paula. “Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil”. In: *Cadernos de Tradução XIX: Dossiê 10 anos Cadernos de Tradução*. NUT: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, p. 135-169.

MILTON, John. “As traduções do *Clube do Livro*. In: *TradTerm*. n. 3, São Paulo: CITRAT, 1996, p. 47-65.

PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SCIENTIA TRADUCTIONIS, Florianópolis: UFSC, n^{os} 1-9. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/index>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

TRADTERM, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia FFLCH-USP, São Paulo: CITRAT, n^{os}. 1-15, 1994-2009.

TRADUÇÃO EM REVISTA, Uma publicação da área de Estudos da Tradução, Rio de Janeiro: PUC-Rio, n^{os}. 1-10, 2004-2010.

TRADUÇÃO&COMUNICAÇÃO, Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo: Centro Universitário Anhanguera de São Paulo, n^{os}. 1-21, 1981-2010.

A avaliação da tradução de poesia: uma pesquisa em andamento

Paulo Henriques Britto

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

O que me levou a desenvolver minha atual pesquisa foi a constatação de que no Brasil traduzia-se poesia cada vez mais, com resultados muitas vezes de qualidade elevada, porém eram escassas as avaliações e análises técnicas desse abundante material. As resenhas de livros de poesia em tradução publicadas nos cadernos culturais com frequência limitavam-se a afirmações vagas a respeito de ter ou não o tradutor “captado o espírito” do original, e nas raras vezes em que se arriscavam afirmações um pouco mais detalhadas a respeito da qualidade da tradução, quase sempre se levava em conta apenas o nível do significado; as questões de sonoridade e de versificação só eram mencionadas muito raramente. Eram pouquíssimos os exemplos de análise detalhada de tradução poética; desses estudos, o que mais me serviu de inspiração e modelo foi um artigo em que Haroldo de Campos discutia algumas traduções brasileiras do *Fausto* em “Transluciferação

mefistofáustica” (CAMPOS, 1981). Mas devo mencionar dois outros fatores importantes que me incentivaram, ainda que de modo indireto.

No campo dos estudos da tradução, a partir dos anos setenta duas tendências teóricas ganharam importância. Com os chamados estudos descritivos, desenvolvidos por estudiosos como Gideon Toury com base na teoria dos polissistemas de Even-Zohar, pela primeira vez passou-se a estudar o texto traduzido em si, e não apenas em contraposição ao original. Até então, praticamente todas as abordagens se concentravam nas relações entre tradução e original, enfocando a questão da fidelidade. O surgimento dessa nova tendência representou um avanço importante; afinal, o texto traduzido é ele próprio um texto, e, como Even-Zohar (1997) foi o primeiro a apontar, em determinadas circunstâncias as traduções desempenham um papel central da história das literaturas nacionais. Mas essa ênfase no estudo do texto traduzido em si teve em mim o efeito de despertar o interesse por realizar um trabalho complementar: estudar a tradução em função do original, sim, só que devidamente atento para os perigos de uma abordagem normativa. Afinal, tinham certa razão os adeptos dos estudos descritivos ao criticar o normativismo; de fato, a maior parte das avaliações de traduções era feita de modo impressionista, intuitivo. Não seria ilógico se alguns concluíssem que preferir a tradução A à tradução B de um dado texto era algo tão arbitrário quanto preferir vinho branco ao tinto.

E foi mais ou menos isso o que acabou por acontecer. Nessa mesma época, tornaram-se influentes no Brasil as abordagens do fenômeno tradutório fundamentadas na desconstrução. Os autores que seguiam essa tendência deixavam claro que, a seu ver, a própria distinção entre original e tradução era um preconceito “logocêntrico” que teria de ser deixado de lado para que se fizesse justiça à figura do tradutor, no final das contas um

escritor como outro qualquer. Preferir uma tradução a outra era, para eles, uma escolha determinada pelo gosto pessoal, filiações teóricas e outros fatores, nenhum dos quais teria qualquer relação com propriedades intrínsecas de uma dada tradução – pois nenhum texto, original ou traduzido, possuía quaisquer propriedades intrínsecas, e assim não tinha um significado a que se pudesse ser fiel. Um artigo, em particular, me forneceu um forte estímulo: ao discutir uma polêmica entre Paulo Vizioli e Nelson Ascher, Rosemary Arrojo (1993) defendia a posição de que as duas traduções de um poema de John Donne que estavam em discussão eram igualmente “legítimas e competentes”, já que cada uma seria “fiel à visão que o tradutor tem” do poema em questão. Não sendo possível fazer nenhuma afirmação sobre o poema em si, não haveria como comparar os méritos relativos de uma e outra tradução do mesmo poema, pois em última análise cada tradutor só poderia ser fiel a sua própria leitura; e se prefiro a tradução A à B, isso significaria apenas que minha visão do poema em questão, ou da concepção de tradução poética, seria mais próxima à do tradutor responsável pela versão A do que à do tradutor que assinava a versão B.

Dentro desse clima teórico, pois, propor uma metodologia para estudar traduções de poesia com o intuito de fazer avaliações comparativas, fundadas em propriedades semânticas, sintáticas, fonológicas e métricas dos originais e das traduções, parecia um empreendimento quixotesco. No entanto, jamais me deixei convencer pelos argumentos contrários à possibilidade de se fazer uma avaliação da qualidade de traduções com bases minimamente objetivas. Não seria oportuno analisar aqui essa questão mais a fundo, pois já o fiz em outros textos (v., em particular, BRITTO, 2007). Só queria ressaltar alguns pontos importantes. O primeiro deles foi a consideração de que é impossível *não* avaliar. Todos nós avaliamos tudo o tempo

todo, mesmo aqueles que negam categoricamente a possibilidade de fazer avaliações que não sejam de todo arbitrárias. Mesmo o teórico de tradução que escreve um artigo argumentando que a ideia de fidelidade tradutória é um mero preconceito insustentável faz questão de entregar o seu texto para um tradutor que considera um bom profissional. E o que vai determinar sua avaliação de um tradutor como um bom ou mau profissional é, sem dúvida, entre outras coisas, sua capacidade de produzir textos traduzidos que possam ser considerados fiéis aos originais. Sendo, pois, inevitável avaliar, por que não tentar fazer avaliações que pudessem ser defendidas com argumentos lógicos? O segundo ponto era a ideia de que a impossibilidade de fazer avaliações *perfeitamente* objetivas não me parecia um obstáculo à tarefa de estabelecer critérios *relativamente* objetivos para a avaliação. Nenhuma atividade humana trabalha com uma expectativa de perfeição absoluta; não me parecia razoável exigir tal coisa da atividade de traduzir, nem da de avaliar traduções.

Como o que me interessava era a tradução de poesia, o primeiro passo teria de ser a criação de uma notação relativamente simples e padronizada que pudesse ser utilizada na análise de poemas em diferentes idiomas – em particular, nos dois idiomas com que trabalho, o português e o inglês. Se para o nível da fonologia eu dispunha do alfabeto fonético internacional, no que dizia respeito às questões de versificação não havia nada de semelhante. Meus estudos de versificação portuguesa e inglesa me levaram a constatar que não havia dois autores que utilizassem os mesmos conceitos, quanto mais os mesmos símbolos. Por exemplo, quanto à acentuação, alguns prosodistas ingleses trabalhavam com uma única oposição entre sílabas acentuadas e sílabas átonas, e no extremo oposto outros estudiosos estabeleciam nada menos do que quatro níveis de acentuação. Após alguns estudos, concluí que na análise de poemas em inglês e português bastariam

três níveis de acentuação – sílaba átona, sílaba com acento primário e sílaba com acento secundário – para dar conta dos fenômenos prosódicos dos dois idiomas. Assim, adotei uma notação unificada, que me permitisse realizar comparações entre originais e traduções utilizando o mesmo repertório limitado de símbolos.

Desde o início de minha pesquisa, chamou-me a atenção a disparidade entre os recursos bibliográficos nas minhas duas línguas de trabalho. Com relação ao inglês, eu vivia o problema do *embarras de richesses*: o número de obras dedicadas à versificação inglesa era tão grande que me obrigava a recorrer a obras que avaliavam a importância relativa dos estudos existentes, já que não estava dentro das minhas possibilidades ler todos os textos a que eu tinha acesso. No caso do português, o problema com que me deparava era exatamente o contrário: em pouco tempo li a maior parte do que havia de mais relevante sobre o tema, pois na verdade apenas umas poucas obras eram realmente fundamentais. Quanto ao meu tema de estudo específico – a tradução de poesia –, a bibliografia existente era relativamente pequena, mas continha textos de grande interesse. Entre eles, era possível fazer uma classificação grosseira, porém boa como ponto de partida. Segundo essa classificação, os autores que abordavam a questão da tradução de poesia eram de três tipos: os que descartavam em princípio a possibilidade de traduzir poesia *como poesia*; os que em tese acreditavam nessa possibilidade, mas que raramente se contentavam com as traduções realmente existentes; e os que de fato admitiam que em alguns casos era possível obter sucesso nesse campo. Nos três grupos, até mesmo entre aqueles que negavam de saída a possibilidade de se traduzir poesia, havia autores que apresentavam argumentos que mereciam ser levados a sério. Aqui, mais uma vez, encontrei ocasionalmente o mesmo tipo de argumentação que já havia identificado entre os seguidores da desconstrução: uma

atitude do tipo tudo-ou-nada, uma incapacidade de aceitar o imperfeito. Para tais autores, bastava constatar que um determinado detalhe do original não fora recriado na tradução para concluir que todo o empreendimento havia fracassado.

Logo de início, tentei demarcar meu campo de estudo e estabelecer alguns princípios. Num dos meus primeiros trabalhos sobre tradução de poesia (Britto, 2002), tomei a decisão de evitar o termo “equivalência”, que parece implicar um nível de fidelidade inatingível, e adotar em seu lugar “correspondência”, um conceito mais modesto e realista.¹ Nesse texto, estabeleci diferentes graus de exatidão para a expressão “A corresponde a B”, onde A é um elemento qualquer – léxico, semântico, fonológico, métrico, etc. – numa tradução poética, e B é o elemento que se tenta reproduzir na língua-meta. Essa correspondência pode ser entendida dentro de uma gama que vai desde a equivalência propriamente dita – raramente verificável na prática – até uma acepção bem frouxa, em que, por exemplo, se pode dizer que um termo genérico como “árvore” corresponde ao nome de uma espécie de árvore na língua-fonte, ou em que uma sequência de versos mais ou menos longos, variando, digamos, entre nove e 12 sílabas, é tomada como correspondente a uma sequência de pentâmetros jâmbicos ingleses bem regulares. Tomei por pressuposto que, embora com relação a uma determinada característica de um poema seja ocasionalmente possível encontrar

¹ Vale a pena observar também que parei de falar em rimas “consoantes” ou “perfeitas”, passando a usar, em lugar dessas palavras, os termos “rimas completas”, e também a expressão “rimas incompletas” para designar o caso oposto, englobando as chamadas “rimas toantes” e demais casos em que a rima não se dá entre todos os elementos a partir da última vogal tônica do verso. O termo “rima consoante” sempre me pareceu infeliz por sugerir que o que estaria em jogo seriam consoantes e não vogais; quanto a “rima perfeita”, levei em conta a observação perspicaz do prof. Walter Carlos Costa, da UFSC: a expressão parece ter um sentido valorativo e não, como me interessava, puramente descritivo.

uma equivalência *stricto sensu*, pelo menos em se tratando de duas línguas tão diferentes quanto o inglês e o português seria de todo improvável que um tradutor pudesse encontrar correspondências tão próximas em todos os níveis do poema. Assim, toda avaliação de poema deve levar em conta que a perda é inevitável; o máximo que um bom tradutor pode conseguir é obter graus razoáveis de correspondência com relação aos aspectos mais importantes de um dado poema.

Boa parte da perícia do tradutor, portanto, está em saber atribuir pesos relativos às diversas características do poema, evitando perdas muito grandes naquelas que são cruciais. Em alguns casos, é relativamente fácil identificar algumas dessas características cruciais. Na tradução de um soneto, por exemplo, não é preciso muita perspicácia para concluir que é fundamental conservar o esquema estrófico e rímico. Mas pode haver elementos não menos importantes que não sejam tão conspícuos – uma trama insistente de aliterações, rimas internas, uma alusão discreta a um poema não tão conhecido, um duplo sentido crucial numa dada palavra. Aqui, a postura do leitor-tradutor assemelha-se a de um detetive dos contos policiais de Edgar Allan Poe ou Conan Doyle: é preciso estar atento para o menor detalhe, consultar o dicionário diante de cada palavra suspeita, ler o texto em voz alta várias vezes à procura de ecos, repetições, contrastes sonoros.

Desde cedo descartei a ideia de que seria possível fixar *a priori* uma hierarquia de valores, segundo a qual há que privilegiar em todos os casos um determinado nível do texto. Para muitos leitores, tradutores e críticos, a fidelidade ao nível semântico deve sempre prevalecer; já outros defendem a primazia da forma, inspirados pela célebre frase de Benjamin:

o que resta de significativo para o sentido na relação entre tradução e original pode ser apreendido num símile: da mesma forma com que

a tangente toca a circunferência de maneira fugidia e em um ponto apenas, sendo esse contato, e não o ponto, que determina a lei segundo a qual ela continua sua via reta para o infinito, a tradução toca fugazmente e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido do original, para perseguir, segundo a lei da fidelidade, sua própria via no interior da liberdade do movimento da língua (BENJAMIN, 2001, p. 211).

A meu ver, não é possível adotar uma posição estanque em relação a essa questão. Há poemas em que o nível semântico claramente predomina, em que o poeta utiliza a linguagem poética para discutir uma determinada questão, ou expor uma opinião específica. Em outros, porém, os efeitos sonoros, rítmicos ou musicais são sem dúvida mais importantes, e a relação entre o significado do original e da tradução pode de fato ser encarado como um “ponto infinitamente pequeno”. Assim, a determinação de quais elementos devem ser tomados como centrais há de ser feita caso a caso; em alguns poemas as considerações sintáticas, por exemplo, podem ser das mais importantes (pensemos no verso livre de Whitman), enquanto em outros o esquema de rimas é crucial (um bom exemplo aqui seriam as rimas humorísticas de Byron). E também é possível que por vezes – é o que talvez ocorra em muitos dos poemas considerados os mais bem realizados de um idioma – seja necessário atribuir o grau máximo de relevância a mais de um nível ao mesmo tempo, o que tornaria tais poemas particularmente difíceis de traduzir, ainda que não necessariamente “intraduzíveis” (lembrem-se as passagens do *Paraíso* de Dante em que têm igual peso a discussão teológica, a estrutura da terça-rima e a intrincada tessitura de assonâncias internas).

Outro problema que desde o início me pareceu crucial é a distinção entre “correspondência formal” e “correspondência funcional”. Numa resenha que publiquei quando meu projeto de pesquisa ainda estava em estado

bem incipiente (Britto, 2000), observei que em alguns casos a correspondência formal entre determinadas estruturas poderia ser menos importante do que o *significado* atribuído a determinadas formas. Assim, se a forma tradicionalmente tida por “nobre” na poesia francesa era o alexandrino, e a forma “nobre” por excelência do inglês era o *blank verse* – o pentâmetro jâmbico não rimado – talvez o melhor equivalente para os alexandrinos rimados de um Racine fossem os pentâmetros jâmbicos (versos de dez sílabas) não rimados do inglês, muito embora do ponto de vista estritamente formal – isto é, da contagem de sílabas – o equivalente mais próximo do alexandrino em língua inglesa fosse o hexâmetro jâmbico, metro muito pouco usado no idioma. Do mesmo modo, a forma “humilde” do “metro comum” em inglês – quadras em que se alternam verso de quatro e de três pés, rimando apenas os versos de número par, de três pés – talvez tivesse como correspondente mais próximo em português não uma inusitada quadra com versos ímpares de oito sílabas e pares de seis, e sim a tradicional redondilha maior, que tal como o “metro comum” é característica da poesia popular. Mas contra a ideia de correspondência funcional algumas objeções foram levantadas. Gostaria de destacar duas delas.²

A primeira é o argumento segundo o qual a utilização de uma correspondência funcional é uma estratégia de domesticação. Ora, vivemos uma época em que se valoriza a estrangeirização, vista como uma manifestação de respeito à alteridade, e em que se encara a domesticação como uma forma de narcisismo cultural, se não de colonialismo. De fato, a correspondência funcional é uma tática que visa justamente atrair para o texto traduzido algumas conotações culturais da forma do texto original. Ainda que o metro comum inglês e a redondilha maior portuguesa sejam ambas

² Em relação a essa questão, um texto importante é Lira (2000).

formas humildes, nem todas as conotações culturais das duas coincidem: enquanto o metro comum de Emily Dickinson está diretamente associado ao hinário das igrejas protestantes, a redondilha maior não tem maiores conotações religiosas; verter Dickinson em redondilha é sem dúvida, de certo modo, domesticá-la, aproximá-la de um universo ibérico muito diferente da Nova Inglaterra; traduzi-la em estrofes de versos desiguais seria, por esse ângulo, um modo de respeitar sua diferença. A segunda objeção é a de que recorrer à correspondência funcional não contribui para a renovação das formas poéticas do idioma-meta. Pois muitas das formas poéticas utilizadas numa língua foram importadas de outras; assim, no caso do português, o soneto veio do italiano; o haicai, do japonês; o gazal, do persa; o verso alexandrino, do francês; e assim por diante. O tradutor que opta por reproduzir no português a forma em que foi escrito o poema original, no caso em que essa forma não existe na nossa língua, enriquece o repertório formal da poesia lusófona.

Os dois argumentos me parecem relevantes, mas a meu ver eles não invalidam de todo a ideia de funcionalidade. A postura mais razoável, a meu ver, é mais uma vez não adotar uma única posição dogmaticamente, porém proceder de modo cuidadoso, examinando cada caso. Nem todas as formas estrangeiras hão de se adaptar a um dado idioma; o tradutor pode – e talvez deva – experimentar, mas é sem dúvida importante que ele tenha discernimento suficiente para distinguir uma experiência bem-sucedida de um fracasso. Rejeitar a experimentação de saída é conservadorismo; mas pressupor que todo e qualquer experimento leva a soluções aceitáveis é, no mínimo, ingenuidade.

De modo geral, as análises que passei a realizar tiveram o efeito de reafirmar minha impressão intuitiva inicial: dadas duas traduções, uma

das quais me parecia melhor que a outra, a análise tinha o efeito básico de demonstrar de modo claro por que motivo a tradução melhor era de fato melhor. Porém, ao menos uma descoberta foi francamente contraintuitiva. Refiro-me à velha questão dos méritos relativos do decassílabo e do dodecassílabo na tradução do pentâmetro jâmbico inglês. Sempre me pareceu óbvio que a opção pelo dodecassílabo permitiria uma melhor fidelidade semântica ao original, ao preço de uma perda no plano da correspondência formal; já a escolha do decassílabo garantiria uma maior fidelidade à forma, mas implicaria perdas maiores no plano semântico. Querendo ao mesmo tempo testar essa hipótese e questionar a já mencionada tese de Rosemary Arrojo (1993), que implicava a impossibilidade de se fazer juízos de valor minimamente objetivos na avaliação de traduções, resolvi realizar um estudo contrastivo (Britto, 2006) das duas traduções do poema de Donne – a célebre elegia “Going to bed”, em pentâmetros jâmbicos – que haviam suscitado a polêmica discutida por Arrojo em seu texto. Uma das traduções, a de Augusto de Campos (defendida por Nelson Ascher), era em versos de dez sílabas, e a outra, de Paulo Vizioli, em dodecassílabos. Minha análise me levou a concluir que era perfeitamente possível demonstrar com argumentos lógicos que uma versão era melhor que a outra, em mais de um sentido. Assim, por exemplo, verifiquei que os dois tradutores por vezes faziam acréscimos de palavras e expressões que a rigor não correspondiam a nenhum elemento do original. Só que no caso de Vizioli havia muito mais acréscimos do que no texto de Campos – 15 contra apenas duas. Mais ainda: dos 15 acréscimos de Vizioli, nada menos que 11 ocorriam em posição final do verso, indicando que as palavras haviam sido acrescentadas para obter uma rima, enquanto Campos só fizera um único acréscimo em posição final – ou seja, em quase todos os casos ele conseguira rimar utilizando apenas material semântico do original. Mas essa descoberta tinha também

uma outra implicação, inesperada: a versão em decassílabos de Campos era mais fiel no plano semântico do que a em dodecassílabos de Vizioli. O maior número de sílabas oferecido pelo dodecassílabo não permitira que Vizioli fosse mais fiel, e sim levava-o a fazer acréscimos verbais que alteravam o sentido geral do poema, por vezes de maneira desastrosa.

Pouco depois da realização desse estudo, uma aluna minha na PUC-Rio, Débora Landsberg (2007), recebeu uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e manifestou interesse em trabalhar com tradução de poesia. Para testar mais uma vez minha hipótese, selecionamos alguns pares de traduções de sonetos de Shakespeare, em que um membro de par era em decassílabos e o outro era em dodecassílabos. A análise contrastiva dessas traduções constatou novamente que a fidelidade não era maior nas versões em doze sílabas, as quais tendiam a ser mais prolixas e a conter acréscimos desnecessários. Esses estudos levaram-me a uma conclusão importante. A opção por um metro mais curto força o tradutor a fazer cortes que por vezes podem ocasionar perdas indesejáveis, mas a escolha de um metro mais longo pode levar a acréscimos que, via de regra, tendem a ser mais perniciosos que os cortes, por representarem matéria estranha ao poema original. Melhor uma estátua autêntica com os braços faltando do que uma outra inteira, mas com braços acrescentados por alguém que talvez desconhecesse as intenções do artista original.

Nos primeiros anos da pesquisa, dei mais ênfase à análise de versos formais em português e inglês. Mais recentemente, tenho tentado ampliar o escopo do estudo em dois sentidos. No campo da prosódia comparada português-inglês, que permanece central para mim, por serem esses os dois idiomas que domino e que traduzo, minha atenção agora está mais voltada para as formas que costumam ser denominadas “verso livre”.

Minha primeira preocupação tem sido a de estabelecer discriminações nesse campo, pois o termo “verso livre” é utilizado para cobrir um espectro de formas amplo demais, tendo num extremo o verso polimétrico do pré-modernismo francês, passando pelo “verso liberto” do primeiro modernismo anglo-americano (utilizando a expressão de Hartman, 1980), pelo verso livre clássico de Whitman e Álvaro de Campos, pelo verso irregular, curto, marcado pela fala coloquial, introduzido no Brasil por Oswald de Andrade e popularizado pela chamada “geração marginal”, até chegar, no extremo oposto, ao verso fracionado, despido de sintaxe, com utilização tão radical do *enjambement* que com certa frequência ocorre tmese no final do verso, desenvolvido por Cummings, difundido entre nós pelos concretistas e largamente utilizado pelos poetas brasileiros das gerações mais jovens. Abrigar toda essa diversidade formal sob o guarda-chuva do termo “verso livre” me parece uma simplificação grosseira. O desenvolvimento de uma tipologia do verso a partir do simbolismo é, a meu ver, um trabalho que precisa ser realizado.

Mas seria impossível estudar as novas formas do verso na modernidade focalizando-se apenas o verso inglês e o português. A posição central assumida pela literatura francesa no século XIX torna necessária a inclusão de um estudo detalhado do verso francês nesse projeto. Sendo minha formação anglo-americana, tenho conhecimentos relativamente limitados do francês e da poesia francesa; assim, na próxima etapa da minha pesquisa pretendo preencher essa minha lacuna, estudando os desenvolvimentos do verso francês a partir da quebra do alexandrino clássico efetuada por Victor Hugo e passando pela experimentação formal de Rimbaud e dos simbolistas.

Como se vê, ainda há muito que fazer no estudo específico das traduções de poesia do inglês para o português; e o campo maior do que podemos

denominar de prosódia comparada – o estudo contrastivo sistemático dos sistemas de versificação dos diferentes idiomas – ainda está na pré-história. Espero estar dando uma contribuição, ainda que modesta, a uma área de estudos que me parece das mais promissoras.

Referências

ARROJO, Rosemary. “A que são fiéis tradutores e críticos de tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne.” In: *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor.” Trad. de Susana Kampff Lages. In HEIDERMAN, Werner (Org.). In: *Clássicos da teoria da tradução, volume 1: alemão-português*. Universidade Federal de Santa Catarina / NUT – Núcleo de Tradução, 2001.

BRITTO, Paulo H. “Uma forma humilde” (resenha de *A balada do cárcere de Reading*, de Oscar Wilde, trad. de Paulo Vizioli). *Jornal de Resenhas*, n. 60, *Folha de São Paulo*, 11 de março, 2000.

_____. “Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia”. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo. *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Caetés/ UERJ, 2002.

_____. “Fidelidade em tradução poética: o caso Donne”. In: *Terceira Margem X* (15), julho-dezembro, 2006b, p. 239-254

_____. “É possível avaliar traduções?” In: *Tradução em Revista* 3, 2007. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>>.

CAMPOS, Haroldo de. “Transluciferação mefistofáustica.” In: *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

EVEN-ZOHAR, Itamar. “The position of translated literature in the literary polysystem.” *Poetics Today*, v. 1, n. 1, 1997, [1990]. 45-51. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>.

HARTMAN, Charles. *Free verse: an essay on prosody*. Evanston (Illinois): Northwestern University Press, 1980.

LANDSBERG, Débora. “Os sonetos de Shakespeare: estudo comparativo das perdas e ganhos das diferentes estratégias tradutórias”. XV Seminário de Iniciação Científica PUC-Rio, 28 a 31 de agosto. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/let/let_debora_landsberg.pdf>.

LIRA, José. “A invenção da rima na tradução de Emily Dickinson”. In: *Cadernos de Tradução* VI, 77-103, 2000.

